



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA- MEC
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA - UFSB
CENTRO DE FORMAÇÃO EM CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTADO E SOCIEDADE

MAIRA PRIETO BENTO DOURADO

CRIANÇA E FINITUDE:

Um estudo fenomenológico sobre os sentidos da morte da criança

PORTO SEGURO – BAHIA

2019



MAIRA PRIETO BENTO DOURADO

CRIANÇA E FINITUDE:

Um estudo fenomenológico sobre os sentidos da morte da criança

Orientador: Prof. Dr. Márcio José Silveira Lima

Coorientador: Prof. Dr. Roberto Novaes de Sá

PORTO SEGURO - BA

2019

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)
Universidade Federal do Sul da Bahia – Sistema de Bibliotecas

D739c Dourado, Maira Prieto Bento

Criança e finitude: um estudo fenomenológico sobre os sentidos da morte da criança. / Maira Prieto Bento Dourado. – Porto Seguro, 2019.
133 p.

Orientador: Márcio José Silveira Lima
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Sul da Bahia.
Programa de Pós-Graduação em Estado e Sociedade.

1. Criança. 2. Morte. 3. Psicologia Fenomenológico-Existencial. 4
Heidegger. I. Lima, Márcio José Silveira. II. Título.

CDD: 155.937

CRIANÇA E FINITUDE:

Um estudo fenomenológico sobre os sentidos da morte da criança

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em estado e Sociedade, Centro de Formação em Ciências Humanas e Sociais da universidade Federal do Sul da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Estado e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Cultura e Subjetividade.

Aprovada em 25 de janeiro de 2019.

BANCA EXAMINADORA



Márcio José Silveira Lima
UFSB/CFCHS/PPGES



Camila Valenzuela
Professora Doutora - Chile



Sandra Adriana Neves Nunes
UFSB/CFTCI/PPGES

RESUMO

O presente trabalho investiga o fenômeno da morte da criança e busca apresentar uma compreensão de como tal experiência desvela, nos modos de pensar a interação criança e mundo, os sentidos singulares da morte da criança para aqueles que com ela convivem. A relação com a morte é, de início e na maioria das vezes, tomada a partir da negação, que se dá diante da impossibilidade de experimentar o fenômeno da própria morte. De quais maneiras o fenômeno da morte da criança pode desvelar modos de pensar criança-no-mundo? A psicologia Fenomenológico-Existencial, com a filosofia de Heidegger, vem recentemente tematizando a criança. Como hipótese, numa perspectiva fenomenológico-existencial e no pensamento heideggeriano, o tema do cuidado (*sörge*) nos permite pensar as vivências do fenômeno da morte como mobilizadoras de distintos modos de ser-com-a-criança-no-mundo, que estavam até então velados. A pesquisa, de caráter qualitativo e exploratório, utiliza a fenomenologia como método de investigação. Visando alcançar o horizonte histórico, buscaram-se autores relevantes que estudaram a morte e a criança na perspectiva fenomenológico-existencial. A pesquisa se divide em etapas: a primeira expõe a discussão de morte no pensamento heideggeriano; a segunda apresenta a perspectiva da Psicologia existencial da morte da criança; por fim, a terceira consiste na realização das entrevistas fenomenológicas, com transcrição detalhada e análise sob a ótica do método fenomenológico de investigação em Psicologia. Criança e morte remetem ao tempo, temporalidades. Diante do encontro da morte e da criança compreendemos que a morte se apresenta ao ser-aí no seu poder ser sem determinar o quando e o fenômeno da morte da criança se desdobra em sentidos singulares daqueles que com ela viveram.

Palavras-chave: Criança, Morte, Psicologia fenomenológico-existencial, Heidegger.

ABSTRACT

The present work investigates the phenomenon of the death of the child and seeks to present an understanding of how such experience reveals in the modes of thinking the child and world interaction the singular meanings of the death of the child to those who live with it. The relation with death is, at the beginning and most of the time, taken from the denial, which occurs in the face of the impossibility of experiencing the phenomenon of death itself. In what ways can the child's death phenomenon unveil ways of thinking child-in-the-world? The Phenomenological-Existential psychology, based on the philosophy of Heidegger, has recently been thematizing the child. As a hypothesis, in a phenomenological-existential perspective and in Heideggerian thought, the theme of care (*sorge*) allows us to think about the experiences of the phenomenon of death as mobilizers of different ways of being-with-the-child-in-the-world, then veiled. The research, of qualitative and exploratory nature, uses phenomenology as a research method. In order to reach the historical horizon, we searched for relevant authors who studied death and the child in the phenomenological-existential perspective. The research is divided into stages: the first exposes the discussion of death in Heidegger's thought; the second presents the perspective of existential psychology of the death of the child; Finally, the third one consists of the phenomenological interviews, with detailed transcription and analysis from the perspective of the phenomenological method of investigation in Psychology. Child and death refer to time, temporalities. Faced with the encounter of death and the child, we understand that death presents itself to being-there in its power to be without determining when and the phenomenon of death of the child unfolds in singular senses of those who lived with it.

Keywords: Child; Death; Phenomenological-Existential Psychology; Heidegger.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
Fenomenologia e método	22
DAS ENTREVISTAS E DE SEUS SENTIDOS	25
Entrevista de explicitação.....	25
Análise fenomenológica do conteúdo das transcrições.....	26
Uma possível analítica dos sentidos do fenômeno da morte da criança.....	27
CAPÍTULO 1	28
A MORTE NO PENSAMENTO HEIDEGGERIANO: A INVESTIGAÇÃO DO SER-PARA-A-MORTE, DA TEMPORALIDADE, DA COTIDIANIDADE, DA FACTUALIDADE E CUIDADO	28
1.1 O FENÔMENO DA MORTE: UMA ANÁLISE EXISTENCIÁRIA A PARTIR DO PENSAMENTO HEIDEGGERIANO	28
1.2 A NOÇÃO DA MORTE EM HEIDEGGER	29
1.3 DA OCUPAÇÃO À PRÉ-OCUPAÇÃO.....	32
1.4 SER-COM: A POSSIBILIDADE EXISTENCIÁRIA DE EXPERIMENTAR A MORTE ATRAVÉS DA MORTE DO OUTRO	35
1.5 FINAL E TOTAL / INÍCIO E FINAL	39
1.6 A ESSÊNCIA DA VIDA A PARTIR DO SENTIDO DA MORTE.....	42
CAPÍTULO 2.....	46
A MORTE DA CRIANÇA NA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL	46
2.1. SER CRIANÇA	46
2.2 SER-CRIANÇA NO MUNDO: (DETERMINAÇÕES) E HISTORICIDADE.....	47
2.3 CRIANÇA: DETERMINADA PELA ABERTURA (OU PELO PODER SER)	50
2.4 A ILUSÃO DA ETERNIDADE, DA CRIANÇA ETERNA.....	53
2.5 SER-CRIANÇA-PARA-A-MORTE.....	56
CAPÍTULO 3.....	60
A MORTE DA CRIANÇA ENQUANTO FENÔMENO: OS SENTIDOS DAS ENTREVISTAS.....	60
3.1 A DASEINANÁLISE COMO POSSIBILIDADE INTERPRETATIVA DAS ENTREVISTAS	60

3.2 ENTREVISTAS	63
3.2.1 FRAGMENTOS DOS RELATOS AGRUPADOS	66
3.2.1.1 <i>Relatos agrupados: entrevista 1</i>	66
3.2.1.1.1 Síntese compreensiva da entrevista 1	69
3.2.1.1.2 Quadro ilustrativo da relação dos grupos sincrônico e diacrônico da entrevista 1	70
3.2.1.2 <i>Relatos agrupados: entrevista 2</i>	71
3.2.1.2.1 Síntese compreensiva: entrevista 2	74
3.2.1.2.2 Quadro ilustrativo da relação dos grupos sincrônico e diacrônico da entrevista 2	75
3.3 DISCUSSÃO SOBRE O AGRUPAMENTO SINCRÔNICO COMO UNIDADE DE SENTIDO	76
3.3.1 QUADROS DO AGRUPAMENTO SINCRÔNICO COMO UNIDADE DE SENTIDO	82
3.3.1.1 <i>Quadro da entrevista 1</i>	82
3.3.1.2 <i>Quadro da entrevista 1</i>	84
3.4 CONTRIBUIÇÕES HEIDEGGERIANAS PARA PENSAR AS ENTREVISTAS	86
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS	96
APÊNDICES	100
APÊNDICE A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	100
APÊNDICE B: Parecer Consubstanciado do CEP	103
ANEXOS	107
Entrevista 1	107
Entrevista 2	123

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho de onde eu vim, onde estou e para onde eu vou.

Aos meus pais, muita gratidão

Ao meu esposo, meu amor

Aos meus filhos, minha vida.

AGRADECIMENTOS

Escrever é uma arte, um desenho no papel que se eterniza. O escrever acadêmico é uma escultura que se faz a muitas mãos. Gostaria de agradecer a cada um que trilhou ao meu lado, de algum modo, o percurso desta dissertação de mestrado.

Primeiro sou grata às energias divinas que me acompanharam e me iluminaram neste caminho quando necessário;

Agradeço aos meus pais, Antônio e Ana, que me deram a vida e me ensinaram a caminhar, sempre com firmeza, apoio, compreensão e com muito amor;

Agradeço ao meu esposo Diego, que com muito amor e serenidade caminhou ao meu lado, me fazendo acreditar que era possível continuar nos momentos mais difíceis;

Agradeço imensamente aos meus filhos, Gael e Liz, pelo amor incondicional e por compreenderem minha ausência, compartilharem suas insatisfações e me ajudarem a equilibrar os pratos em meio ao caos;

Agradeço a Lígia, que tornou possível a minha tranquilidade cuidando dos meus filhos, da minha família e da minha casa em todo o período de ausência tão necessário nesses dois anos;

Agradeço a todos os professores que contribuíram para o meu crescimento acadêmico até eu chegar ao mestrado;

Agradeço aos professores do PPGES, especialmente aqueles com quem pude conviver no cotidiano das aulas – Álamo, Maria Aparecida, May, Rafael, Luciane, Sandra, Janaína, Luís Antônio e Chico – que foram responsáveis pela importante transformação e ampliação do meu pensar para além dos campos da psicologia e da filosofia;

Agradeço a toda equipe técnica que tornou possível viabilizar os trâmites de uma primeira turma de pós-graduação;

Agradeço ao meu coorientador, Prof. Dr. Roberto Novaes, por ter me acompanhado com muita serenidade e sabedoria, me orientando e me esclarecendo nos momentos precisos com sua gentileza singular;

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Márcio José Silveira Lima, por toda a paciência, dedicação e amizade durante a elaboração desta dissertação. Em todos os momentos presente, me fazendo refletir hermenêuticamente nos caminhos escolhidos, me guiando quando necessário e dando liberdade para me desafiar quando possível. Gratidão por ter me corrigido quando indispensável, sem nem por um instante me desmotivar;

Agradeço às mães toda a generosidade de compartilhar suas experiências, suas histórias, me permitindo caminhar academicamente a partir dos seus relatos;

Agradeço a todos os amigos que compartilharam comigo o cotidiano e que durante esse período me deram suporte material, psicológico e espiritual, que estiveram sempre presentes com mensagens, palavras de apoio e momentos de diversão tão necessários nessa imersão intelectual que é a escrita de uma dissertação.

Agradeço, aos meus colegas de curso por compartilharem suas vivências tornando o cotidiano do PPGES uma agradável experiência para além dos limites institucionais;

Agradeço à FAPESB pelo apoio financeiro, grande facilitador de tantos processos indispensáveis ao percurso do pesquisador;

Agradeço a todas essas delicadas mãos que tornaram possível chegar até o final desse trabalho.

Gratidão!

NOTA LIMINAR

Sobre a tradução: nas últimas décadas, Heidegger foi traduzido por diversos autores, os quais, para um mesmo verbete alemão, apresentam verbetes distintos em português, de acordo com o que compreendem ser mais claro para sua tradução. Nesta pesquisa utilizei diferentes fontes e traduções; desse modo, buscando tornar a leitura palatável e coerente, uso aqui um único verbete em português para seu correspondente em alemão: o termo *Dasein* pode ser escrito na língua original ou traduzido como ser-aí; o termo *Sorge* é traduzido como cuidado; *Fürsorge* como preocupação; *Besorgen* como ocupação; *Entspringen* como preocupação substitutiva e *Vorausspringen* como preocupação antepositiva. As modificações foram feitas inclusive nas citações, que podem ser consultadas na bibliografia original.

* * *

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa investiga o fenômeno da morte da criança e apresenta uma compreensão de como tal experiência desvela os sentidos singulares da morte da criança para aqueles que com ela convivem e, contribui para alargar os modos de pensar a interação criança e mundo. A investigação está orientada pela fenomenologia existencial e a compreensão busca seus fundamentos no pensamento heideggeriano. A relação com a morte é, de início e na maioria das vezes, tomada a partir da negação, que se dá diante da impossibilidade do ser-aí experimentar o fenômeno da própria morte e apresenta diversos desdobramentos na experiência da vida cotidiana. Como, a partir do fenômeno da morte da criança, os sentidos se revelam no mundo?

Meditar sobre a morte e o morrer resgata questões que são inerentes àqueles que trabalham com terapêuticas de cuidado com as crianças, em especial a Psicologia clínica com crianças. O cuidado com a criança é acompanhado de solicitações que, por vezes, não tratam a criança e sua possibilidade de finitude, desmembrando-se em questões como: os pais estão diante de seu filho ou de uma imagem idealizada do seu filho? A família poderia se dar conta de como é experimentar ou descobrir-se no mundo de uma criança com ela, ou apenas no momento em que ela deixar de ser-criança? Será que se a família soubesse da possibilidade de não ter mais seu filho correndo pela casa, ela se relacionaria com ele baseada em algo futuro, ainda por acontecer, que nem ela sabe se acredita? Será que o mundo e a sociedade, se pensassem na possibilidade de uma criança morrer, se relacionariam com a criança ou com uma representação/imagem/expectativa de criança?

Nas amarras da ciência, a pesquisa lança-nos algumas questões: como refletir sobre a possibilidade da morte da criança, senão pelo fenômeno da morte em si? Como estudar o sentido da morte de uma criança, senão diante da não existência dessa criança? Como estudar a possibilidade de morte de uma criança senão por aqueles que já não estão mais com ela, e sim com as relações que ela permeou no mundo?

Poderíamos propor refletir sobre a morte, e tudo o que ela envolve, de modo teórico. Porém, de que maneira buscaríamos o sentido desse fenômeno na nossa sociedade? Compreender os sentidos da morte da criança torna-se possível somente a partir daqueles que, com ela enquanto criança-no-mundo, estabeleceram relações. Então, de que modo refletir sobre a morte da criança no mundo em que estamos pode vir a contribuir para a afetação

social desse fenômeno? Pontuamos afetação social do fenômeno da morte da criança, pois a finitude é tratada no âmbito das afetações emocionais, que são compreensíveis, porém não geram ações efetivas, perdem-se numa comoção frívola que se esvai com a mesma velocidade que a informação chegou. Aos entes que vivenciaram a morte de sua criança, resta seguir dentre os caminhos possíveis – seja a solidão, o abandono à dor, o sofrimento, a culpa de não terem sido capazes de evitar o inevitável, a resiliência, o enfrentamento, a ressignificação da experiência, entre outros. Resta viver na ausência ôntica, a ausência do físico, contudo na presença ontológica, a qual se concretiza nas lembranças.

Neste mundo que é o nosso, parece-nos que tudo está sendo falado e tratado de modo tão superficial, que a vida segue calcada nas experiências negativas dos fenômenos da perda que vão se omitindo e se constituindo nas vidas das famílias enlutadas, e os conteúdos das experiências se perdem do social para se restringirem ao privado. Esse distanciamento da experiência, de certa forma, é determinado por este mundo em que estamos, no qual, para sustentarmos a potência das sensações, torna-se necessário dar uma forma para que ele fique palatável à nossa existência.

No campo das ciências humanas, a criança e a morte vêm sendo amplamente investigadas. A Psicologia vem se apresentando como um amplo campo do saber sobre ambos os temas. A Psicologia Fenomenológico-Existencial, num diálogo com a filosofia de Heidegger, vem, nas últimas décadas, desenvolvendo estudos voltados à fase inicial da existência, abrindo um espaço para tematizar a criança enquanto ser-no-mundo. Numa perspectiva fenomenológico-existencial e no pensamento heideggeriano, o tema do cuidado nos permite pensar as vivências do fenômeno da morte como mobilizadoras de distintos modos de relacionar criança e mundo, na relação que ela mantém consigo mesma e com outros entes que têm o modo de ser do ser-aí, e que estavam, até então, velados.

Há algum tempo, a proposta de articular as experiências de vida concretas com a filosofia desafia profissionais de diversos campos, incluindo a Psicologia. Aqui, articulamos aquilo que Heidegger defende em seu trabalho: filosofar sobre coisas cotidianas, sobre existências mundanas, sobre a vida e sobre a morte. Ser e Tempo (*Sein und Zeit*), a principal obra do autor alemão, publicada em 1927, traz à cena a ontologia fundamental, que é, em essência, a compreensão do ser no mundo fático, no qual não há uma cisão, senão didática, entre o ôntico e o ontológico. A ontologia fundamental tem como tema "o ente ôntico-ontologicamente assinalado, o *Dasein*, e isso de tal maneira que ela se ponha ante o problema, a saber, ante a pergunta pelo sentido do ser em geral" (HEIDEGGER, 2012, p. 127). O ôntico refere-se àquilo que é cotidiano ao ente, o mundo circundante no qual ele se insere e exerce

suas tarefas e vivências concretas. Ele está, na medida em que desde sempre o ser é ontológico, no seu caráter de poder interrogar-se no seu estar em jogo no mundo. Heidegger (2006) esclarece que fenômenos ônticos são perceptíveis – por exemplo: uma mesa – e fenômenos ontológicos não são perceptíveis sensorialmente, de modo que não há como segregar a vida concreta do poder ser, do ser-aí.

Essas reflexões de Heidegger sobre o tema da morte, pensadas como possibilidades de abertura aos possíveis, influenciaram a Psicologia Fenomenológico-Existencial. Nesse aspecto, Medard Boss buscou uma tentativa de articular o pensamento do filósofo alemão com as demandas clínicas das suas atividades enquanto psiquiatra. Boss desenvolveu, com Binswanger, a proposta clínica da Análise do *Dasein*, chamada de Daseinsanálise. A Psicologia Fenomenológico-Existencial vem, recentemente, desenvolvendo estudos voltados à fase inicial da existência, abrindo um espaço para tematizar a criança enquanto ser-no-mundo (FREITAS, 2015). Aqui, a criança não está fechada em si como se diante de um fenômeno pré-estabelecido como, por exemplo, uma fase do desenvolvimento previamente determinada, um comportamento que será trazido para fora. O ser-aí-criança está no mundo nos modos de ser preenchidos de intencionalidade, que revelam seu primeiro momento de entrega ao mundo (HEIDEGGER, 2008).

Heidegger apresenta críticas aos modelos desenvolvimentistas deterministas, ainda vigentes à sua época, a Psicologia Fenomenológico Existencial e a Daseinsanálise partem de tais críticas para ampliar o campo do conhecimento do desenvolvimento humano na primeira etapa da vida do homem buscando iniciar a sua investigação a partir do método fenomenológico.

Em 1959, após uma década de troca de cartas com o psiquiatra Medard Boss, Heidegger iniciou uma série de seminários destinados a médicos, psiquiatras e psicoterapeutas, que foram posteriormente publicados no livro *Seminários de Zollikon*. A partir desses diálogos, surgiu uma nova possibilidade diante das posturas clínicas apropriadas pela Psicologia, pela Psiquiatria e pela Clínica psicoterapêutica, até então direcionadas exclusivamente pela perspectiva cientificista, de verdades determinadas aprioristicamente, um ente encerrado em si, pré-estabelecido, simplesmente dado.

A Psicologia, por sua vez, adentrou o mundo das ciências com um esforço para que fosse aceita como tal. A Psicologia, ciência que estuda o comportamento do homem, desafiou-se a defender conteúdos mensuráveis, objetivos e estáticos; contudo, seu objeto primeiro, o homem – seus comportamentos, sentimentos, pensamentos – de modo algum se amolda em uma forma rígida. Nos seminários publicados, Heidegger (2006, p. 255) defende

que "as teorias psicológicas surgem sob a pressão da tradição, porque a tradição nada conhece além do caráter do ser da substancialidade e da objetivação e da coisificação, com a colocação de uma eterna substância da alma". O homem, em seu caráter dinâmico e mutante, continua a ser um desafio para aqueles que buscam explicá-lo diante de uma norma ou de uma teoria. À Filosofia cabia, até então, ocupar-se do mundo das ideias, contudo Heidegger (1999), em seu texto *O que é isto - a Filosofia?*, defende que filosofar é se debruçar sobre as coisas do homem, sobre a sua existência, sobre a sua época, sobre o seu tempo. Defende uma filosofia prática. Defende uma compreensão fática dos fenômenos que se desvelam num mundo previamente determinado.

Os *Seminários de Zollikon* ofereceram embasamento para uma clínica calcada na analítica do *Dasein*, a partir da qual se desenvolveram propostas de clínicas psicoterápicas chamadas fenomenológicas e existenciais. A Psicologia Fenomenológico-Existencial vem buscando embasamento para fortalecer sua proposta de compreensão do ser. A Daseinsanálise não se propôs a ser uma ciência, contudo a Psicologia, enquanto profissão, apropriou-se desse fazer clínico que destoava do imposto pela tradição e oferecia uma escuta disponível e compreensiva, baseada nos *Seminários de Zollikon*. Surgiram, então, estudos e psicoterapias denominados Psicologia Fenomenológico-Existencial. Assim, a proposta clínica de compreensão do ser está relacionada ao sentido que surge a partir da vida, da experiência das coisas enquanto coisas para que, no processo de compreensão do ser, a pessoa se aproprie daquilo que ela é, tal qual ela é. Sá (2017) compreende que a Psicologia, nesse paradigma, visa à compreensão do ser a partir de uma relação de cuidado, destinada a uma busca de sentido que não descarta a técnica, tampouco se submete a ela de forma autômata, caminhando para a cura, mas não

[...] a partir de modificações de condições objetivas, externas ou internas, do sofrimento, mas, à liberdade, através da apropriação 'desnaturalizante' do campo intencional de sentido em que se constitui a experiência de sofrimento. Este labor compreensivo jamais se reduz totalmente ao trabalho técnico, porque ele transcende de modo radical o âmbito da determinação das causalidades naturais, ele envolve a existência em seu plano de totalidade de sentido, onde ela é sempre minha e está sempre em jogo aqui e agora (SÁ, 2017, p. 97).

Diferente da Psicologia, a Psicologia Fenomenológico-Existencial não trabalha as questões ônticas se concentrando em definir, regular ou encontrar causas ou efeitos, mas sim mediando a possibilidade daquele que busca por ajuda para compreender o sentido do seu ser-aí. É nesse caminho – que tem como cerne o pensamento Heideggeriano – que, a partir da

experiência do fenômeno, se buscaram os sentidos mais próprios do fenômeno da morte da criança.

O pensamento heideggeriano nos fornece na perspectiva fenomenológico existencial um relevante embasamento filosófico para investigar o sentido da morte da criança bem como os sentidos singulares da morte da criança para aqueles que com ela conviveram. Investigar o sentido da morte da criança à luz da perspectiva heideggeriana nos leva a explicitar do que trata tal empreendimento. Para tanto, foi necessário dividir tal objetivo para uma compreensão situada do que pretendemos abarcar. Foi preciso, minimamente, balizar os termos sentido, morte e criança para se constituir um novo prisma do que é a investigação do sentido da morte da criança. Quero aqui deixar claro que compreendemos os atravessamentos de diversas perspectivas tradicionais, sejam elas históricas, psicológicas ou filosóficas. Contudo nosso caminho tem uma perspectiva que não se ancora nelas. Os sentidos, a partir das relações de sentido, apresentam um amplo horizonte de significados (abarcado no capítulo reservado às entrevistas); a perspectiva ontológica da morte apresentada em *Ser e Tempo*, que de modo algum se representa em estruturas ônticas está sendo abarcada no capítulo sobre Heidegger e a morte); e por fim, a criança, que na perspectiva hermenêutica/fenomenológica/existencial precisa ser compreendida à luz da sua época sem as determinações teóricas disseminadas pela ciência moderna¹.

Mattar (2017) assinala a difícil tarefa dos profissionais de Psicologia que trabalham com a Fenomenologia Existencial, os quais se arriscam entre uma filosofia sem realidade concreta e uma prática sem filosofia: "Como conciliar a meditação sobre os fenômenos ontológicos e o atendimento a demandas ônticas de pessoas de carne e osso que procuram atendimento e narram suas angústias, dúvidas, dores e situações existenciais" (ibidem, p. 7). A autora ainda aponta o risco de profissionais, apoiados na lacuna de uma atitude preocupada antepositiva, adotarem posturas teóricas pouco consistentes.

Dastur e Cabestan (2017) reafirmam a diferença da Psicologia e da proposta fenomenológica, nos dizendo que é próprio da primeira que "[...] ela volte à atitude natural, a fim de buscar empiricamente, sobre o território do mundo, mas livre da ingenuidade do anterior, a ciência universal dos homens do ponto de vista de seu ser psíquico, individual e social" (ibidem, p. 25).

Por um lado, a Psicologia moderna positivista busca por resultados, por produção, por mensuração e esquadramento; por outro lado, a Psicologia Fenomenológico-Existencial

¹ O presente trabalho limitou-se às perspectivas modernas do desenvolvimento da criança, visto que estão coerentes com as críticas heideggerianas.

busca a compreensão dos sentidos do fenômeno tal qual ele se mostra, para aquele que ele se mostra, no espaço e no tempo no qual o fenômeno se mostra. O sentido do fenômeno é dado pelo ser-aí que o experimenta, trata-se de uma experiência única, que não será repetida nem ao menos no discurso. E por que, então, buscamos nos discursos daqueles que vivenciaram a morte de uma criança os sentidos de tal fenômeno? De que modo as entrevistas contribuem para a compreensão do sentido do fenômeno da morte das crianças? Como foi o acesso a esses discursos?

A entrevista é o ponto de interseção entre a Psicologia e as propostas heideggerianas. Considerando a importância e o rigor do bem perguntar, Heidegger lança os investigadores à experiência. Seus escritos contribuem para a postura de abertura a qual um ente, ao modo de ser do ser-aí, ao modo da preocupação antepositiva, pode estar com outro ente que tem modos de ser do ser-aí. O fenômeno das entrevistas é a experiência da morte da criança, o entrevistador é um ente e o entrevistado outro ente, ambos com os modos de ser do ser-aí. Ao entrevistado foi aberto um espaço a partir de perguntas direcionadas e focadas, baseadas na técnica "entrevista de explicitação", de Vermersch (2002), que busca os sentidos mais próprios das experiências. Ao entrevistador cabe estabelecer uma postura rigorosa de abertura, na qual habita a serenidade.

Adotamos a fenomenologia hermenêutica heideggeriana como uma interpretação rigorosa e atenta para os significados explícitos historicamente, que fazem sentido na totalidade da descrição interpretada e à luz da interrogação que movimenta a investigação, procurando então desvelar o fenômeno, analisá-lo e descrevê-lo, assim chegando à compreensão da estrutura formal do fenômeno, o que é considerado a sua essência. O investigador, diante do fenômeno a ser interrogado, deve se colocar numa postura de abertura compreensiva para o que se mostra sem explicações e crenças prévias ou pressupostos teóricos.

Para investigar o fenômeno da morte de uma criança é preciso ir ao fenômeno onde ele está com aqueles que experimentaram tal vivência. Aqui ele foi estudado no seu caráter de poder ser, sem causalidade pré-definida, não associado necessariamente a doenças crônicas ou a fatores de violência social. No presente estudo, o interesse foi direcionado para a experiência do fenômeno da morte e não para a causa da morte. Diante das limitações que se fazem necessárias para a pesquisa científica, se concentrou na morte repentina de crianças, ou seja, uma morte não aguardada. Em sua condição primitiva, o ser-aí-criança está, na maioria das vezes, sob a tutela de alguém, aquele que cuida e está próximo, pode ser em família ou em ambiente hospitalar; no caso das crianças, são pais, mães, avós, tios, primos, médicos,

enfermeiros ou cuidadores. Foi nesse contexto de proximidade que a pesquisa buscou, no município de Porto Seguro, pessoas interessadas em falar da experiência vivenciada. Para isso, as entrevistas de explicitação (VERMERSCH, 2002) tematizaram a morte da criança com uma postura de abertura e acolhimento, sendo utilizadas perguntas norteadoras, como: Como você vivenciou a morte da criança? Por favor, descreva-me como foi a experiência de tomar consciência da morte desta criança. Considerando que o relato de experiência é único, e acontece a partir de uma escuta disponível e atenta, foi possível dar voz à temática, para que ela ganhasse caminhos e não fosse trancafiada num passado sombrio – tampouco levasse a futuros sem tempo de brincar e viver.

Afunilando a temática da morte, versar sobre o morrer da criança, na perspectiva ôntica, mostra-se um campo gerador de incômodos e ainda muito silenciado na literatura. Podemos destacar, tanto na Psicologia como em outras áreas que investigam a morte, estudos sobre a percepção que a criança tem da morte; apesar disso, a produção sobre a morte da criança ainda se mostra reduzida. No Brasil, após um levantamento preliminar nas plataformas de divulgação científica, LILACS, Scielo, MEDLINE, PSICInfo, percebemos que os estudos são escassos, apesar de haver um elevado índice de morte de crianças². Em países como a China, Holanda e Afeganistão existe uma busca por compreender o modo como as pessoas envolvidas com a criança percebem a morte da mesma, o que propicia o desenvolvimento de políticas públicas de assistência para os pais, irmãos e familiares, que precisam da oferta desse espaço, visto que nem sempre é possível uma busca ativa para a compreensão do fenômeno da morte vivido. As pesquisas são recentes e estão, geralmente, nas áreas da Enfermagem e Psicologia, e englobam este tema da morte ôntica da criança ainda de modo embrionário (BARBOSA; MELCHIORI; NEME, 2011). Não obstante, os estudos que se desenvolvem dentro da perspectiva fenomenológico-existencial aparecem ainda mais escassos.

Em síntese a revisão de literatura apontou para relevância da presente pesquisa, visto que há uma lacuna acadêmica que tangencia a delicadeza do tema da morte de uma criança e o silêncio que se contradiz com a necessidade de debater o assunto. O estudo Norte Americano de Boyden et al (2014) investigou as experiências após a morte de crianças num espaço temporal de 36 anos e assinalou para a cultura e condição socioeconômica como fatores a serem investigados como na análise das entrevistas. A investigação brasileira de

²Segundo dados obtidos no DataSus em <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sim/cnv/evita10ba.def> acessado em 04 de agosto de 2017.

Barbosa et al (2011) voltou-se para critérios rigorosos que apontam para a importância do trabalho sobre a morte da criança que denuncia a falta de produção sobre o tema da experiência da morte no ambiente familiar, como também sobre a abordagem metodológica da fenomenologia.

Visando compreender a morte da criança enquanto ser-aí-criança, seguimos as orientações de Heidegger referentes ao ser-aí. Foi necessário um levantamento deste horizonte a partir da perspectiva do próprio filósofo, que apresenta uma visão de mundo diferenciada das ciências como a História, a Antropologia, a Teologia, a Sociologia e a Psicologia. Apesar de essas ciências contribuírem para a montagem do cenário, que é o mundo fático determinado por sentidos pré-estabelecidos, no qual o ser-aí está, ainda assim são perspectivas restritivas e determinantes que tendem a generalizar o ser-aí, fazendo com que ele perca sua abertura determinante. Heidegger, em sua proposta de pensar o ser-aí enquanto ser-para-morte, coloca em jogo o poder morrer desse homem no modo de ser do ser-aí.

Tematizar a morte a partir da perspectiva do ser-aí, da abertura que lhe é característica, permite à pesquisa atentar-se para a morte de uma criança que morre no mundo, num mundo que é dela dentro da sociedade. Estar aberto ao fenômeno da morte da criança não é escolher qual morte estudar, ou em que situação ela será mais bem descrita, é estar onde o fenômeno da morte da criança acontece, em diversas esferas econômicas e sociais, sem reduzi-lo a uma determinação qualquer que não seja o próprio fenômeno da morte da criança. As características referentes aos critérios econômicos, políticos e sociais de cada fenômeno da morte das crianças emergiram a partir das entrevistas com o resgate dos conteúdos das experiências.

No primeiro capítulo, com o intuito de compreender o fenômeno à luz da fenomenologia hermenêutica heideggeriana, discorreremos sobre análise existencial³ da morte enquanto característica constitutiva do ser-aí e sua possibilidade mais própria, que é o seu ser-para-a-morte – buscando apresentar, de forma resumida e clara, essa morte que determina o ser-aí desde o seu nascimento e o acompanha até o seu não-ser-mais-aí. Ao modo próprio ou impróprio, o ser-para-a-morte, o ente ao modo de ser do ser-aí frente à angústia, desvela o ser-aí enquanto cuidado (*sörge*). Seguimos pensando na morte da criança como possibilidade a partir da facticidade, ou seja, ela pode ter-se feito presente como possibilidade ou como fato em si.

³A análise existencial comporta uma análise ontológica da morte, seguindo o que Heidegger propôs em *Ser e Tempo*.

No segundo capítulo, apresento a Psicologia Fenomenológico-Existencial, inspirada nos caminhos percorridos pelos autores existencialistas, aqui mais especificamente Heidegger, autor que trata a morte como um existencial e a criança como um ser-aí-criança. Não é intratemporal, tampouco intra-histórico, a vida é histórica e temporal; do ponto de vista de Heidegger, a vida se temporaliza. A essência é a existência, ser-aí é, necessariamente, ser-aí no tempo e no mundo. Refletir sobre o fenômeno da morte, enquanto um existencial, possibilita uma ponte irreduzível com a cultura e a historicidade, abrindo caminhos para pensar a morte como um constituinte cultural, no qual a aceitação ou a evitação revelam um conflito e colaboram com os desdobramentos de organização social que se dão nos encontros e desencontros com o morrer.

O terceiro capítulo traz à cena o fenômeno da morte da criança a partir da descrição das entrevistas e da análise dos sentidos explicitados pelos entrevistados que experimentaram o fenômeno da morte repentina de uma criança (de 1 a 16 anos). As entrevistas e a análise de seus sentidos foram feitas criteriosamente embasadas na metodologia utilizada nas pesquisas fenomenológico-existenciais, mais especificamente as entrevistas de explicitação de Vermersch (2002). Na medida em que o encontro com a morte das crianças leva ao encontro mais próximo com a sua finitude, desvela, então, a possibilidade de ver o mundo com maior abertura para aquilo que se mostra. O ser-aí pode experimentar as sensações das quais foi expectador no momento em que se entregar à experiência assistida – entretanto, não é possível se concretizar, na existência que é a sua própria, esse fenômeno que é a morte. Quando o ser está experimentando o fenômeno da morte, não pode desenvolver um pensamento crítico sobre tal experiência, visto que ao fim do fenômeno ele será, então, um não-ser-mais-aí, findando assim seu poder-ser.

Entrelaçadas, criança, vida e morte não merecem ser representadas como antagônicas. Talvez nem representadas, mas sim vivenciadas no seu caráter mais próprio de viver para morrer um dia; entretanto, negar a vida para evitar o óbito aponta formas de viver desapropriadas, orientadas pelo temor da morte. A vida reduzida a fato biológico também perde a sua essência, a sua vitalidade, morre-se em vida, vive-se em sofrimento. A morte tomada enquanto fato biológico é observada, se ilude acreditando em poder escolher quando e onde, e nessa ilusão a vida vai passando, afirmando a temporalidade da nossa existência.

Fenomenologia e método

O objetivo central de investigar os sentidos da morte da criança à luz da perspectiva fenomenológico-existencial nos leva a delinear como foi o percurso trilhado para contemplar os objetivos da presente pesquisa. Um percurso delicado e forte que exigiu disponibilidade e cuidado dos envolvidos.

Para tanto foi necessário dividir o objetivo em etapas, para uma compreensão situada do *que* e *como* pretendemos abarcar. A escolha de um fenômeno a ser investigado traz em si o *que* será o conteúdo da pesquisa e uma inclinação de *como* ela será realizada. Optamos por apresentar sob qual perspectiva os termos já conhecidos seriam empregados: morte, criança e sentido; para construir um caminho metodológico de compreensão, trabalhamos os termos: morte, criança e sentido, transformando-os em capítulos. A pesquisa, sob a perspectiva da fenomenologia ontológico-existencial, dedicou-se em indicações metodológicas escolhendo autores que se debruçam sobre fenomenologia na ontologia, na filosofia da existência e em pesquisas sobre o tema: a fenomenologia enquanto método.

Heidegger nos alerta para o risco de pesquisar a partir de um conhecimento já dado e consolidado pela ciência moderna.

O método fenomenológico, no entanto, permanecerá altamente questionável caso queira recorrer às ontologias historicamente dadas, ou a tentativas congêneres. Tendo em vista que, nessa investigação, o termo ontologia é usado em sentido formalmente amplo, não se pode seguir o caminho da história das ontologias para se esclarecer o método (HEIDEGGER, 2005, p. 56).

Os autores⁴ da tradição trabalharam os temas da morte e da criança a partir de pressupostos orientados pelo modelo positivista criticado pela fenomenologia. Tradição é o termo amplamente usado por Heidegger, na tradução brasileira, para tratar de uma modernidade, um modo de conceber o conhecimento pautado nas ciências positivistas que negligenciam, ao longo de um período de tempo, a arte do estranhamento, estabelecendo modos hegemônicos de fazer ciência e, por vezes, automáticos, diante da ausência de questionamento dentro da própria comunidade de produção do conhecimento. Seguimos a

⁴Autores ao longo do tempo realizaram estudos sobre a morte e a criança. Norbert Elias, Philippe Ariès, Filip de Boeck, José Carlos Rodrigues, Marcel Mauss, Martin Heidegger, Sigmund Freud, entre outros, representam uma amostra de autores que investigaram o tema da morte. Outros teóricos que estudaram a criança poderão dar respaldo para pensar a morte da criança na contemporaneidade, como, Mary Del Priori, Lucia Rabello de Castro, Sigmund Freud, Martin Heidegger, Clarice Cohen, entre outros. Outra visão crítica do espaço histórico político onde a morte da criança acontece, trazendo à tona um debate ainda que inicial, pode ser encontrada nos teóricos decoloniais como Avtar Brah, Ramón Grosfoguel, Enrique Dussel, entre outros.

crítica fenomenológica ao modo positivista de fazer ciência explicativa⁵ na qual se fundamentam a antropologia, a história, a psicologia e a sociologia, visto que não convergem para a fenomenologia apresentada por Heidegger. Adentramos, no presente trabalho, a reflexão a partir da fenomenologia ontológico-existencial, com autores que com ela dialogam de modo antinatural⁶, almejando manter a coerência com os filósofos da existência e a psicologia que os segue.

A Fenomenologia, enquanto um método de investigação, mostra-se capaz de interrogar o fenômeno sem reduzi-lo a fatos cristalizados, ou seja, propõe colocar o fenômeno entre parênteses, sem retirá-lo totalmente do mundo, mas buscando suspender aquilo que é opinião, representação ou generalização, seja da ciência ou do senso comum. O pesquisador busca ir ao fenômeno tal qual ele acontece, despindo-se de teorias ou valores a priori sobre o fenômeno. A fenomenologia busca a origem da experiência no mundo – procurando o fenômeno em sua singularidade, se propõe a analisá-lo e descrevê-lo, assim chegando à compreensão da estrutura formal do fenômeno, sua essência⁷.

Heidegger (2005a) admite que seu caminho na fenomenologia hermenêutica se apresenta como possibilidade a partir da publicação de *Investigações Lógicas*, de Edmund Husserl, onde nasce a fenomenologia. Husserl delineou a fenomenologia como uma filosofia que objetivava a descrição das estruturas da experiência tal qual surgiam à consciência intencional dos sujeitos, visava "a relação entre a subjetividade do conhecimento e a objetividade do conhecer" (HUSSERL, 2007, apud Giorgi; Souza, 2010, p. 124).

No modelo fenomenológico proposto por Husserl, a pesquisa se inicia a partir do estágio da *Epoché*, postura em que é necessário adotar uma atitude fenomenológica diante do fenômeno a ser estudado, manter uma atitude antinatural e suspender as crenças científicas e culturais. No segundo estágio de Redução Fenomenológica, é preciso buscar o instante do fenômeno a ser estudado – a morte da criança –, procurando o centramento no objeto, aqui os sentidos da morte da criança, tal qual surge à consciência e na subjetividade desta que experiencia o objeto intencional, pois o objeto como se dá à consciência é diferente do modo

⁵Segundo Dilthey (2011), a ciência explicativa comporta um modo de compreender os fenômenos, tal qual descrito por Heidegger como o mostrar-se do *Dasein*, a partir de uma relação causa e efeito em consonância com as ciências naturais.

⁶ O modo antinatural é aquele que vai de encontro ao modo natural adotado pelas ciências positivistas modernas.

⁷Não falamos de essência da tradição metafísica e sim da essência que consiste no limite daquilo que não pode ser retirado do fenômeno ou do objeto, sem que ele deixe de ser o que é. Para chegar a tal essência, retira-se tudo que está em excesso como adorno.

como ele "existe realmente"⁸. No terceiro estágio, acontece a Análise Eidética com variação livre imaginativa, processo que consiste em excluir o contingente para alcançar o essencial buscando as estruturas invariantes do fenômeno particular, chegando à essência do fenômeno.

Em *Ser e Tempo*, Heidegger (2005a) apresenta a fenomenologia como única possibilidade de iniciar uma ontologia: "só é possível conquistar o modo de encontro com o ser e suas estruturas nos fenômenos a partir dos próprios objetos da fenomenologia" (ibidem, p. 67). O autor ressalta o risco de visar a apreensão ou a explicação, pois podem alcançar uma face imediata que não permita o acesso ao ente, visto que é a partir dele e de seu modo de ser que se chegará ao fenômeno. O ente ao modo de ser do *Dasein* apresenta tal risco ao investigador pois de início e na maioria das vezes está ao modo do encobrimento. O ser-aí, o ente determinado pelo seu poder ser, é também determinado por ser ôntico e ontológico.

A compreensão da essência do ser proposta por Heidegger exige a investigação do ser a partir da perspectiva da ontologia fundamental abalizada em *Ser e Tempo*, na qual a indagação ontológica do ser "é mais originário do que o perguntar ôntico das ciências positivas" (HEIDEGGER, 2012, p. 57). A investigação ôntica, na qual se debruça a psicologia e as demais ciências modernas, pesquisa aquilo que já é conhecido e de certo modo pré-delimitado por pesquisas difundidas anteriormente, que deixaram de ser re-indagadas. Esse modo de investigação que se dedica a uma repetição autômata é o objeto de afastamento da proposta fenomenológica, ontológica e hermenêutica. A *Dasein* análise, fundamentada na ontologia fundamental de *Ser e Tempo*, dedica-se a um modo de investigação ôntica – podemos também chamar de ciência – que exige uma nova postura do perguntar, que envolve modos de dirigir o olhar, de entender e apreender o sentido, e preparar e possibilitar um modo de acesso ao ente.

Em Heidegger (2005), a descrição fenomenológica do sentido do *Dasein* se dá a partir de uma interpretação, a hermenêutica: "trata-se de uma hermenêutica que elabora ontologicamente a historicidade do *Dasein* como condição ôntica de possibilidade da história factual" (ibidem, p. 69). Complementa salientando que

É no *Dasein* que se há de encontrar o horizonte para a compreensão e possível interpretação do ser. Em si mesmo, porém, o *Dasein* é 'histórico', de maneira que o esclarecimento ontológico próprio deste ente torna-se sempre e necessariamente uma interpretação 'referida a fatos históricos' (HEIDEGGER, 2005, p. 60).

⁸"Existe realmente" se trata de um modo de percepção compartilhado de como aconteceu, de acordo com uma visão externa do fenômeno que se difere de uma visão intersubjetiva, a qual estamos investigando.

Heidegger defende que um fenômeno, ao se desvelar, o faz num tempo e num espaço, ou seja, todo fenômeno se desvela num horizonte histórico de sentido. O autor aponta a relevância de delimitar o tema investigado – assim, a historicidade, o tempo e o espaço no qual se desvela estão engendrados no fenômeno, atravessando-o incessantemente; são constituintes do desvelar. Assim, ao investigar a partir da metodologia proposta, chegamos a conhecer diversas perspectivas da morte da criança a qual investigamos, ou seja, onde ela aconteceu, quando ela aconteceu, quem era esta criança, como esta morte foi percebida.

DAS ENTREVISTAS E DE SEUS SENTIDOS

Entrevista de explicitação

Na medida em que a fenomenologia parte de um dado empírico, procuramos investigar o fenômeno da morte da criança a partir da morte de uma criança, que pôde ser descrita por aqueles que vivenciaram tal experiência. Diante da exigência do método fenomenológico, o ponto de partida foram os sentidos produzidos pela morte da criança, que se desvelaram no acolhimento do discurso de famílias/pessoas que experimentaram o fenômeno da morte de, pelo menos, uma criança entre 1 e 16 anos nos últimos dez anos. A amostra foi escolhida por conveniência: os participantes foram aqueles mais facilmente localizados e que estavam disponíveis para compartilhar suas vivências na entrevista.

O levantamento se desenvolveu a partir de entrevistas direcionadas, de profundidade, devidamente gravadas e transcritas. Prosseguimos em uma leitura atenta; no delineamento dos aspectos centrais das diferentes entrevistas; na descrição das temáticas principais dos discursos. O método utilizado para essa etapa da investigação foi qualitativo, inspirado na entrevista de explicitação (DEPRAZ, 2002), na qual o participante faz um relato da sua experiência descrevendo suas vivências com a maior riqueza de detalhes e sensações que for possível. O entrevistador assume uma postura de abertura capaz de receber e acolher diferentes pontos de vista, permitindo que o participante se repositone intersubjetivamente. A entrevista de explicitação foi desenvolvida por Pierre Vermersch (DEPRAZ, 2002), psicólogo e psicoterapeuta francês, e consiste numa técnica de explicitação (Entrevista de Explicitação), cujo objetivo é acolher e conduzir o participante a uma quebra do nível de descrição habitual, que está atravessado de opiniões e representações – guiando-o, através de

perguntas focadas no próprio discurso do entrevistado, a um nível de consciência no qual atinge o conhecimento pré-reflexivo do fenômeno vivido, de modo que ele consiga descrever, verbalmente ou não, sua experiência, conectado com ela.

A entrevista visou alcançar a experiência vivida no fenômeno da morte de uma criança. A pergunta inicial explorou o tema em amplitude, enquanto as demais perguntas foram sendo direcionadas visando a permanência do entrevistado na conexão com a experiência relatada, permitindo ao investigador explorar possíveis conexões entre assuntos, bem como clarear depoimentos ambíguos, orientando o participante no sentido de manter-se descrevendo a temática em estudo. Segundo Petitmengin-Peugeot (1999), o processo da entrevista de explicitação se dá em 3 etapas: a primeira é guiar⁹ o entrevistado até o momento vivido objetivado pela pesquisa; a segunda é auxiliá-lo a manter-se conectado à sua experiência, rememorando-a e pensando através daquele momento e não do momento em que ele conta; a terceira é ajudá-lo a colocar em palavras a experiência que ele está revivenciando.

A pergunta inicial:

- Por favor, descreva-me como foi a experiência de tomar consciência da morte desta criança?

Os participantes foram informados do que se tratava a pesquisa, por meio de indicações informais da comunidade, e somente participaram aqueles que concordaram com a pesquisa – assinando o termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice 1). O protocolo de pesquisa devidamente aprovado pelo CEP da UESC sob o número de parecer 2.824.835. Para resguardar a identidade de cada entrevistado, seus nomes e os de todos os citados nos relatos foram substituídos por nomes fictícios.

Análise fenomenológica do conteúdo das transcrições

As transcrições detalhadas expõem os conteúdos verbais e não verbais, os quais formam a base para então prosseguir, em uma leitura atenta, no delineamento dos aspectos centrais das diferentes entrevistas e na descrição das temáticas principais dos discursos. Para o levantamento do conteúdo e a compreensão dos sentidos apresentados nas falas durante o

⁹Existem diferentes técnicas para evocar a experiência, bem como indicadores que permitem ao entrevistador perceber o momento em que o entrevistado entra em contato com a sua experiência vivida (PETITMENGIN-PEUGEOT, 1999, p. 46).

processo de entrevistas, é de suma importância buscar uma análise de conteúdo que mantenha a pesquisa no seu rigor epistemológico, a fenomenologia hermenêutica.

Primeiramente, precisamos considerar que as histórias são contadas como elas são lembradas – existe uma ausência de ordem cronológica durante a fala –, contudo, para a análise dos sentidos vividos é importante, numa primeira etapa, reorganizar de modo diacrônico cada entrevista. A segunda etapa consiste em identificar e reagrupar o conteúdo dos sentidos de cada entrevista individualmente, separando-os em grupos de unidade de sentido, estruturando de modo sincrônico. Os dois passos descritos são as etapas iniciais de uma análise e são considerados fundamentais em pesquisas qualitativas. Aqui, o que se diferencia das demais pesquisas é o rigor de suspender os juízos de valores e os conhecimentos apriorísticos – que por ventura apareçam sobre o fenômeno a ser estudado – durante as etapas. Tal rigor é compartilhado por alguns autores¹⁰ que descreveram métodos fenomenológicos de pesquisa. A terceira etapa acontece diante da compreensão fenomenológico-hermenêutica das unidades de sentido registradas. Ou seja, compreender os discursos situados no tempo e no espaço, adotando a postura da analítica do *Dasein*, a *Dasein*análise.

Uma possível analítica dos sentidos do fenômeno da morte da criança

Nenhuma existência é explorada até a última instância; ela é plural, faceira e matreira. Tampouco o fim da existência, o não-estar-mais-aí torna o fenômeno comum a todos os existentes, nem a morte como algo conhecido e esclarecido. Como a lua, satélite natural da Terra, que apesar de sabermos suas formas, sempre estaremos diante de uma forma de cada vez, nunca diante de todas ao mesmo tempo. Estar diante de um mesmo fenômeno e reconhecê-lo em todas as suas facetas trata-se de uma meta inatingível da ciência moderna. Desse modo, esta derradeira etapa da pesquisa apresenta discussões heideggerianas que se deram a partir das unidades de sentidos das entrevistas. Deixando claro que este é um ponto de vista, não o único, porém uma possibilidade de refletir sobre os sentidos da morte da criança a partir de um pensador que se debruçou sobre a temporalidade do *Dasein* e seu ser-para-a-morte.

¹⁰Giorgi e Sousa (2010), Petitmengin-Peugeot (1999, 2006) e Langdridge (2007).

CAPÍTULO 1

A MORTE NO PENSAMENTO HEIDEGGERIANO: A INVESTIGAÇÃO DO SER-PARA-A-MORTE, DA TEMPORALIDADE, DA COTIDIANIDADE, DA FACTUALIDADE E CUIDADO

1.1 O FENÔMENO DA MORTE: UMA ANÁLISE EXISTENCIÁRIA A PARTIR DO PENSAMENTO HEIDEGGERIANO

[...] o fundamento ontológico originário da existencialidade do *Dasein* é a *temporalidade* (HEIDEGGER, 2012, p. 647).

Ao tematizar sobre o sentido da existência do homem, Heidegger utilizou o termo *Dasein*, ser-aí em relação com outros seres num mundo no qual ele está. O ser-aí tem, em sua característica primeira, o poder ser, o que se dá sempre num horizonte de sentido que ocorre a partir da pré-compreensão de um mundo que é o nosso, já determinado por uma historicidade. A noção de historicidade trata de uma relação não com a história escrita aos moldes da ciência moderna, mas sim atravessamentos de um passado preconcebido, um presente no qual o ser-aí está, e numa perspectiva de futuro. O mundo que é desde sempre o seu se distancia da concepção de mundo do senso comum. Como esclarece Dastur

O mundo, na verdade, não é para Heidegger o conjunto dos existentes, mas o *horizonte* a partir do qual os existentes podem ser compreendidos como o que são; é então um momento constitutivo do próprio *Dasein* e não um meio no qual este seria inserido, e eis o que explica que o ser 'aí', o *Dasein*, e o ser 'aí' do mundo estejam inseridos no mesmo contexto e continuem uma só coisa (DASTUR, 2012, p. 63).

O sentido do ser, segundo Heidegger, é ser-aí (*Dasein*), que representa o ser aberto às coisas do mundo, às possibilidades que estão no horizonte histórico. O ser-aí é o ente cujo modo de ser está em jogo; no seu poder ser, ele está lançado no mundo, num mundo histórico e temporal. O ser-aí no seu modo de ser mais próprio é o ser-em e o ser-com, ou seja, o ser-no-mundo com os outros seres e entes do mundo. Nesta leitura ontológica, o cuidado é o próprio ser-aí, o estar no mundo é o cuidado. Da mesma forma que estar no mundo não é algo estático, o ser-aí também não é, ele está em relação com o mundo que é passível de mudanças,

de acordo com os modos de ser dos entes que têm o modo de ser do ser-aí que vem ao seu encontro.

À compreensão do fenômeno sucede a descrição do fenômeno como ele se apresenta no espaço e no tempo histórico em que ele está. Colocar-se disponível ao fenômeno da maneira mais simples, na qual o modo de abertura é colocado diante do próprio fenômeno, é o que propõe o filósofo alemão. O ser-aí se coloca diante de si, buscando a totalidade da compreensão do seu ser homem. Dessa forma, ao debruçar sobre si, interrogar o sentido da sua existência e se compreender, o homem é cuidado (HEIDEGGER, 2005).

Em Heidegger, a relação que se desvela entre os entes é denominada como cuidado, um fenômeno que se transforma de acordo com os modos de ser dos entes que têm o modo de ser do ser-aí. Tais modos de cuidado são apresentados como ocupação, preocupação substitutiva e preocupação antepositiva, que se revelam ônticamente na medianidade cotidiana. A ocupação trata-se da relação dos entes que têm o modo de ser do ser-aí com outros entes cujos modos de ser são simplesmente dados; a preocupação trata-se da relação dos entes cujo modo de ser é ser-aí com outros entes cujo modo de ser também é ser-aí.

A concretude da vida cotidiana, a facticidade, aparece em Heidegger como um viés que interlaça a filosofia essencialmente teórica com a vivência singular. Segundo Casanova, a facticidade é um conceito tematizado pelo filósofo alemão desde o início da sua trajetória acadêmica, atravessando as fases da sua escrita. O estudioso de Heidegger diz que "uma lógica faticamente experienciada, contudo, é uma lógica que não permanece apenas em um campo teórico qualquer, mas se estende ao mesmo tempo para a constituição de nossas vivências mais próprias" (CASANOVA, 2011, p. 28). Assim, o alemão se lança no desafio de articular as vivências singulares e a filosofia, buscando encontrar a essência da verdade, que é "uma experiência singular que retira dessa singularidade a sua concretude e o acento na necessidade de um estudo histórico de uma vida fática específica" (ibidem, p. 27).

1.2 A NOÇÃO DA MORTE EM HEIDEGGER

Um humano logo que nasce já é bastante velho para morrer
(HEIDEGGER, 2012, p. 667).

Refletir sobre a morte a partir da perspectiva heideggeriana é colocar de lado/suspender o que já foi conceituado em outras áreas da ciência como Antropologia, Biologia, Medicina. Não é negar que existe uma morte física na qual a matéria perde o viço, o

animal pára de respirar e os movimentos cessam; é ir além, é pensar na morte como integrante da vida. É pensar a vida como um percurso no qual caminhamos como existência e, tal qual um caminho tem um fim, toda existência chega a seu fim. Como confirma Dastur (2002, p. 71), "a relação que o ser humano mantém com o morrer é então constitutiva de seu próprio ser e primeira no que se refere a todas as outras determinações". Heidegger propõe pensar ontologicamente na morte daquele que existe enquanto ser-no-mundo capaz de se debruçar sobre si mesmo, refletindo sobre suas possibilidades no mundo, na morte do ser-aí.

É manifesto que o *Dasein* deve oferecer em seu ser, ele mesmo, a possibilidade e o modo de uma existência própria, se esta não lhe pode ser ônticamente imposta, nem ontologicamente inventada. Mas a atestação de um poder-ser próprio dá a consciência. [...] No *querer-ter-consciência* reside um poder-ser próprio do *Dasein* (HEIDEGGER, 2012, p. 647).

Enquanto possibilidade mais própria, a morte não é criada ou desenvolvida ao longo do curso da vida, como um processo de maturação do ser no mundo, "se o *Dasein* existe, ela já está também dejetada nessa possibilidade" (HEIDEGGER, 2012, p. 691). Desde que lançado no mundo, o ser-aí está lançado à possibilidade da morte, da sua finitude. A imposição desse fenômeno se depara com a indeterminação de suas circunstâncias, o ser-no-mundo é temporal, contudo, não se sabe quando esta temporalidade se fará presente.

Heidegger aponta, para vivenciar o deixar viver, a possibilidade de reconhecer a morte iminente. Uma iminência que é contingente à vida, está enlaçada num movimento em que não cabe a separação. Não é a morte comumente tomada como algo externo que vem ao encontro do ser do homem, como um fenômeno que arrebatava a vida de fora para dentro, algo do mundo e não do próprio ser-no-mundo. Tampouco a morte sabida e determinada, protegida da capacidade do ser de se questionar e de debruçar-se sobre sua possibilidade mais própria, que é a possibilidade de morrer a qualquer instante. É iminente pela sua determinação de ser própria do percurso da vida e pela sua indeterminação de um momento temporal específico nesse percurso. Tal enlaçamento é, por Heidegger, denominado o cuidado (*Sörge*), no qual "o cuidado é a totalidade do todo-estrutural da constituição-do-*Dasein*. [...] De fato, a cotidianidade é, no entanto, precisamente o ser 'entre' o nascimento e a morte" (HEIDEGGER, 2012, p. 645).

Essa incapacidade do ser-aí debruçar-se sobre a possibilidade da sua própria finitude está na impropriedade do ser no mundo que se concretiza na medianidade cotidiana. O decair do ser-aí é sua fuga ao estranhamento da existência, é o que permite que ele se lance. Contudo, a conexão entre o ser-para-a-morte e o cuidado (*Sörge*) é a concretização do ser-aí

na cotidianidade. Diante dos apelos da mundidade, o ser se relaciona distanciando-se das características mais próprias da sua existência factual, o ser-aí decai, e na cotidianidade ele se ocupa. Na medianidade cotidiana, então, o ser do homem está no mundo sendo constantemente solicitado a fazer escolhas que afastam o ser-aí do seu poder ser mais próprio, no qual o automatismo leva-o a movimentos que rompem o contato com a temporalidade da existência que é a sua, uma ilusão de que tudo será passível de ser escolhido e que sua permanência no mundo será eterna.

A completa ilusão de poder escolher o seu morrer é confirmada por Dastur (2002, p. 80), que diz "essa possibilidade que é a morte não é, contudo, uma possibilidade entre outras, mas se revela a mais própria tanto quanto possibilidade não ultrapassável e não relativa ao *Dasein*". O ser-aí vivendo sob o véu de Maya, na impropriedade cotidiana, está originariamente na disposição afetiva que é a angústia, e é a partir dela que se encontra a possibilidade da retirada do véu. Sob o regimento desse véu, o ser-aí pode, na medianidade cotidiana, enfrentar a possibilidade da morte na angústia ou dela fugir, distraíndo-se em ocupações mundanas.

Mesmo no cotidiano, o *Dasein* confronta-se com a morte no modo da fuga. O que permanece constantemente em questão na existência, na autenticidade como na inautenticidade, é o ser-mortal, e eis a razão pela qual é possível dizer que o *Dasein* morre 'na realidade' por mais tempo que ele exista (DASTUR, 2002, p. 81).

O ser-aí ao modo da ocupação permanece, então, na não surpresa do que vem ao seu encontro – de um modo que a morte é tomada pelo ser-aí como morte do mundo, algo de fora que vem ao encontro do ser. A gente (*was man*) morre, e não nomeia esta morte, tampouco a frase é enunciada na primeira pessoa do singular – em terceira pessoa fala-se da morte deixando-a, inclusive no discurso, distante. Morre-se, mas não se é atingido/afetado pela morte, pois ela é tratada no pronome indeterminado, velando seu caráter de determinação. A morte, escamoteada, não atravessa a existência como uma possibilidade própria, ela emerge sempre em lampejos que se iluminam e se ofuscam. Este é um descortinar do modo de ser do cotidiano ser-para-a-morte. A morte encontra-se no discurso ambíguo do falatório. Ela acontece e é inegável, mas vem ao seu encontro com ar de superficialidade. Superficial e comum, a morte deixa de ser vista e é colocada sob o véu do não questionamento, que não indaga sobre o que já é sabido. Como se a morte fosse geral, generalizada, furtando ao ser-aí o seu ser-para-a-morte.

A pretensão de verdade, a certeza diante do fim certo – a morte – a encobre cada vez mais; o morrer enquanto objeto do conhecimento fica distanciado da experiência possível. A certeza da morte, na qual "a gente diz: a morte certamente vem, mas por ora ainda não" (HEIDEGGER, 2012, p. 711) revela o saber que há na morte, ela está colocada como presença certa na cotidianidade e a espaçada distância daquele que fala, o que aponta um ente o qual não se implica no seu próprio morrer. O peculiar da morte é que ela é possível a todo instante, indeterminada no seu quando e, por não se saber, quando é tomado pelo ente, ao modo de ser impróprio, como ainda-não.

A morte do ser-aí não é tomada como final, visto que ainda em vida o *Dasein* pode ter chegado ao seu final sem, contudo, ter tido a sua vida biológica eliminada. O *Dasein* existe precisamente sempre, cada vez já de tal maneira, que seu ainda-não lhe pertence (HEIDEGGER, 2012). Contudo, o ser-aí, diante da necessidade de fechamento para tamponar a angústia que envolve a possibilidade desse ainda-não que lhe é totalmente estranho, foge constantemente do seu aí que o determina como jogado no mundo, e obtém, por inúmeras vezes, alívio nas ciências ônticas, nas quais facilmente ele encontra um modelo de homem determinado, bem como seus diversos estágios e critérios pré-definidos na generalidade, no qual poderá se encaixar. O ente ao modo do ser-aí se encaixa, amoldando-se e determinando o seu poder ser e, ao modo de ser impróprio desconectado, passa a poder ser apenas um modo de ser, restringe-se.

1.3 DA OCUPAÇÃO À PRÉ-OCUPAÇÃO

O morrer se funda no cuidado quanto à sua possibilidade
(HEIDEGGER, 2012, p. 695).

O cuidado (*Sorge*) descrito por Heidegger não está referenciado no cuidado considerado pelo senso comum, carregado de significados ônticos. O cuidado ontológico é inerente ao *Dasein*, e sem o qual o ser do homem não viveria. O ente tem, por vezes, comportamentos de cuidado, o homem enquanto ente cujo modo de ser é o ser-aí é cuidado, na perspectiva ontológica, seja ao modo da ocupação, da preocupação ou da indiferença, visto que não fazer também remete ao cuidado. O cuidado é, desde sempre, uma relação consigo, com o outro e com o mundo; desde que lançado ao mundo, o ser-aí está em relação, desde sempre ele é cuidado. Desse modo, pelo cuidado originário se fazer presente desde a origem

do ser-no-mundo, ao homem é permitido o cuidado ôntico. Para Heidegger, o cuidado ontológico é o que permite o cuidado ôntico.

O finado, diferentemente do morto que foi arrebatado 'aos sobreviventes', é objeto da 'ocupação' pelo modo do funeral, do sepultamento, dos cuidados com o túmulo. [...] Utilizável em ocupação no mundo-ambiente. Permanecendo com ele no luto de recordação, os sobreviventes estão junto a ele e com ele, em um *modus* de cuidado-com-o-outro, a reverenciá-lo. [...] A relação-de-ser com o morto não deve ser apreendida como ocupação de um utilizável (HEIDDEGER, 2012, p. 659).

Heidegger utiliza-se da fábula da cura (*Sörge*), de Higino, para explicitar a noção de cuidado (*Sörge*).

Certa vez, atravessando um rio, “cura” viu um pedaço de terra argilosa: cogitando, tomou um pedaço e começou a lhe dar forma. Enquanto refletia sobre o que criara, interveio Júpiter. A cura pediu-lhe que desse espírito à forma de argila, o que fez de bom grado. Como a cura quis então dar seu nome ao que tinha dado forma, Júpiter a proibiu e exigiu que fosse dado o seu nome. Enquanto “Cura” e Júpiter disputavam sobre o nome surgiu também a terra (*tellus*) querendo dar seu nome, uma vez que havia fornecido um pedaço de seu corpo. Os disputantes tomaram Saturno como árbitro. Saturno pronunciou a seguinte decisão, aparentemente equitativa: “Tu Júpiter, por teres dado o espírito, deves receber na morte o espírito e tu, terra, por teres dado o corpo, deves receber o corpo. Como, porém, foi a “cura” que primeiro formou, ele deve pertencer à “cura” enquanto viver. Como, no entanto, sobre o nome há disputa, ele deve se chamar ‘homo’, pois foi feito de húmus (terra). (HEIDEGGER, 2005, p. 263).

A fábula da cura traz à cena a noção de cuidado para pensar o ser-para-morte, visto que o ser-aí é desde sempre cuidado. Apresenta a relação entre a matéria, o tempo e o cuidado enquanto coexistência necessária para que o ser-aí possa se constituir enquanto tal. A terra argilosa na fábula é a condição material para a articulação do ser-aí no mundo fático, o que aponta o corpo biológico como condição material para que o poder ser do *Dasein* possa estar no mundo sendo desde sempre cuidado. A terra e o espírito, diante da irrevogável iminência de morte, permitem trazer à cena a noção de cuidado para pensar o ser-com. O *Dasein* está no mundo com os outros que lhe vêm ao encontro no modo de ser do *Dasein*, o que desde sempre o coloca numa inter-relação – o *Dasein* não é sozinho – de responsabilidade com o outro.

O cuidado engloba o sentido do ser-aí (HEIDEGGER, 2005), podemos dizer que ele é o viver e o viver em relação com o seu contexto, compreendendo o sentido do viver e da relação que é estabelecida. Entretanto, o cuidado é relação, é um fenômeno que se transforma de acordo com os modos de ser do ser-aí. Essas necessidades não se mostram quando o ser-aí está fechado para as possibilidades da vida – ao fechar-se, o ser-aí perde sua característica

mais própria de poder ser, considerando a morte do ser-aí, mesmo em vida. Ao ser-aí cabe impulsionar-se para essa abertura, e a angústia é colocada por Heidegger como uma tonalidade afetiva existencial que leva o ente a questionar sobre seu lugar no mundo, tomando para si seu poder ser.

A angústia é tratada como um existencial, uma disposição afetiva fundamental que propicia uma mudança de posição e permite ao sujeito se responsabilizar pelo que pode acontecer: uma relação de cuidado consigo. Com ela, o ente se abre para interrogar o sentido do ser-aí e, a partir de então, diferenciar-se dos outros seres, permitindo o processo de singularização, ser a si próprio. Ao fazer-se diferente, segundo Heidegger, o ser-aí não se perde nas coisas do mundo e não permite que o mundo se entranhe nos seus movimentos; não fecha as possibilidades; alavanca o existente do lugar de imobilidade para um lugar de escolhas apropriadas. Esse lugar, contudo, mantém o ser-aí na angústia: “Em sua completude, o fenômeno da angústia mostra, portanto, o *Dasein* como ser-no-mundo que de fato existe”. (HEIDEGGER, 2005, p. 255). É a partir dela, e com ela, que o ser se dá conta da sua temporalidade no mundo e da possibilidade de não estar mais ali; por um instante, o ser se percebe diante da possibilidade de não ser mais no mundo, e dificilmente ele consegue eliminar a sensação dessa experiência que passa a permeá-lo continuamente; o ser foi afetado pela angústia. Como ela, o cuidado também é constituinte desse processo de singularização.

O fenômeno cuidado não pode ser desconstruído ou reconstruído por atos ou impulsos particulares, como “querer ou desejar, propensão ou tendência”, porque esses atos e impulsos fazem parte do ser-aí enquanto cuidado, constituem ontologicamente o ser-aí. São considerados vivências diferentes que fazem parte da dinâmica do ser-aí “como uma corrente inteiramente indeterminada quanto ao sentido de seu ser”. (HEIDEGGER, 2005, p. 258).

Fundam-se no cuidado – assim, este é anterior aos fenômenos citados (HEIDEGGER, 2005). Como ilustra a fábula da cura, o cuidado é condição do estar vivo, é condição do existir do ser-aí com os outros entes no mundo. Por isso, não podemos conceber a noção de cuidado como estática e única, o cuidado trata dos modos de relação e, portanto, ele pode se apresentar em modos de ser distintos.

Nos seus modos de ser, o cuidado (*Sorge*) pode ser dividido em ocupação (*Besorgen*) e preocupação (*Fürsorge*). Ambos são o cuidado: o primeiro é cuidado no mundo (manualidade), relacionado com o mundo dos entes simplesmente dados, e o segundo, o cuidado com os entes deste mundo que estão em relação constante com os entes que são ser-aí, abertura de sentido (HEIDEGGER, 2005). Sá (2000), em sua leitura de Heidegger, menciona que preocupação pode surgir na relação sob duas formas: primeiro, a preocupação

como substituição (*Eintspring*), caracterizando-se pelo domínio de um ente sobre o outro, no qual um assume as ocupações do outro, transformando esse outro em um utensílio que pode vir a ser manuseado como algo que não precise mais de reflexão; em segundo lugar, a preocupação é anteposição, na qual existe um caminhar junto-a, orienta o ser-aí a um caminho de reflexão diante de si e de suas possibilidades como existente, o que seria o significado ôntico de cuidado eleito por Heidegger. Contudo, ambas são possibilidades que se revelam no cotidiano do ser-aí, fazendo parte do movimento de luz e sombra da cotidianidade do ser-no-mundo. Assim, o conceito ontológico de cuidado se distancia do sentido ôntico, do senso comum, que é difundido e reconhecido no dia a dia, contudo, o cuidado ôntico se faz presente visto que, originalmente, o cuidado é ontológico.

1.4 SER-COM: A POSSIBILIDADE EXISTENCIÁRIA DE EXPERIMENTAR A MORTE ATRAVÉS DA MORTE DO OUTRO

A morte, na medida que "é", é essencialmente cada vez mais minha
(HEIDEGGER, 2012, p. 663).

Há, em alguns estudos sobre o tema da morte, a tendência de alguns pensadores sustentarem o ponto de vista de que só no encontro com a morte do outro é possível entrar em contato com a possibilidade da própria morte – Rodrigues (2006), Elias (2001), Freud (1969), Ariès (2014). Heidegger se debruça sobre essa questão e indaga: será que o encontro com a morte do outro permite reconhecer-se diante da mesma possibilidade? O autor responde no seguinte trecho de *Ser e Tempo*:

A passagem ao já-não-ser-'aí' priva precisamente o *Dasein* da possibilidade de experimentar essa passagem e de entendê-la como experimentada. Em todo caso, semelhante experiência deve permanecer negada a cada *Dasein* relativamente a si mesmo. Tanto mais impositiva é, no entanto, a morte dos outros. [...] O *Dasein*, tanto mais que ele é por essência um ser-com os outros, pode obter uma experiência da morte. Essa datidade 'objetiva' da morte deve então, possibilitar também uma delimitação ontológica da totalidade do *Dasein*. (HEIDEGGER, 2012, p. 657).

A morte concretiza a separação entre o ser-aí e o outro enquanto matéria e, ao mesmo tempo, traz à cena a existência desse que não está mais aí. Contudo, diz respeito ao ser-com, o que permite um existir com as relações anteriores, com as lembranças, com a herança deixada por encontros antes vividos: de ser-com-o-outro passa a ser-com-o-outro-que-já-não-é. Mas, é o caráter de ser-com do ser-aí que permite essa permanência do ser-que-já-não-é no mundo.

"Mesmo o cadáver subsistente, teoricamente visto, é ainda um possível objeto de estudo da anatomia patológica, cuja tendência-a-entender permanece orientada pela ideia de vida. [...] Com ele vem-de-encontro um não-vivo que perdeu a vida" (HEIDEGGER, 2012, p. 663).

Heidegger aponta a impossibilidade do ser-aí ver-se finito no encontro com a morte do outro, e mostra a possibilidade de estar com o outro e reconhecer que ele é mortal e finito, mas não há uma substituição, uma troca de lugares. Quem sabe exista um imaginário, que nunca é passível de abarcar a experiência em si. "Ninguém pode tomar de um outro o seu morrer". (HEIDEGGER, 2012, p. 663). Ele aponta, aqui, a impossibilidade de um ser-aí substituir o outro no seu chegar-ao-final. Esta possibilidade de substituir o outro se dá em

[...] possibilidades de ocupação limitadas a âmbitos determinados e restrita a certas profissões, classes sociais e idades da vida. Mas [...] é sempre uma substituição 'em' e 'junto a' algo, isto é ocupar-se de algo. O *Dasein* cotidiano se entende, [...] a partir daquilo de que costuma se ocupar. 'A-gente é', o que a-gente faz. [...] Aqui o *Dasein*, dentro de certos limites, pode e até deve 'ser' o outro" [...] Morrer não é algo que se dá, mas é um fenômeno a ser entendido existencialmente e isto em um sentido assinalado, ainda por delimitar mais precisamente (HEIDEGGER, 2012, p. 665).

A constante tranquilização sobre a morte mostra-se como uma necessidade de diminuir o status e a importância da morte na vida dos moribundos, daqueles que estão certos da sua morte e do fim da sua vida (HEIDEGGER, 2012). Diminuir o fenômeno da morte do outro eufemiza ainda mais o instante de encontro com a própria morte. A morte é vista como um inconveniente social, atrapalhando o andamento esperado da sociedade. "A cotidianidade urge na presença da ocupação e no livrar-se das amarras do cansativo e 'passivo pensar na morte'" (HEIDEGGER, 2012, p. 711). A morte tomada como um fim e tomada como algo a ser evitado é encaixada no lugar do esquecimento; ela, mesmo sendo fundamentalmente ligada à vida, é excluída e rechaçada, totalmente cindida do que lhe é próprio.

A morte rompe com o esperado, é o descaso com o acaso, um acidente, um infortúnio diante da beleza de todo aquele movimento encenado para a vida, traz um distinto rumo para seu destino. A morte – desde o início – foi desacreditada e ignorada, diante da crença de uma vida eterna. Heidegger (2012, p. 711) clareia: "A indeterminidade da morte certa determina para si a ocupação cotidiana de tal forma que lhe antepõe as urgências e as possibilidades previsíveis da vida imediata de todos os dias". Heidegger nos diz é que nos ocupamos do que é cotidiano, o dia a dia e as resoluções necessárias para fazer o que é esperado fazer na vida, ou seja, a ocupação com pequenas urgências, muitas vezes dispensáveis à vida, que dispersam o ente do sentido da vida – se ocupando, ele segue vivendo sem experimentar de fato a vida, seus percalços, seus obstáculos, suas surpresas.

Diante da imposição da finitude, o homem passa a se olhar e a olhar aos seus à sua volta; é pelo seu ser-com que ele se responsabiliza pelo outro através da preocupação. Percebem-se relações que se estabeleceram baseadas no que já não se sabe se existiu. A angústia coloca o ser, a cada instante, numa aproximação do que lhe é realmente interessante; ao estar sozinho, ele alcança essa apropriação; ao estar em contato com o mundo, ele se vê novamente solicitado a articular a sua máscara e falsear-se. A presença desinteressada faz aquele que sente a dor perceber alguém no mundo disponível para ele, tal qual ele estava sem máscaras, é estar no mundo aberto ao que se mostra.

Ao encontrar-se com a mais própria possibilidade do ser-no-mundo (*in-der-Welt-sein*), o ser para a morte pode novamente olhar para trás e compreender como tudo começou. O que permite que esse encontro aconteça é, segundo Heidegger, a tonalidade afetiva da angústia, explicitada em *Ser e Tempo* como uma tonalidade fundamental. Heidegger nos diz que este encontro com a morte a partir da angústia, possibilita perceber-se finito, e não necessariamente um deparar-se com a morte ôntica, do falecimento biológico, mas também nos fala de uma morte existencial, de uma falência de sentidos. Contudo, a morte é própria daquele que morre, biológica ou existencialmente, não pode ser substituída por mais ninguém, tampouco delegada.

A morte ôntica traz a ideia de uma redenção, algo libertador, em que se liberta de si mesmo – entretanto, esta é uma construção cultural, sedimentada historicamente, que leva a tais sensações. As sensações de angústia e dor cessam diante da certeza da morte e o medo da morte se esvai: acontece uma entrega. Uma entrega que só se dá diante da morte mesma. No curso da cotidianidade não há entrega, a não ser à própria morte.

Talvez exista a ideia de uma morte aceita desde sempre, mas cada vez mais vai se desenhando a impossibilidade de pensarmos a morte como positiva. Chamamos aqui aceita a condição de mortal – todos se sabem mortais e finitos. A aceitação da morte a cada instante emerge à cena, de modo sutil, através de mecanismos ônticos de evitação. A morte existe e é aceita, mas ela não é desejada. Existem estudos que debatem que a morte, enquanto eliminação da vida, pode ser desejada como uma solução para um sofrimento psíquico, emocional ou físico da ordem do insustentável, contudo, ela está ainda como uma incógnita. Poderíamos denominar um querer a morte ambíguo, como também poderíamos pensar num morrer existencial, numa perda de sentido tamanha que não há mais possibilidade de ser-no-mundo.

O filósofo romeno Emil Cioran (1995) escreveu *O mais antigo dos medos*, no qual apresenta uma reflexão sobre a natureza diante da morte.

A natureza mostrou-se generosa somente para com aqueles que ela dispensou de desejar a morte. Os outros, ela os consagrou ao mais antigo e ao mais corrosivo dos medos, sem lhes oferecer nem mesmo sugerir os meios de curar-se dele. Se é normal morrer, não o é debruçar-se sobre a morte, nem pensar nela a toda hora (CIORAN, 1995, p. 1132).

Cioran (1995), ao anunciar a dispensa do desejo da morte, nos mostra que é possível viver sem tê-la como antagônica, mas sim tomá-la como uma exigência da vida e, portanto, não há como desejar algo que está posto. A natureza é generosa com os que não desejam a morte por liberá-los dos incessantes movimentos de impedi-la. Não há cura para a morte, ela é a própria vida, temer algo que é certo é manter-se ocupado em evitá-lo. Ao evitar a morte, evita-se a vida sem dar-se conta.

A morte ôntica, seja ela repentina e ou anunciada, pode apresentar distintas facetas para os existentes, para a família e para a comunidade. A morte repentina, o morrer, não dá ao morrente a possibilidade de debruçar-se sobre a própria vida, tampouco a possibilidade dos familiares de se irritarem ou sentirem-se culpados antecipadamente. Aos entes que ficam, essas reflexões, sentimentos e sensações vêm a posteriori. A morte anunciada abre um espaço entre a vida e a morte que até então não existia, pois só existia a possibilidade de vida. A morte anunciada traz a possibilidade de apropriar-se das reflexões do final de uma vida. Contudo, não está determinado que esse contato com a possibilidade mais própria de ser para morte apresente ao ser novas perspectivas de sua vida e de suas crenças, sonhos e percepções diante do fenômeno da morte.

Cioran (1995) aponta a clara ideia de que, ao final, ocorre a salvação; é no final que ocorre o triunfo diante dos medos, que se reafirmam as superstições do fim da vida, tanto o diálogo com a morte, como a luz no final do túnel e a sensação de liberdade. Todas remetem a um final feliz para o medo da morte. Uma liberdade que está aliançada com um pensamento supersticioso baseado em conforto para a alma, que tende a tentar driblar o tempo necessário para compreender essa morte que se aproxima.

1.5 FINAL E TOTAL / INÍCIO E FINAL

A interpretação da morte como final foi desconstruída por Heidegger. A morte, para ele, pode acontecer em qualquer instante do viver, e não implica na morte biológica. Do mesmo modo que o nascimento biológico não implica em começo. A existência, na ontologia heideggeriana, não pode ser circunscrita a uma vida biológica, psicológica ou espiritual; ela não pode ser circunscrita em sua essência, a existência é o poder-ser determinado do *Dasein* humano.

Se, segundo Heidegger, o simples vivente, ou seja, o animal, pode morrer no sentido de 'chegar ao seu fim' (*verenden*), é precisamente porque esse fim não determina *intrinsecamente* seu existir, ao qual não temos, analisando por outro ângulo, senão um acesso negativo, a partir do momento que a 'vida' sendo sempre para nós a vida *humana*, isto é, uma vida capaz de interpretar, de se compreender e de assumir por si mesma, não podemos representar a vida do 'simples' vivente a não ser por abstração (DASTUR, 2002, p.74).

Heidegger formula, em *Ser e Tempo*, três teses com base na sua discussão sobre a morte: a) O *Dasein* como um faltante constante, visto que enquanto ele é, ainda é abertura para o vir a ser, que ainda não é; b) O chegar-ao-seu-final do cada vez ainda-não-sendo-no-final (a eliminação do faltante); c) Para o *Dasein*, chegar-ao-final é insubstituível, sendo cada vez mais próprio.

Tendo em vista constantemente a constituição existenciária do *Dasein* já exposta, devemos tentar decidir a medida em que os conceitos de final e de totalidade que de imediato se impõe, por grande que seja sua indeterminação categorial, são ontologicamente inadequados ao *Dasein*. [...] Dessa maneira se consolida o entendimento do final e da totalidade em suas modificações como existenciários, garantia da possibilidade de uma interpretação ontológica da morte (HEIDEGGER, 2012, p. 667-669).

O ainda-não do *Dasein* enquanto ele é pode ser interpretado como faltante; contudo, faltante se refere a faltar algo a alguma coisa, consiste numa falha, algo que precisa ser completado, o ainda-não-estar-junto-daquilo-a-que-se-deveria-estar-junto. Tomar o *Dasein* como faltante, em desenvolvimento para, remete a partes de um todo que deveriam ser somadas e completadas em um momento preconcebido, de modo que o ente estaria no modo de ser do utilizável, um objeto capaz de ser completado, que "não pode de modo algum determinar ontologicamente o ainda-não que pertence ao *Dasein* enquanto morte possível"(HEIDEGGER, 2012, p. 671). A ideia de um ente que visa chegar a um determinado estágio elimina a determinação característica do poder-ser do *Dasein*; se dizemos que um ente

precisa se desenvolver para chegar a determinada etapa da vida, já aqui o estamos determinando.

O ser-para-a-morte, o já-não-aí, deixa algo a permanecer com o ser-em que diz respeito às experiências, estas não findam com o final biológico do corpo. Não obstante, a morte do ser-aí pode acontecer também quando esse ser não está no mundo circundante no modo de abertura de sentido; contrariando a perspectiva biológica, o sujeito está vivo, mas o ser-aí morre. Dastur (2002) diz que, diferente do animal, que "morre tendo realizado tudo que era capaz" (ibidem, p. 96), o homem "morre sempre antes de ter esgotado todas as possibilidades do seu ser, de modo que sua morte se apresenta como uma violência, impedindo-o de realizar algo que ainda está por ser feito" (ibidem, p. 96). O que Dastur chama de morte violenta é a morte biológica que rompe com as possibilidades existenciais do *Dasein* – contudo, não significa que elas tenham acabado, mas sim que sua condição material de existência, seu corpo, findou. E, sem tal condição material de existir, não há mais *Dasein*, não há mais ser-no-mundo.

Ao defunto resta não poder mais, por ter chegado ao fim – e não por ter se completado em si a vida, e chega a morte. A morte chega, e esse é o não-ser-aí. Contudo, não é a completude de algo que completaria o ainda-não do ser-aí. O autor alemão apresenta o exemplo da lua: a lua crescente está em falta do seu restante; com o passar das noites, ela vai se completando e, cada vez mais dissipando a sua sombra, que se encaminha para seu outro lado, tornando-a, depois de cheia (completa), minguante (incompleta) (HEIDEGGER, 2012). A lua está desde sempre lá, o que está em jogo é o apreender perceptivo do fenômeno, onde a lua será sempre ainda-não, pois em seu formato aquilo que nos aparece são sempre faces e por vezes partes de faces, que estão, contudo, sempre ali, acessíveis. O ser-aí, por sua vez, tem no seu ainda-não alheio a si e estranho à sua experiência, a possibilidade, que é sua, de ser ou não ser. O ainda-não do ser-aí é constitutivo do seu modo de ser.

Objetos acabam, entes ao modo de ser simplesmente dado findam, coisas e substâncias terminam, mas não o ser-aí, ao qual não cabe o ficar pronto, tampouco o fechamento ou o desaparecimento. Heidegger busca incessantemente esclarecer que "findar não significa necessariamente completar-se" (HEIDEGGER, 2012, p. 675). Nesse sentido o ser-aí não acaba ao morrer, ele permanece no seu ser-não-mais-aí.

A morte enquanto final revela que o findar não alcança a compreensão da totalidade do ser-aí através da falta ao ser faltante, pois o caracterizaria como ser utilizável, que não atende à característica própria do ser-aí enquanto aí, que é o seu poder ser. Tal interpretação negativa foi rechaçada, e em *Ser e Tempo* atenta-se para a possibilidade de uma positividade

do fenômeno, em que a morte se constitui no ser-aí tal qual ele, desde sempre, é no mundo – as palavras do autor, "a interpretação analítico-existenciária positiva da morte e do seu caráter-de-final pelo fio condutor da constituição-fundamental do *Dasein* obtida até agora, isto é, pelo fenômeno do cuidado" (HEIDEGGER, 2012, p. 679). É na possibilidade da morte que a vida se dá enquanto experiência de sentido; na ausência da possibilidade da morte, os entes passam pela vida, mas não a vivem, não a experimentam – sem a condição fundamental da angústia, o homem se ocupa da vida.

O *Dasein* é ser-no-mundo-com-outros, sua existência é o que o constitui. Sua existência se dá na cooriginariedade com outros entes. No que tange aos entes simplesmente dados – conhecidos como objetos, natureza, instrumentos manipulados – o *Dasein* se manifesta ao modo da ocupação. Ocupação é a relação, desde sempre cuidado, com os entes determinados sem o modo de ser do *Dasein* na medianidade cotidiana. O encontro com os entes ao modo de ser do *Dasein* também se dá na medianidade em que se encontra o *Dasein*. Na medianidade cotidiana, esse encontro se dá através da conexão de iguais. Contudo, como de início e na maioria das vezes, o *Dasein* se encontra no modo de ser impróprio, se relacionando ao modo da ocupação e da manualidade com os demais entes, o *Dasein* e o outro se encontram neste modo. É pela sua originariedade de ser-com e de poder debruçar-se sobre si que o *Dasein* é ser-com. A relação com o outro *Dasein* não se dá na imediaticidade, ela se desdobra diante da possibilidade de demorar-se no aí do outro e na impossibilidade de apreender esse outro. "O outro vem-de-encontro-em seu *Dasein*-com no mundo" (HEIDEGGER, 2012, p. 347).

A ausência do outro também é caracterizada pelo fundamento originário do ser-com. A falta e o ir embora só são possíveis pelo ser-com. Só é possível afastar-se do que já esteve junto em relação. A relação entre os *Daseins* é a preocupação, esta pode se dar ao modo da indiferença e deficiência, que são "modos diferentes de preocupação-com" – eles caracterizam a medianidade cotidiana em que o ser está, de início e na maioria das vezes. Ou seja, a relação de uma pessoa com a morte se dá ao modo da indiferença, do conhecimento ou da objetivação. Não se estranha a morte, mas ocupa-se dela. No caso da criança, a preocupação substitutiva, muitas vezes se dá de modo mais pregnante do que a antecipação libertadora, de forma que tematizar a morte da criança é da ordem de pensar a própria morte, visto que o pai e a mãe sentem a criança como uma extensão de si, como seu projeto. O cuidado substitutivo coloca os pais nesta relação. Para Heidegger, o modo positivo de preocupação com o outro, de antecipação libertadora, aquele que devolve ao ser-aí a possibilidade do seu poder ser, sem dominá-lo ou determiná-lo – mesmo esse ser estando na

fase inicial da sua existência no mundo – é o que possibilita uma vinculação própria e oferta a correta relação, deixando o outro em liberdade para ser si mesmo.

O dia a dia dos *Daseins* com os outros *Daseins* se mantém entre as preocupações positivas – a substitutiva e a antepositiva – apresentando muitos amalgamentos e que o próprio Heidegger não se ateu no seu tratado.

1.6 A ESSÊNCIA DA VIDA A PARTIR DO SENTIDO DA MORTE

É preciso desde logo tornar clara em geral, em um primeiro esboço, a maneira como a existência, a facticidade e o decair do *Dasein* se desvendam no fenômeno da morte (HEIDEGGER, 2012, p. 689).

A morte, no sentido mais amplo, é um fenômeno da vida, diz Heidegger ao iniciar um debate sobre as visões ônticas acerca do fenômeno da morte. Ele diferencia outras mortes da finitude do ser-aí, visto que animais e plantas morrem e, nesse ponto, concorda com as pesquisas fisiológico-biológicas, contudo não correspondem e não respondem a essência da morte a partir da essência da vida. Quanto a isso, as ciências da natureza já responderam; entretanto, tais respostas só são possíveis por uma analítica existenciária que é anterior, na qual todas as caracterizações são feitas a partir de um conceito de morte já determinado, a partir da falta da vida, sobre o fim da vida. Mas não sobre a morte enquanto tal. "Isso é somente um reflexo de que o *Dasein* não morre em primeiro lugar ou até não morre de maneira própria junto a uma vivência e numa vivência do deixar-de-viver factual" (HEIDEGGER, 2012, p. 683).

O tratamento dado à morte por comunidades tradicionais – que interpretam o ser diante de uma possibilidade de imortalidade e lidam com o fenômeno existenciário da morte a partir da eternidade – só é possível por já estar em jogo uma compreensão ontológica própria do ser-aí. Heidegger (2012, p. 685) acrescenta que "a interpretação ontológica da morte no aquém precede toda a especulação ôntica sobre o além". A possibilidade de pensar um além da morte, ou uma característica de eternidade se faz possível pela apropriação da sua finitude, que por ser insustentável é sucedida pela fuga à cotidianidade mediana gerida pelas ocupações.

As ciências tradicionais como Biologia, Psicologia, História, Teologia, entre outras, estão – segundo Heidegger – metodologicamente subordinadas à análise da existência, considerando que, tomadas ônticamente, esvaziam a caracterização ontológica de seus

resultados, com o risco de iludirem o pesquisador diante da riqueza ontológica do fenômeno da morte. Casanova acrescenta que "Os problemas derradeiros permanecem encobertos, quando a própria teorização é absolutizada e sua origem não é compreendida a partir da 'vida': o processo de uma objetivação crescente se mostra como um processo de des-vivificação" (2011, p. 39). A morte não pode ser, de modo algum, caracterizada enquanto uma substância palpável, pois é a possibilidade mais própria do ser-aí. Enquanto vive, ele existe dentre as muitas possibilidades, sempre em relação com a sua possibilidade primeira após seu nascimento, que é a possibilidade de morrer.

A morte, que na maioria das vezes é interpretada pelo senso comum como algo que vem de fora, não pode, de modo algum, ser caracterizada como tal, enquanto substância. Na analítica existencial da morte, a morte é iminente. O *Dasein*, lançado à possibilidade da morte no seu poder ser mais próprio, irrevogável e indissociável, que é ser-aí, é colocado diante da disposição afetiva que é a angústia. A angústia diante da morte coloca o ser-aí diante do modo de ser que é seu, o cuidado (*Sörge*). Angustiar-se diante da morte não é, de toda maneira, o medo da morte, ou da falta da vida. É, contudo, o "ser projetado para o seu poder ser mais próprio, irremetente e insuperável e ganhando-se rigorosamente a diferença ante o puro desaparecer, mas também ante um só-*findar* e finalmente ante um 'vivenciar' o deixar-de-viver" (HEIDEGGER, 2012, p. 693).

Saber-se para morte, angustiar-se e relacionar-se consigo ao modo do cuidado, de maneira alguma coloca o ser-aí determinadamente num modo de relação própria com seu ser-aí-no-mundo, mas sim abre as diversas possibilidades de estar diante do seu poder ser. A propriedade e a impropriedade, cunhadas por Heidegger, não são noções baseadas em ética ou moral, como também não correspondem a um ser bom ou ser normal, nem o inverso. Estar no mundo ao modo da propriedade é estar numa relação desautomatizada, não utilizável, de si com o mundo, no qual as suas decisões serão feitas ao modo da experiência e responsabilidade com o seu ser-aí. Seja ele bom ou não. Estar aí ao modo da impropriedade consiste em se manter ocupado e desalinhado com o sentido da sua existência, ou seja, é se colocar no mundo como um ente determinado, furtando-se da sua possibilidade de abertura existencial.

Na decadência da vida cotidiana, o ser-aí morre faticamente, é envolvido nas ocupações mundanas nas quais a possibilidade do morrer é velada e omitida, mas ainda sim ele morre. A morte do ser-aí cotidiano é externa a ele, o ser-aí se refere a uma morte de si que está distante e que acomete o outro. No ser-um-com-o-outro em que casos de morte acontecem, e no vai e vem das ocupações cotidianas, a morte vem à tona sem surpresas, como

se fosse algo como ir à feira. A morte temida e evitada, quando se dá, é quase ignorada enquanto tal – pautada num discurso indeterminado, ali ela permanece até ser novamente velada por outra ocupação mundana. O discurso ambíguo de uma morte que não pertence a ninguém, Heidegger denomina falatório, *a-gente* morre.

Heidegger (2012, p. 707) diz: "A certeza inadequada mantém aquilo de que está certa no encobrimento. 'A-gente' entende a morte como um acontecimento que vem-de-encontro no mundo-ambiente, pois a certeza a ele relativa não alcança o ser para o final". E acrescenta: "A-gente sabe sobre a morte certa e, no entanto, não 'está' propriamente certa. A cotidianidade decaída do *Dasein* conhece a certeza da morte e, no entanto, se esquivava do ser-certo" (ibidem, p. 709). Como se o *Dasein* estruturasse ao redor de si uma proteção, a qual o determina como vívido, fortalecido e eterno, tal determinação nada mais é do que uma ilusão da qual o *Dasein* se ocupa e nela se perde, se desresponsabiliza por si.

O conceito ontológico-existencial da morte: "a morte como final do *Dasein* é a mais-própria, não relativa e certa e, como tal, indeterminada, insuperável possibilidade do *Dasein*" (HEIDEGGER, 2012, p. 711). Morre-se factualmente à medida que o ser-aí se determina enquanto ser-simplesmente dado a partir das ocupações mundanas, no seu modo de ser impróprio, ou seja, não necessariamente o que o autor chama de morte factual trata-se do falecimento do corpo enquanto matéria, ele defende que a vida biológica sem abertura de sentido é a morte existencial. "O ser-para-a-morte próprio significa uma possibilidade existencial do *Dasein*. Esse poder ser ôntico deve ser, por seu lado, ontologicamente possível" (HEIDEGGER, 2012, p. 715). A pré-compreensão do seu ser-para-morte é a condição que dá sentido ao poder ser do *Dasein*.

Pensar na morte enquanto algo a ser evitado é colocá-la no lugar do utilizável, aquele que é passível de escolha, um objeto capaz de ser manuseado. Pensar na morte desse modo não traz ao ente a possibilidade de ser-aí próprio, mas sim mantém o ser-aí no seu modo de ser impróprio, cada vez mais encoberto por suas ocupações, mesmo que numa primeira instância esteja se ocupando da morte. Pois, de todo modo, o ser-aí está se ocupando de modos de evitação, na tentativa de firmar como possibilidade a anulação da possibilidade do possível que é seu-ser-para-a-morte.

Comportar-se em relação à morte enquanto possibilidade ontológica, por ser constitutivo do ser-aí, traz – impulsionado pela angústia – o pensar na inexistência do ser-aí no mundo como um adiantar-se, ao modo do cuidado antecipatório. "O ser para a morte como adiantar-se na possibilidade *possibilita* essa possibilidade e, como tal, põe-na em liberdade" (HEIDEGGER, 2012, p. 721). Heidegger apresenta o conceito ontológico-existencial da

morte: "a morte como final do *Dasein* é a mais-própria, não relativa e certa e, como tal, indeterminada, insuperável possibilidade do *Dasein*" (ibidem, p. 721). É ao projetar-se no seu existir, reconhecendo-se incompleto e mortal, que o ser-aí existe ao modo da existência própria. Ao angustiar-se, o ser-aí desvela a característica mais própria que é o cuidado; ao modo da preocupação, o ser-aí se antepõe à possibilidade da sua finitude, estabelecendo a abertura para a singularização, disponibilizando outras possibilidades de estar consigo no mundo para além da ocupação. "O malogro da ocupação e da preocupação-com-o-outro de modo algum significa um desligamento desses modos do *Dasein* do ser-si-mesmo próprio" (HEIDEGGER, 2012, p. 725). Ambos, preocupação e ocupação, são modos de ser possíveis ao *Dasein*, podendo e devendo ser intercambiáveis, condição que indica a não determinação do *Dasein*.

O adiantar-se à sua possibilidade mais própria abre para o ser-aí a possibilidade factual de decidir por escolhas mais próprias ao seu poder-ser no mundo, tendo sempre à sua frente a possibilidade insuperável. Heidegger caracteriza o ser para morte como

[...] o adiantar-se desvenda para o *Dasein* sua perda em a-gente mesma e leva-o ante a possibilidade de ser si mesmo sem o apoio primário da ocupada (*bersorgende*) preocupação (*fürsorge*) com o outro e de o ser numa liberdade apaixonada, livre as ilusões de a-gente, liberdade factual, certa de si mesma que se angustia: *liberdade para a morte* (HEIDEGGER, 2012, p. 731).

Ao fim do primeiro capítulo da segunda parte, no parágrafo 53, Heidegger lança mais uma questão: adiantar-se à morte foi até aqui projetado a partir de uma ontologia fundamental; seria possível uma "conexão essencial com o poder-ser próprio atestado?" (HEIDEGGER, 2012, p. 733). E acrescentamos a possibilidade inexorável da ampliação de perspectivas e reflexões desta investigação diante dos discursos e horizontes de sentidos emergentes na análise das entrevistas: adiantar-se à morte a partir de uma ontologia fundamental corresponde a qual modo de ser na existência fática do ser-criança-no-mundo?

CAPÍTULO 2

A MORTE DA CRIANÇA NA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

2.1. SER CRIANÇA

A criança está inserida em um percurso histórico dinâmico, visto que em cada época era percebida e tratada por distintos modos, cada época apresentava sua especificidade, cada cultura se relacionava com os pequenos com distintas singularidades. A criança é um importante objeto da psicologia moderna e se apresenta numa relação com a psicologia ainda estruturada a partir de nexos causais e modos de pensar dicotomizados. Sem poder ser de outro modo, a psicologia só pode trabalhar com um objeto de estudo a partir do seu próprio prisma. Esta é a psicologia enquanto ciência fundamentada na modernidade da qual a fenomenologia, pensada a partir de Husserl, quer se afastar. Compreendemos que pensar a criança no seu caráter de abertura torna-se, ainda hoje, um desafio, pois este modo de pensar produz um encontro conflitante de uma criança lançada no seu poder-ser com a criança determinada a ser um tipo de criança pré-estabelecida por um horizonte histórico de sentidos já sedimentados. Nessa direção, Freitas (2015) nos esclarece:

Com o abandono do mensurável e do qualificável, o método fenomenológico contribui de forma preciosa àqueles que estudam ou trabalham com crianças, ao focar em seus aspectos qualitativos, permitindo a apreensão do problema desde o ângulo da intersubjetividade. A apreensão qualitativa nos permite não apenas buscar o sentido humano ao elucidar o mundo vivido próprio da criança, mas também questionarmos as práxis humanas em seus contextos culturais e históricos. Olhar a criança fenomenologicamente, trabalhar com ela, junto à criança, implica o abandono de construções hipotéticas que expliquem suas condutas e comportamentos e teorias que organizam previamente sua experiência de si e do mundo. Com a suspensão fenomenológica, poderemos nos aproximar dos temas que são propriamente relevantes para conhecer a criança, buscando o modo adequado de indagar, um modo que de fato nos aproxime de sua experiência e de seu mundo, evitando enviesar a criança pela perspectiva adulta, descontextualizada de seu caráter próprio (FREITAS, 2015, p. 50).

Compreendendo o ser-aí e o seu caráter ontológico da historicidade, fizemos breves apontamentos de determinações históricas do ser-aí-criança, que constituem o que Heidegger

compreende como mundo¹¹ (*Welt*). Para a presente discussão, as questões ônticas presentes na história se fazem fundamentais para a compreensão do percurso da psicologia fenomenológico- existencial e dos sentidos da morte da criança a partir desta perspectiva.

2.2 SER-CRIANÇA NO MUNDO: (DETERMINAÇÕES) E HISTORICIDADE

Compreender a criança como ser em abertura de possibilidades não difere o ser-aí-criança do ser-aí do homem adulto no mundo, ou quaisquer que sejam aos ciclos de vida do homem. A compreensão na perspectiva ontológica mostra-se dinâmica, apontando para diferentes aberturas de sentido, de acordo com o tempo e o espaço em que a criança está. Do ponto de vista que a história nos conta, a criança e seus aspectos ônticos se apresentam como um dispositivo auxiliar na compreensão da noção da criança na sociedade contemporânea, para então compreender a noção da morte desta mesma criança.

A sedimentação dos modos de ver a criança, na qual a psicologia se fundamentou para estruturar seu campo de saber, aponta o século XIX como um período histórico que “trouxe consigo um processo de autonomização radical das ciências naturais e mesmo uma submissão de todo e qualquer saber comprometido com o rigor e seriedade dos princípios metodológicos da aquisição de conhecimento no interior dessas ciências” (DILTEY, 2011, p. 9). Mattar (2015, p. 18) reafirma que “estabelece-se uma relação entre os progressos de sentimento da infância e os progressos de higiene, entre a preocupação com a saúde”. A criança passa a ser encarada como um ente, como um receptáculo, passível de investimento, preenchimento e proteção, é furtada do seu caráter de abertura.

No bojo do alargamento dos campos do saber que investigam o comportamento e a psique, a psicologia desenvolvimentista ganhou legitimidade no olhar para as fases do desenvolvimento humano. Assim, chegamos às teorias desenvolvimentistas modernas, nas quais se estruturam, de modo hegemônico, as teorias do desenvolvimento infantil. Mattar (2015, p. 23) nos conta que “a partir da terceira década do século XIX, a família começou a ser mais incisivamente definida como incapaz de proteger a vida das crianças e adultos”. No contexto nacional, a psicologia surge como um saber técnico, oficialmente, na década de 60, num momento político que apontava as famílias desestruturadas, com a dissolução dos laços responsáveis para manter a família coesa. Essas famílias necessitavam de uma intervenção

¹¹Em Heidegger, mundo trata-se de um horizonte de sentido de articulação ôntico-ontológica, no qual o ser-aí constitui e se constitui no mundo, afasta-se sem, contudo, negar o mundo geográfico que estamos habituados a interpretar diante da palavra mundo.

externa para retomar à normalidade esperada, a saber o psicólogo clínico. Inicia-se um período de tutela do cuidado do outro, delegado a especialistas: médicos, pedagogos, psicólogos, sociólogos, entre outros. A criança torna-se o alvo primeiro das intervenções, baseadas na perspectiva desenvolvimentista, que por ser uma fase de maturação se poderia moldá-la (COIMBRA, 1995). A criança passa a ser alvo de um processo de moldagem, o qual, baseado na perspectiva desenvolvimentista, acreditava que ela poderia ser moldada ainda na infância, visando um comportamento futuro adaptado às necessidades da sociedade e do estado (CASTRO, 2001). A perspectiva desenvolvimentista, fundamentada na tradição moderna, propõe pensar em uma criança enquanto um adulto incompleto, ou seja, enquanto é criança se é incompleto, é preciso vir a completar-se de um determinado modo, para chegar a uma etapa posterior, o adulto: a criança após completar o ciclo do desenvolvimento.

Mattar (2015, p. 23) aponta ainda a produção intencional de uma "família desestruturada, ignorante sobre si mesma e sobre como lidar com seus membros, inábil para administrar sozinha problemas conjugais ou com os filhos, culpada por excessiva rigidez ou liberdade, necessidade de intervenção alheia". Tal inabilidade está diretamente relacionada com a visão de homem que é calcada num encurtamento da noção de sujeito para o eu egóico, um modelo de eu que se diferenciava de todo e qualquer ente da tradição grega até a Idade Média. Noção fundante da dicotomia cartesiana, que considera o sujeito anterior a qualquer ação e o contrapõe ao objeto, determinando, a priori, seu lugar no tempo e no espaço; que ignora o ser em abertura, ou seja, o modo de ser cooriginário do ser-no-mundo, como nos afirma Feijoo (2011, p. 413), "esse encurtamento nasce de uma desconsideração do modo de ser originário do homem e dos fenômenos ditos psíquicos que repercutem sobre noções tão comuns em Psicologia, como pessoa, eu, *self*, consciência e outras".

A criança e a infância, tomadas a partir de suas sedimentações históricas¹², correspondem à fase inicial da vida do homem, que em qualquer uma de suas fases cronológicas é, segundo a fenomenologia hermenêutica, um ser em abertura. O horizonte hermenêutico é o que apresentará um mundo a partir do qual ela, a criança, enquanto ser-aí vai se constituir. Precisamos levar em conta que, com as sedimentações históricas, foram se desenvolvendo, ao longo das épocas, teorias acerca da fase inicial do homem. Diversos teóricos e pensadores, como Piaget, Wygotski e Wallon, desenvolveram investigações que tomavam as crianças como um objeto a ser estudado, no intuito de prever e ou antecipar

¹²As sedimentações históricas são para a fenomenologia hermenêutica uma condição que determina o *Dasein* no seu poder ser. O *Dasein* é desde sempre abertura, e o que o determina é a mundidade e a historicidade que se apresentam concretamente enquanto sedimentações históricas de sentido.

como seria este processo de desenvolvimento – da criança ao adulto. Segundo Feijoo (2011), foram desenvolvidas teorias que tomavam o indivíduo como estritamente biológico; outras se baseavam num sujeito interiorizado, tal qual suas determinações seriam inconscientes; outras, também, pensavam o sujeito como uma tábula rasa, onde o ambiente seria o responsável pelas determinações do curso desse desenvolvimento.

Para Castro (2001), a psicologia desenvolvimentista é estruturadora do modo de pensar a criança moderna, e abrir mão deste modo de pensar é se lançar num espaço amorfo, de angustiante vir a ser. Para a autora, a psicologia da infância está fundamentalmente ligada ao conceito de norma, e aponta uma quase impossibilidade de pensar a criança fora do pensamento desenvolvimentista¹³. Ele cria um campo de discussão em que traz a primeira guerra mundial como um marco na posição de dependência e incapacidade sociopolítica da criança e busca, em suas pesquisas sobre psicologia política, aparatos teóricos que recolocam a criança como um ator político (CASTRO, 1998; 2001a; 2001b; 2011).

As teorias desenvolvimentistas conquistaram reconhecimento no seio das produções científicas e estavam intimamente identificados com a ciência moderna, de um modo tal que suas hipóteses foram tomadas como verdades¹⁴, orientando os modos de pensar, perceber e lidar com a fase inicial da vida. A criança passou a ser um ente esquadrinhado, conhecido, que apresentaria um percurso de crescimento, cognição e aprendizagem já traçado pelas teorias desenvolvimentistas. Cada qual com uma proposta de verdade acerca do modo como se dá o desenvolvimento do homem, desde o seu nascimento até a sua morte, tais propostas têm em comum uma determinação do percurso tendendo ao encapsulamento do ser-aí criança, eliminando seu caráter de abertura.

As verdades que sustentam as teorias do desenvolvimento estão no horizonte da técnica moderna, visando alcançar o sentido de adequação. Em *Ser e Verdade* (HEIDEGGER, 2007) é posta em cena a discussão sobre a essência da verdade; rerepresenta a verdade a partir do modo como os gregos a apreendiam e a conceituavam, considerando que verdade poderia ser ao modo da correção, tanto como ao modo do descobrimento. A verdade como descobrimento era destaque até o século VI a.C., e após Platão houve uma mudança, na qual a verdade como correção tornou-se hegemônica. O sentido hegemônico de certeza, correção e adequação foi cunhado pelos romanos como verdade, *veritas*, e está relacionado ao sentido tomado pelo senso comum e pela ciência moderna. Para os gregos, verdade enquanto clareira,

¹³ Atualmente existem outras perspectivas que superam as teorias inatistas e ambientalistas, entretanto não está incorporada a uma prática com crianças.

¹⁴ O sentido de certeza, correção e adequação foi cunhado pelos romanos como verdade, *veritas*.

aletheia, o desvelamento daquilo que se mostra e se oculta, o que traz à tona o desvelamento de algo que está ali e, contudo, está encoberto.

Heidegger (2007), ao indagar qual a conexão íntima entre a essência do homem e a essência da verdade (ibidem, p. 182), permite-nos pensar o homem como abertura. Tal qual o modo de ser do *Dasein*, a verdade da qual tratamos é a verdade enquanto desvelamento. Por outro lado, ao tomarmos o homem como um ente subjetivo, a verdade determinada por este homem será representativa, arbitrária e relativa a uma representação já presente.

Para Heidegger (2008), a verdade é o desvelamento do ser subsistente (ou o ser simplesmente dado), ela é o que determina o ser-aí, ou seja, "pertence essencialmente ao sujeito o fato de ele não estar encapsulado em si, mas sempre já ser junto ao ente por si subsistente" (ibidem, p. 121). Heidegger faz uma investigação da verdade, não como subjetiva, recusando o pressuposto cartesiano de sujeito, o que leva ao caminho do estranhamento para pensar a verdade a partir do ser-com-outro.

2.3 CRIANÇA: DETERMINADA PELA ABERTURA (OU PELO PODER SER)

Criança, infância, mini adultos, *infans*; – palavras que, no percurso da história humana, visaram abranger um período específico da vida humana. Adotando a postura heideggeriana, o homem em todas as fases, do seu viver até o seu morrer, está determinado pelo seu poder ser, e enquanto ser-aí, ele já é em todo o caminho percorrido pelo seu ser. Desde a fecundação já está lançado ao mundo um ser a partir de determinações biológicas e, por que não, existenciais. Esse mundo habitado pelo homem antes das suas habilidades linguísticas, que ainda está velado, é resultado de muitos mistérios e investigações. Cada vez mais diante dos incrementos da ciência moderna, as pesquisas estão avançando tecnicamente e se aprofundando no que tange a esse ser que somos nós; para chegar ao ciclo do homem adulto, ele mesmo atravessa outros ciclos. Existe o ciclo da fecundação, o ciclo da gestação, o ciclo de crianças não falantes, o ciclo de crianças falantes ainda dependentes, o ciclo de crianças falantes já com certa independência, até chegarmos ao ciclo dos adultos (JOSGRILBERG, 2017). E não interrompe aí, ainda há o ciclo da maturidade, do envelhecimento, até se interromperem os ciclos. Vale dizer que, na perspectiva orientada pela fenomenologia hermenêutica e existencial, a vivência de todos os ciclos não é o que determina o ser-aí, mas sim a possibilidade dessa interrupção ocorrer em qualquer etapa de

qualquer dos ciclos. Ou seja, apesar de uma linearidade progressiva nos ciclos, não existe a obrigatoriedade de se passar por todos os ciclos antes do final, da morte.

Aqui, investigamos e buscamos explicitar quais características – da compreensão da etapa da vida que concebemos como criança – podem contribuir para os sentidos desvelados da experiência do fenômeno da morte de uma criança. A criança compreendida a partir de outro viés que não o defendido hegemonicamente pelos teóricos do desenvolvimento é o grande desafio proposto por pesquisadores e psicólogos que, como nós, não concebem na criança uma etapa da vida determinada por um único modo de ser, mas sim compreende a fase do ser-á criança tal qual explicitado por Josgrilber.

O ser humano cumpre ciclos temporais com seu corpo existindo entre disposições da natureza e da cultura. São fases humanas que se desdobram no tempo e podem ser compreendidas em relação a elas mesmas como ciclo e em relação ao todo das fases.[...] O ser humano em cada idade apresenta um conjunto de necessidades e possibilidades a serem desdobradas e apropriadas (JOSGRILBER, 2017, p. 299).

Josgrilber (2017) defende que a formação do embrião já é, em si, uma apropriação de sentido e intencionalidade, precisando ser compreendida à luz das apropriações de sentido¹⁵ possíveis àquela estrutura corporal que está se formando no ventre de uma mãe, a qual está inserida em uma cultura e em uma sociedade. A articulação cooriginária da formação de uma criança numa sociedade não pode ser, de modo algum, descartada – tampouco reduzida unilateralmente como biológica, psicológica ou social.

De modo poético, o autor considera a maternidade do ser conjugada entre a natureza e a humanidade. A mãe natureza opera silenciosamente no corpo intrauterino; a mãe, portadora de subjetividade, se torna progressivamente decisiva, por assumir os cuidados que dão à natureza outra dimensão, compartilhando com o feto aspectos importantes e originários de sua própria subjetividade e o seu modo de relação com os sentidos (JOSGRILBER, 2017).

A divisão de fases humana é feita a partir de pressupostos, é necessário um ponto de partida para iniciar, que pode ser retirado da própria experiência humana. A criança é gerada e nasce extremamente dependente de cuidados ônticos, a preocupação substitutiva com ela se mostra eficiente no propósito de manutenção da vida. Com o passar do tempo, essa criança desenvolve um aparato físico e psíquico que lhe permite se alimentar com as próprias mãos, se movimentar para buscar objetos, até o momento em que ela consegue enunciar esses objetos, solicitar isso ou aquilo sem precisar se mover ou apontar – então, a criança que já

¹⁵Sentido e significado, para Husserl e Merleau-Ponty, devem ser compreendidos a partir da fenomenologia hermenêutica, na qual o significado é parte do sentido, e este é mais amplo que o primeiro.

estava desde sempre inserida na linguagem, agora se comunica a partir da fala. E a fala, enquanto linguagem, é um marco para a divisão de três fases da vida humana:

Embora Heidegger tenha rompido, de certo modo, com a noção de intencionalidade husseliana e trazido à cena o ser lançado no mundo, Josgrilberg articula tal intencionalidade situando-a no mundo tal qual Heidegger propõe. "Por sua constituição intencional o ser humano se forma nessa disposição axial como leitor do mundo e capaz de refletir sobre o mundo e agir nele" (JOSGRILBER, 2017, p. 302). Heidegger, em sua ontologia, se coloca de modo mais rígido, pois não considera mundo como um pano de fundo, mas sim, originariamente engendrado no ser-aí que, ao se constituir, constitui o mundo, determina e é determinado por ele.

'Sentido' se refere a várias modalidades de suas manifestações em nosso ser-no-mundo e implica uma hermenêutica num âmbito maior de manifestação (que começa com o sentir algo e a percepção); a significação é um recorte de sentido, um 'termo', frase ou discurso (embora uma significação tenha sentido, sentido é mais amplo que a significação) cuja interpretação ocorre na língua, obedecendo aos recortes feitos, mas também atendendo a muitas possibilidades de sentido (JOSGRILBER, 2017, p. 307).

Freitas et al. (2017) apresentam uma importante análise em seu artigo, *Revisão bibliográfica das publicações acadêmicas sobre a criança na perspectiva fenomenológica*, apontando um modelo desenvolvimentista de criança que ainda está em processo, inacabado, esperando para se finalizar num tempo posterior. As autoras partem das críticas elaboradas por Merleau-Ponty (2016) em *Psicologia e Pedagogia da criança*, que apresentam as teorias do desenvolvimento tradicionais como um obstáculo para a compreensão do fenômeno a partir do seu próprio desvelar. Principalmente pelo modo como são absorvidas e repetidas em diversas outras instâncias do saber, as teorias do desenvolvimento tradicionais contribuem para a manutenção de distorções e danos. O artigo de Freitas (2017) traz reflexões de Edmund Husserl, nas quais a perspectiva fenomenológica da criança, tal qual a visada desenvolvimentista, também apresenta uma causa final (*telos*), que apesar de abordar a criança enquanto ser-no-mundo e não diferenciar o ser criança do ser adulto no que tange à percepção, ainda se mostra incipiente ao apontar uma necessidade de a criança despertar para o mundo a partir do ato da empatia. A complexidade da compreensão do ser criança se expressa nos autores clássicos da fenomenologia como Husserl, Merleau-Ponty e Heidegger, visto que suas reflexões ainda "não apresentam uma unidade nem mesmo na filosofia fenomenológica, com suas diferentes leituras" (ibidem, p. 363).

Afirmar que a criança é ser-no-mundo é entender que sua existência não difere da do adulto, pois ambos possuem a mesma condição do existir. Ou seja, a criança não é alguém que precisaria de um desenvolvimento prévio para viver a sua condição de existente. Não é a criança, afinal, alguém a quem falta alguma coisa, portanto deve ser compreendida como qualquer outro existente (FREITAS et al., 2017, p. 368).

Freitas (2015, p. 36) nos auxilia com o filósofo Merleau-Ponty: "a criança não é um projeto a ser completado, como se lhe faltasse algo para atingir o estado humano. A criança está, desde sempre, no mundo e é um ser-no-mundo como qualquer outro existente".

2.4 A ILUSÃO DA ETERNIDADE, DA CRIANÇA ETERNA

A pretensa onipotência em relação à vida contribui para o desdobramento de emoções relacionadas à tristeza e ao sofrimento. Tratar a finitude como recusa provoca um impacto no instante em que ela se revela. Nesse sentido, a literatura nos oferece um objeto de reflexão mais interessante do que as áreas positivistas.

Na história de Krisha Gotam, contada no livro *Tibetano sobre a vida e a morte* (SOGYAL, 2015), podemos acompanhar esse impacto diante de uma relação desapropriada com as coisas do mundo e da vida. Krisha, uma jovem mãe, tem seu filho acometido por um mal que o retira da vida com pouco mais de um ano. A mãe, em desespero, recorre a todos os meios para trazê-lo novamente à vida; dentre muitos aconselhamentos, um a levou a Buda. Suplicando socorro, ela leva seu filho, já morto, ao encontro do sábio que, serenamente, diz ter apenas uma solução para o mal que ali se apresentava: orientou que Krisha retornasse à cidade e procurasse um grão de mostarda de uma casa onde não havia tido pelo menos uma morte. Certa de que essa busca solucionaria seu problema, ela peregrinou por toda a cidade, e quase todas tinham a planta; contudo, todas também haviam experimentado a morte de alguém. A jovem não retornou a Buda – se reconheceu em todas as histórias escutadas a cada porta em que batia (SOGYAL, 2015).

O texto budista também é comentado por Carneiro Leão, estudioso de Heidegger, que nos diz:

Uma iluminação tomara conta de todo o seu ser: no mundo humano dos homens, nada é permanente. No homem, ser não conhece os advérbios de sempre ser e nunca não ser. Infinito é sempre infinito, no sentido de nunca deixa de passar e perecer. O que nunca termina nem acaba, o que se dá e acontece sempre é a própria inconstância da vida, o caráter passageiro de tudo que vive, é a natureza transitória de todas as coisas (LEÃO, 2013, p. 19).

Leão nos convida a refletir sobre determinação da inconstância da vida, que nos remete a um viver e aprender com a experiência que se dá entre o nascer e o morrer, que abrange as possibilidades de velamento e desvelamento característicos do *Dasein*. Contudo, ele nos adverte para a nossa pretensa ilusão de tudo dominar, que diante da morte cai por terra.

Viver é aprender com essa experiência da vida. Trata-se da autenticidade radical, uma aprendizagem tão originária que se faz até na revolta, que acontece mesmo na recusa. Ignorar a transitoriedade da vida, rejeitar o caráter fugaz do mundo humano equivale a fazer a experiência da dor e do sofrimento. É que um mal tem suas raízes na pretensão de excluir o nada de dentro do mundo. O mal radical está na ilusão de o homem ater-se aos haveres para, com a multiplicação do ter, pretender assegurar-se sem não ser.[...]A ilusão da inautenticidade reside em buscar a propriedade de todas as coisas e a posse de tudo. A fantasia aqui reinante está na onipotência de tornar-se proprietário da totalidade do real e do universo das realizações, para assim, poder fugir do não ser (LEÃO, 2013, p. 19).

Há muito a morte vem perdendo seu status de pertencimento da vida para ocupar um lugar de "não se pode falar disso", e a morte das crianças tem protagonismo nesse evitamento. O fenômeno da morte teve seu lugar de destaque nas sociedades: tal qual o nascimento, a morte está na linha da vida dos viventes. Nascimento e morte, tanto aquela da eliminação da vida, como das separações das etapas da vida, eram constantemente tematizadas nos rituais, que dentro de determinado espaço e tempo tanto os ganhos como as perdas dos fenômenos eram olhados tal qual eles eram. Cada sociedade procurava, nos seus rituais, agregar sentido e importância ao fenômeno do morrer.

O espaço entre as sociedades vem sendo diminuído – quando não suprimido – dentro do contexto de globalização, modernização, velocidade, comunicação e informação. Em algumas sociedades, seus rituais permanecem; em outras, eles se perderam do sentido originário e se encontraram com um não sentir. Antes a morte selvagem (ARIÈS, 1978), fenômeno a ser desvendado, investigado, descoberto, temido e respeitado, hoje uma morte domada, totalmente escancarada, esquadrinhada, metrificada. Perdeu-se o mistério e o estranhamento. Na conferência *A coisa*, o filósofo Heidegger inicia sua fala com a seguinte frase: "todo distanciamento no tempo e todo afastamento no espaço estão encolhendo", isso numa conferência de 1950. Hoje, 67 anos depois, sua fala se revela com o advento da tecnociência, redes sociais, aviões, jatos, celulares.

Heidegger aponta uma reflexão a princípio óbvia nos nossos dias atuais, porém de extrema profundidade, quando diz que "a supressão de todo distanciamento não lhe traz

proximidade" (HEIDEGGER, 1950, p. 143). A morte vem sendo encarada como um fenômeno em si, algo aparentemente perto, mas que se encontra a uma distância imensurável quando, e se, deslocada do seu aspecto coisa para objeto. Coisa e objeto, para Heidegger, se mostram com essências distintas.

A morte, tal qual a coisa, é aquilo de que corriqueiramente falamos, é o sabido, o que está próximo, sem ao menos nos demorarmos no que faz da coisa aquilo que ela é. A coisa se transforma em coisas, tudo se homogeneiza no tempo e no espaço sem, contudo, se tocar. É estar próximo sem estar junto, sem estar presente. A presença implica em proximidade, que diante do próximo se olha e se vê. A coisa passa a ser aquilo que ela é no seu vir a ser no mundo. Heidegger diz que "a proximidade não é algo que, direta e imediatamente, se possa encontrar". (HEIDEGGER, 1950, p. 144). Ou seja, a proximidade a qual o autor se refere não está compatível com a liquidez do nosso mundo moderno. Assim, o homem deixa de se indagar sobre a coisa, sobre a morte, sobre a criança, mesmo no trato de cada um enquanto a coisa, torna-se o trato com uma coisa, "o homem não pensou a coisa como coisa" (ibidem, p. 144). Tratamos, então, criança e morte como objetos.

O objeto torna-se o modo de representação da ciência, aquilo que é tomado como o real, visto que a ciência é tomada como aquela que pode, dentro da sua onipotência, esclarecer sobre a realidade, o objeto real. O objeto da ciência anula a coisa como coisa, impõe um modo de ver a coisa que suprime o pensamento da coisa como coisa. Reduz esta a nada. Esta nadificação propõe um duplo cego, em que um lado introduz o real da realidade antes de abrir a possibilidade para a experimentação da experiência, e de outro lado cria-se a ilusão de que as coisas são uma precedência das coisas, na qual elas permaneceriam como coisas a partir de um já ter sido.

A morte de uma criança fala de um corpo, uma matéria que vive, um ser que passa para o ser-que-já-não-é-mais-aí. a morte enquanto coisa apresenta uma conjuntura. É um corpo enquanto matéria, é um tempo enquanto idade, é importante como identidade, é ideia nos moldes de planejamento e projeto, é um espaço que deixa de existir tal qual a vida e passa a ser a morte. A morte no seu coisificar já aponta esta amplitude que se reúne e acolhe um ser. Assim, pensar a morte planejada como um objeto não exclui possuir faces que se relacionam com este objeto dado da ciência. Pensar a morte enquanto coisa e sua coisalidade apresenta a amplificação das possibilidades de cada face.

A morte e suas possibilidades direcionadas à vida da criança, que não se difere das outras etapas da vida, contribuem para um pensar apropriado do poder ser da criança que pode

ter sua existência findada, na qual não existe um conhecimento, seja ele científico ou não, que garanta a eternidade da criança.

2.5 SER-CRIANÇA-PARA-A-MORTE

A criança, em seu desenvolvimento fisiológico e existencial, cresce aberta aos fenômenos do seu círculo hermenêutico, ela segue desvelando os significados do mundo em que está. A sua existência a posiciona cooriginariamente no mundo; ela é, desde sempre, ser-no-mundo e, por não poder ser diferente dos outros seres que existem no modo de ser do *Dasein*, também é ser-para-a-morte. Na perspectiva heideggeriana, a criança, o adolescente, o adulto ou o velho não têm determinações existenciais distintas, estão todos lançados no mundo, fadados ao ter de ser que é só seu e determinados por sua finitude, que não determina o seu quando.

Finitude e morte, sendo abordadas como possibilidade que não se pode descartar, fazem parte da compreensão do ser. Passado, presente e futuro fazem parte da história de vida do homem, e este desde sempre se reconhece como ser temporal, desde que seja no modo de ser-aí. Lançado à vida, o ente como ser-aí se permite a morte. (HEIDEGGER, 2005). A temporalidade da existência expressa o estar vivo do ser, e é na apropriação da sua finitude que o ser na cotidianidade mediana percebe a necessidade de se determinar. Tal necessidade se desvela no instante que o ser se angustia – o encontro com a sua finitude, de início e na maioria das vezes, lança o *Dasein* do modo próprio para o modo impróprio, ou seja, em contato com a disposição afetiva da angústia, o existente tende a se determinar, assumindo o modo de ser de um ser simplesmente dado, um ente.

Para Heidegger, o ente é algo simplesmente dado, o qual não reflete sobre o seu estar no mundo, não questiona o seu sentido dentro do contexto, podendo ser um objeto, um animal ou mesmo o homem. Não no sentido oposto, mas complementar, o ser-aí (*Dasein*) é aquele que se mostra e oculta, e compreende-se a si mesmo no mundo em que vive e com as coisas e pessoas à sua volta, na sua vivência. Assim, o ente é aquilo que pode ser percebido, conceituado, generalizado e, por vezes, estático, enquanto o ser-aí (*Dasein*) deve ser compreendido no seu modo de ser, agir e se transformar, daí o ser-aí.

O ser-aí infantil é, também, a base do ser-aí humano, considerando seu caráter essencialmente histórico (HEIDEGGER, 2008). Na perspectiva tradicional, o bebê passa, de

um sujeito encerrado em si¹⁶, para uma relação com os objetos, no decorrer das primeiras semanas; na perspectiva defendida por Heidegger, a criança, mesmo nos primeiros dias, já está voltada para fora, ela está para fora sempre junto a algo. Ser-com é um existencial do ser-aí. O ser-aí está, no mundo, sempre com outro ente – podemos pensar um ser sem outro, contudo não seria uma ausência fática, nem uma presença fática. É possível estar sozinho e, ao mesmo tempo, estar cercado de pessoas. Desse modo, a criança chega ao mundo após a sua concepção, ou seja, ao existir ela desde sempre já é com o outro, a gestação é a concretização desse estar junto.

A criança no ventre materno está em contato com o corpo da mãe, acontece o encontro das carnes, dos fluidos e neste encontro se presentificam os primeiros movimentos em direção às coisas, seria uma criança primordial, a qual estaria ausente de articulação de sentidos. De modo algum isso se refere a um ente fechado em si mesmo. Segundo Freitas (2015, p. 40), "a criança estaria inicialmente imersa, de modo não consciente, em um estado indiferenciado do mundo e dos outros". Husserl admite que a criança recém-nascida apresenta um *habitus* constituído da vivência no interior do corpo da mãe. Ao nascer, ela não se trata de uma tábula rasa, visto que a cinestesia e a percepção que acontece no ambiente intrauterino já constituem um horizonte daquela criança, que é "um sujeito de experiências, entretanto sem temporalidade, sem lembranças, é apenas 'fluxo de presente [vivaz] entre retenção e propensão'" (ibidem, p. 43).

A intencionalidade existente na relação da criança com o mundo se revela no choro, nos sons, nos seus movimentos para os entes que o cercam. Heidegger descreve o choro como uma sensibilidade à perturbação de uma quietude, uma sonolência, como uma forma originária do deter-se e reparar em algo. Apesar de não se revelar nenhum comportamento (da criança) em relação a um ente, já existe um ente que se manifesta para esta criança. Contudo, o ser-aí da criança ainda não pode fazer uso do ente junto ao qual, de acordo com a sua essência, ele já sempre se encontra. A emergência do ser-aí é um emergir de algo já existente. Tais fenômenos da intencionalidade trazem à tona, em seu vir a termo, a primeira situação na qual se encontra um tal ser-aí em sua entrega ao mundo inicialmente desvalida.

No vínculo próprio do recém-nascido com a mãe, os dois, mãe e bebê, não se engajam na relação de um mesmo modo, uma vez que a criança é o centro do afeto e das ações maternas (Husserl, 1935/1993). Não há reciprocidade entre eles. Enquanto a mãe se direciona ao filho como um alter ego, com a tarefa de garantir-lhe

¹⁶O sujeito encerrado em si está calcado no conceito de sujeito tal qual Descartes imprimiu fatalmente na filosofia moderna, pois "nele o ego, o eu é de tal forma empobrecido que não é mais nenhum sujeito. O ego, em Descartes, é o sem o ser junto a..., sem o ser-com-o-outro (HEIDEGGER, 2008).

subsistência e introduzir-lhe no horizonte histórico e na comunidade a que pertencia, a criança, de início, busca apenas satisfação. É como se a comunidade humana realizasse, por meio da mãe, o ideal que está dirigido teleologicamente à criança (Perkins, 2011), tratando-a como coparticipante de um mundo para o qual ainda não despertou. Assim, com seu cuidado e com seus gestos, a mãe preenche os dados hiléticos aos quais a criança se dirige, satisfazendo-os e significando-os a partir da manipulação corporal da criança, tanto nas experiências de dor quanto de prazer (FREITAS, 2015, p. 43-44).

Heidegger (2008) aponta o questionamento da interpretação da infância: será que as interpretações contemporâneas sobre a criança não acontecem para atender às necessidades psicológicas ou pedagógicas de encerrar o *Dasein* criança em determinada caracterização? Ele assinala a inclinação atual da busca por um diagnóstico, algo que feche o homem em uma substância que possa ser examinada, medida e tratada, baseado em algo pré-estabelecido.

O autor alemão refere-se ao comportamento das crianças, em seu primeiro contato com o mundo, de uma forma diferente do modo tradicional de pensar o desenvolvimento infantil, seja inatista ou ambientalista. Ele pontua que o choro ou a agitação, por menos que indiquem alguma finalidade, significam “estar-direcionado para fora de” (HEIDEGGER, 2008, p. 131), ou seja, significam abertura. Interpretar a criança como algo pré-determinado, falar de um *Dasein* criança que pode ser encerrado em si mesmo, é um pensamento equivocado, segundo perspectiva heideggeriana, visto que *Dasein* é abertura de sentido. O *Dasein* é caracterizado pela possibilidade de poder ser e o poder ser acontece de modo ocasional e posterior, “[...] o ser-aí é, na medida em que existe como ser-aí, na medida em que é desvelado como tal” (ibidem, p.136). De forma nenhuma o poder ser se dá de forma pré-determinada.

Assim, na perspectiva heideggeriana, a criança não é um ente fechado em si mesmo que, repentinamente, diante de um fenômeno pré-estabelecido, como por exemplo, uma fase do desenvolvimento previamente determinada, será trazido para fora. Desde sempre, a criança é *Dasein* – lançada no mundo, para o mundo e com o mundo. Por vezes, a criança revela formas de se comportar diante dos seres, do mundo e dos entes, consideradas pelo senso comum como negativas, como a aversão, a defesa, a quietude, o sono. Contudo, tais formas estão preenchidas de intencionalidade, que revela seu primeiro momento de entrega ao mundo (HEIDEGGER, 2008).

Compreender a infância fenomenologicamente é, como vimos, empreender uma tarefa em busca do significado do que é propriamente humano. [...] Entretanto, há na infância certas particularidades relacionadas ao primeiro despertar do sentido, às primeiras relações, ao seu horizonte corporal e à sua vinculação especial com seus cuidadores e com a comunidade humana (FREITAS, 2015, p. 49).

Pensar na morte da criança como uma possibilidade faz parte da compreensão do ser-aí criança. A temporalidade da existência expressa o estar vivo do ser. Passado, presente e futuro fazem parte da história de vida do homem, e este desde sempre se reconhece como ser temporal, desde que seja no modo de ser-aí. Lançado à vida, o ente¹⁷ como ser-aí se permite a morte (HEIDEGGER, 2012). O fenômeno da morte não pertence a uma temporalidade determinada; entretanto, ele é determinado em essência própria do ser-aí. "Morrer não é algo que se dá, mas é um fenômeno a ser entendido existencialmente e isto em um sentido assinalado, ainda por delimitar mais precisamente" (ibidem, p. 665).

Em casos de uma criança em perigo ou alguém que por algum motivo não responda por si, a morte da criança ressalta a constatação da impossibilidade do outro em substituí-la neste fenômeno que é o morrer. O adulto pode ser o outro ao modo da preocupação substitutiva, mas a morte não pode ser tomada do outro. Dastur (2002), em seu livro *A morte: Ensaio sobre a finitude*, sobre este encontro com a morte do outro, reflete: "A experiência de um tal 'despovoamento', isto é, do desmoronamento do horizonte de sentido que é o mundo, não pode, contudo, de nenhuma maneira, pretender ser uma verdadeira aceitação 'da' morte" (ibidem, p. 68).

¹⁷"[...]O ser não pode ser concebido como ente, [...] o ser não pode ser determinado, acrescentando-se um ente. Não se pode derivar o ser no sentido de uma definição a partir dos conceitos superiores e nem explicá-lo através de conceitos inferiores. [...] O ser é o conceito evidente por si mesmo" (Heidegger, 2005, p. 29).

CAPÍTULO 3

A MORTE DA CRIANÇA ENQUANTO FENÔMENO: OS SENTIDOS DAS ENTREVISTAS

3.1 A DASEINSANÁLISE COMO POSSIBILIDADE INTERPRETATIVA DAS ENTREVISTAS

A morte de uma criança se apresenta na sociedade contemporânea como um desastre, uma violência. Byung-Chul Han (2017) nos fala sobre a sociedade atual como um inferno do igual no qual tudo é positivo, sem oferecer diferenças e relevâncias, como uma sociedade saturada de igualdade. Na igualdade estão todos vivos, não há espaço para o diferente, o morto.

A criança foi arrebatada pela infinitude do céu vazio. Foi arrancada de si e entronizada, desgarrada e esvaziada num *fora* atópico. Esse acontecimento desastroso, essa irrupção do *fora*, do *totalmente outro*, se deu como um *evento desapropriador*, como uma suspensão e esvaziamento do próprio, a saber, como morte: ‘vazio do céu, morte prorrogada: desastre’. Mas esse desastre encheu a criança com a ‘morte avassaladora’, sim com a *felicidade da ausência* (BYUNG-CHUL HAN, 2017, p. 18-19).

A criança, o ente que demanda cuidado, já desde sempre é ser-para-morte. O silêncio diante da morte de uma criança revela o temor do fim se acelerar diante da vulnerabilidade inerente às crianças. Pouco se fala da morte de crianças, mas elas acontecem, e com mais frequência do que é visto, falado e escutado. Tal distanciamento se confirma pelo que Heidegger chama de ‘esquecimento do ser’, aquilo que a história metafísica determinou como *logos*¹⁸; o ‘esquecimento do ser’ reflete o distanciamento proposto pelo modo de conhecimento moderno, no qual é preciso se distanciar do objeto de estudo para explicá-lo (POMPÉIA; SAPIENZA, 2011). A morte foi e ainda é objeto de pesquisas que buscam formas de determiná-la, mensurá-la, preveni-la, desvendar todos os mistérios que ela possa apresentar. A morte torna-se distante da vida e fica desconectada da vida. A morte, interpretada como futuro, é colocada na distância necessária para que se dê a totalização do

¹⁸Enunciado, saber, conhecimento.

presente, ficamos no tempo do igual, onde o outro se encontra constantemente disponível, despido do seu caráter temporal (BYUNG-CHUL HAN, 2017).

Byung-Chul Han (2017), inspirado em Hegel, descreve dois modos possíveis de relacionamento com a morte: a liberdade e a escravidão. O escravo, diante do medo de ter sua vida eliminada pelo outro, se submete a um viver sob o domínio de alguém, sua vida se torna restrita ao outro. A liberdade emerge não em função de um posicionamento hierárquico, mas sim pela ausência do temor da morte a relação de liberdade diante da morte é uma relação de luta e não de entrega. “Quem não tem liberdade diante da morte, não ousa viver” (ibidem, p. 41).

O escravo e o liberto podem ser interpretados como modos de ser que afetam o ser -aí. Na cotidianidade mediana ao *Dasein* está imposto um modo de ser que é de início e na maioria das vezes impróprio, correspondendo de modo autômato o que vem ao seu encontro, sem estranhamento, sem luta. Por sua vez, sob o arrimo da angustia o *Dasein* pode colocar-se liberto para lutar contra aquilo que vem ao seu encontro e o coloca em condição de sofrimento.

O tema da morte da criança demanda cuidado, é delicado, difícil e de extrema importância. Pompéia e Sapienza (2011) enfatizam, no contexto da clínica Daseinsanalítica, que “quando a situação se apresenta com essas três características, ou seja, delicadeza, dificuldade e importância, ela surge como um problema que solicita cuidado” (POMPÉIA; SAPIENZA, 2011, p. 157).

A tarefa da terapia Daseinsanalítica consiste em tratar o paciente com o propósito de ampliar a sua liberdade, para que ele possa se aproximar da sua história e fazer dela, propriamente, a ‘sua’ história, na qual são acolhidos os fatos que já se deram, o que está acontecendo agora, e que se abre para o que pode vir a ser; em que cabem a sua realidade, suas perdas, não o futuro, não a conduta, não o sintoma, mas a totalidade da história: é a nossa referência na clínica (POMPÉIA; SAPIENZA, 2011, p. 159).

A Psicologia Fenomenológico-Existencial, apropriando-se da Daseinsanálise, vem buscando fortalecer a postura clínica voltada para compreensão do ser, na qual a escuta disponível e compreensiva é chave para o cuidado com o outro, que vem ao encontro solicitando tratamento. O tratamento visa tal compreensão da existência que surge na apropriação das vivências práticas, é onde emerge sentido a partir da vida, da experiência das coisas enquanto coisas.

O labor compreensivo daquele que escuta não se reduz à técnica psicológica, pois na atitude fenomenológica precedente à Daseinsanálise, as determinações causais não estão

presentes; o que está em jogo é a existência no seu pleno de totalidade de sentido. Não se trata de haver um referencial para remeter o discurso, mas sim de interpretar a partir dos próprios sentidos da existência daquele que fala. Heidegger nos oferece ferramentas em âmbito filosófico que vêm sendo aplicadas no modo de pensar a existência; tais ferramentas ele denominou de caracteres fundamentais da existência, que se distinguem de características, pois os primeiros são coexistentes ao *Dasein* e não como os segundos, que são determinantes do ente. Entre os existenciais fundamentais propostos por Heidegger estão a compreensão, a disposição, o discurso, a espacialidade, a temporalidade e a corporeidade. O discurso é aquele que permite a compreensibilidade dos significados.

A analítica do *Dasein* proposta em *Ser e Tempo* (1927) é a investigação ontológica do sentido do ser, buscando articular a unidade de uma estrutura que visa à compreensão do ser como constituição fundante do *Dasein*, e sua possibilidade ôntica é a análise do *Dasein*. O termo análise, na psicologia fenomenológico-existencial, orientada por Heidegger, não comunga com a mesma apropriação consagrada pela Psicanálise e pela Psicologia. A análise amplamente conhecida por estas correntes da tradição busca um partilhamento, para então gerar um conhecimento de cada parte, processo que corresponde às teorias positivistas calcadas no cartesianismo, ou seja, “uma recondução do sentido da decomposição a serviço de explicação causal” (HEIDEGGER, 2006, p. 152).

A Análise do *Dasein*, ou Daseinsanálise, se inspira na *Odisséia* de Homero, na qual Penélope tece seu tecido durante o dia e destece durante a noite, na intenção de se manter livre (HEIDEGGER, 2006). A postura compreensiva daquele que escuta o fenômeno que se mostra tal qual se mostra possibilita que o discurso seja acolhido de modo disponível, que de modo algum remete a passividade. Tal acolhimento disponível se dá por desde sempre o *Dasein* ser, existencialmente, disposição e compreensão. Podemos compreender os sentidos do discurso do outro por desde sempre estarmos em abertura para o que se mostra.

Heidegger aponta em seus seminários que ao pesquisador cabe a difícil tarefa de abrir mão de pensar o homem como ente vivo dotado de razão, para pensar o ente ao modo de ser do *Dasein*, e complementa: “O eliminar e afastar as representações inadequadas sobre este ente, o homem, só é possível se o treino da experiência de ser homem como *Da-sein* tiver tido êxito e iluminar toda a pesquisa do ser humano sadio e doente” (HEIDEGGER, 2006, p. 263).

Desse modo, não cabe à analítica investigar um *Dasein* específico ou particular, cabe à análise do *Dasein* o papel de investigar a existência em sua cotidianidade mediana, com seus sentidos devolvendo a cada ente ao modo de ser do *Dasein*, o privilégio de poder se compreender enquanto ser-no-mundo.

A prática clínica da Daseinsanálise pode oferecer às entrevistas uma possibilidade interpretativa, considerando que a clínica psicológica com base na analítica do *Dasein* está fundamentada no encontro entre duas pessoas ao modo de ser do *Dasein*, e na análise das entrevistas tal interpretação pode ser conduzida no sentido de tornar possível um tratamento similar ao discurso transcrito. Desse modo, aqui o tratamento dado às entrevistas deu-se a partir do pensamento filosófico Heideggeriano e da Daseinsanálise, que é a possibilidade ôntica de aplicação da analítica do *Dasein*.

3.2 ENTREVISTAS

As entrevistas foram feitas com mães¹⁹ que se disponibilizaram a falar da morte dos seus filhos, apresentando relatos que englobaram o âmbito material, social, familiar e emocional. Durante seu discurso descreveram aspectos convergentes e divergentes, que permitiram uma rica análise dos sentidos da morte da criança – tanto a análise de sentido como para reflexões socioculturais.

A primeira etapa da análise de sentidos consistiu na descrição detalhada da entrevista, que inclui as expressões verbais e não verbais, como por exemplo, pausas, suspiros, o choro, o fungar, o resmungo, as risadas, a voz trêmula, a voz irônica, entre outras expressões corporais, como gestos com as mãos ou movimentos corporais de levantar, balançar a cabeça. Tais expressões são indícios importantes para alcançarmos a explicitação do tema investigado na entrevista.

A segunda etapa consistiu em ir ao fenômeno tal qual ele se mostra, descartando aquilo que não está intimamente relacionado com o fenômeno. Na transcrição e análise das entrevistas foram destacados os trechos que mostravam, de acordo com o sugerido por Petitmengin-Peugeot (1999), estar tratando de modo mais apropriado do tema da morte; buscamos, no processo interpretativo, suprimir os trechos que pareciam não tratar do encontro com a morte da criança. Os trechos excluídos, que não estavam conectados com a experiência da morte da criança, foram identificados como trechos ligados a opiniões, tradições e discursos generalistas; eles foram elencados com base no princípio da fenomenologia de chegar à essência do fenômeno. Cabe ressaltar que todo o processo da entrevista, conteúdos verbais e não verbais são partes integrantes da interpretação. Aqui, por razões da metodologia

¹⁹Os nomes dos entrevistados foram mantidos em sigilo e foram substituídos na transcrição e em todos os trechos das análises por nomes fictícios, visando proteger a identidade de cada família e manter a ética da pesquisa.

proposta, a Entrevista de Explicitação, suspendemos os fragmentos que consideramos não estarem relacionados com os sentidos do fenômeno da morte da criança para cada entrevistada, mantivemos os fragmentos que explicitavam as relações de sentido das entrevistadas com a morte da criança e adicionamos algumas informações que permitiam uma compreensão do contexto.

A análise dos sentidos foi a proposta inicial desta pesquisa. Na escuta hermenêutica da situação, se revelou o mundo fático determinante, como denúncias culturais tal qual cada história se desenrolava, desde a superficialidade com que os atendimentos médicos emergenciais se deram na cidade de Porto Seguro, bem como a falta de estrutura pediátrica no Hospital Regional Deputado Luís Eduardo Magalhães, referência da região. A concretude do mundo circundante mostrou-se determinante para o como cada história se desenrolou.

Os discursos captados nas entrevistas trouxeram modos singulares de se relacionar com a morte da criança. Desse modo, optamos por separar cada entrevista e fazer a análise individual para cada discurso, identificados como entrevista 1 e entrevista 2.

A partir da leitura e compreensão dos discursos das mães entrevistadas, dividimos a explicitação em dois grupos de análise, nomeados de acordo com a literatura (PETITMENGIN-PEUGEOT, 1999): o diacrônico, de ordem temporal, tal qual a sequência linear dos momentos que elas descreviam, e outro, sincrônico, que diz respeito aos instantes em que elas estavam entrando em contato com a situação evocada, revelando seus modos de se relacionar com os demais entes, revelando as possibilidades de cuidado. Ambos foram divididos em subgrupos, explicitados a seguir.

O grupo diacrônico foi dividido em subgrupos nomeados conforme as etapas foram descritas na entrevista, seguindo o discurso em tempo linear. A escolha de cada subgrupo foi feita porque as situações estavam presentes em ambas as entrevistas. O grande grupo representa o *que* foi contado de modo linear na história, esta foi uma escolha metodológica da pesquisa, que poderia ser analisada de outros modos a partir de distintos pontos de vista. Ambas as mães iniciaram seu discurso introduzindo a descrição da criança, situando-a em um contexto de saúde-doença, seguiram descrevendo os processos de hospitalização, as relações com o sistema de saúde e os impasses vivenciados nos momentos anteriores à morte da criança. Esses itens iniciais foram importantes para que elas chegassem ao fenômeno da morte da criança. A morte da criança foi descrita seguida do modo como chegaram em casa sem a criança e acordaram a primeira noite sem sua criança, o pós-morte. Ao vivenciarem esse encontro com a falta da criança, entraram em contato com lembranças e pensamentos – anteriores à morte da criança - que traziam indícios, para cada mãe, de uma morte iminente.

Reestruturar a vida na ausência da criança alude a uma quebra de rotina que suscita o contato com emoções intensas e difusas, que discutimos no grupo sincrônico. Por fim, cada entrevistada relatou o modo como está sendo possível para cada uma, singularmente, reestruturar sua vida na ausência da criança. Abaixo segue o esquema em forma de tópicos, que pode ser também ilustrado nos quadros dos itens 3.2.1.1.2 e 3.2.1.2.2.

A. Diacrônico/tempo:

1. Descrição da situação da criança;
2. Hospitalização da criança;
3. A morte da criança;
4. Pós-morte: dar-se conta estruturalmente;
5. Pressentimento;
6. Reestruturar a vida sem a criança.

O grupo sincrônico foi dividido em subgrupos nomeados de acordo com o modo como as mães entravam em contato com as etapas que estavam descrevendo. Cada subgrupo se formou a partir do modo como se desenvolveu a interpretação das unidades de sentidos que emergiam em cada trecho do discurso; assim, propusemos 9 tópicos. Os tópicos do grupo sincrônico foram explicitados com os trechos das entrevistas que mais expressaram o contato com a situação descrita. Num momento posterior, os tópicos foram novamente explorados trazendo uma análise fenomenológica dos fenômenos embasada na literatura, seguida do modo como foram interpretados nas respectivas entrevistas. Abaixo segue o esquema em forma de tópicos, que pode ser também ilustrado nos quadros dos itens 3.3.1.1 e 3.3.1.2.

B. Sincrônico/profundidade:

1. Reconhecimento do risco de morte da criança;
2. Busca por resolução para o problema de saúde;
3. Reconhecimento das inviabilidades e impossibilidades terapêuticas;
4. O reconhecimento pela criança da sua própria finitude;
5. O reconhecimento da finitude da criança;
6. Compreensão da morte existencial da criança;
7. Pré-compreensão da morte;
8. Reconhecer a morte fisiológica da criança;
9. Compreensão de estar sem a criança.

Na transcrição da entrevista de explicitação utilizamos a seguinte legenda:

- Pequena pausa: (...);
- Cortes nos relatos: [...];
- Cortes nas falas: [];
- Palavra incompreensível durante a transcrição da entrevista: ***.

Para compreendermos as entrevistas, o detalhamento a seguir refere-se à profundidade e ao contato das entrevistadas com as situações relatadas. Realizamos agrupamentos e depois nomeamos tais agrupamentos, separando assim as falas de forma didática; em cada grupo as falas não são contínuas, mas estão na sequência linear do discurso. Importante ressaltar que estas são possíveis divisões, podendo haver outras que também façam sentido em diferentes perspectivas. Precisamos levar em conta a existência de um intercâmbio entre os grupos, visto que não são características isoladas, mas sim núcleos de sentidos que emergem diante de um mesmo tema.

3.2.1 FRAGMENTOS DOS RELATOS AGRUPADOS

3.2.1.1 Relatos agrupados: entrevista 1

A entrevista 1 foi realizada com Vivi, a mãe de José, que morreu com 3 anos e 10 meses. José vivia com a mãe, o pai e o irmão de 12 anos.

1. Reconhecimento do risco de morte da criança;

Eu passei (pausas) muito tempo da minha vida com a morte me rondando, eu tinha esse sentimento de quando eu tivesse entre 33 a 34 anos eu vou perder algo muito grandioso para mim algo muito grandioso a minha vida.

Então eu sempre tive sentimentos quando eu fiz 33 esse sentimento aflorou de uma forma que eu fiquei praticamente doente.

Em abril eu fiz 34 dia 24 de abril e dia 28 eu fiz uma cirurgia então aí eu falei 'pronto o ciclo vai fechar ali, ali vai ser (...) só que não. Eu fiz a cirurgia, foi. Fiz dia 28 e dia 7 de março foi quando o José teve a primeira dor de cabeça. Quando o José teve a primeira dor de cabeça que (...) começou, falei gente tem alguma coisa... eu não sei explicar que (...)

Vivi: Aí tem alguma coisa errada.

Aí um dia ele foi e começou (...) eu vi que a respiração dele tava muito pesada [...]

2. Busca por resolução para o problema de saúde;

Vivi: Doutor eu não saio daqui sem exames, porque vocês não podem fazer isso. O menino vem, vocês não fazem exames, dá o medicamento. Já tem várias... no sistema, e fica registrada. Você pode ver que a gente está em maio, eu já dei várias entradas aqui. Vocês já trocaram de medicamento de várias vezes, então hoje eu não vou embora daqui sem vocês me dizerem o que meu filho tem. [Fala ao médico ao chegar para atendimento de saúde emergencial]

3. Reconhecer as inviabilidades e impossibilidades terapêuticas;

Vivi: Justamente, a senhora é médica e eu sou mãe, então eu sei, eu convivo com ele, eu sei que tem alguma coisa errada. (irritação) [Resposta da mãe para uma médica alguns dias antes de José morrer]

Vivi: Mas não está tudo bem! (Falou com sorriso de desacreditar no que estava ouvindo). Eu estou vendo que não está tudo bem. [Resposta da mãe ao médico no dia da morte de José]

4. O reconhecimento pela criança da sua própria finitude;

José: Mamãe eu estou indo embora (choro doído).

Vivi: Meu filho você não pode... (choro engasgado) você não pode ir embora porque você está dodói.

José: Mamãe, eu vou embora sozinho.

Aí quando ele falou aquilo deu uma coisa, um aperto no coração ele falou assim:

José: Chora não mamãe, chora não que tudo passa.

5. O reconhecimento da finitude da criança;

Quando eu olhei para cama ele tinha pegado, [] e ele nunca gostou de ficar coberto, [] ele tinha pegado o lençol e puxado e jogado todo assim em cima dele. [...] Quando eu puxei, eu olhei para ele e ele estava todo amarelo, parecia que tinha um pintado ele quando eu olhei aquilo [] e fui abrindo a cabeça dele, levantei, quando eu abri a boca dele (suspiro) tava da mesma cor, tudo amarelo e uns pontos de sangue. De repente olhei para os olhinhos dele e aí eu abri e aquele sangue, aqueles pontinhos de sangue. (Fala pausada)

E ele foi, pediu um abraço

José: Arnaldo eu te amo, papai eu te amo.

Ele falou assim:

José: mamãe você vai me levar para casa?

Aí eu falei:

Vivi: Não, não filho eu não posso te levar para casa porque você está dodói e assim que você ficar bem nós vamos todo mundo para casa.

6. Compreensão da morte existencial da criança;

Quando eu entrei na sala eu não senti, eu não senti desespero, assim aquela coisa, lógico que o coração tava (...) Quando eu falo do José eu não choro por tristeza eu choro por saudade porque tudo que ele viveu, não teve desespero em momento algum. Teve dor porque o processo dele, né? Os exames que ele teve que fazer, os

medicamentos causavam, né? Reações do corpo físico, né? Então não tinha como eu falar para você que ele não sentiu. Mas ele foi muito sereno (...)

(Voz trêmula) (...) o momento que mais me dói (pausa longa para o choro) foi quando ele pediu para trazer ele pra casa. (Choro) e eu não podia fazer nada. (Pausa e choro). Por que quando eu entrei na sala e vi ele ali, foi só a matéria. Eu já não... via ele mais ali.[...] E eu olhava pra ele e eu não via. Eu olhava pra ele e eu não conseguia ver meu filho. Pensei que era outra pessoa, não sei explicar, não tem uma explicação, eu não conseguia ver o José.

[...] Na hora que eu entrei na sala, não tinha mais vida ali, era só um corpo, uma matéria. Eu peguei ele ainda no colo, fiquei um pouco com ele. Elas falaram que eu podia ficar porque depois eu não ia mais vê-lo daquele jeito. Aí eu falei com ela que não que eu não queria porque ele já não estava mais ali, né? E eu sabia que com o passar das horas dos minutos, o corpo iria reagir, aí eu não quis. Eu só abracei ele e beijei e entreguei ele. Não tinha mais o que fazer (...)

7. Pré-compreensão da morte;

Aí quando eu entrei na sala quando eu olhei ele eu lembrei de um sonho que eu tive antes dele adoecer: eu via uma pessoa deitada exatamente na posição que ele estava e de repente começava a sair sangue e assim pela boca daquela pessoa eu não sabia identificar se era criança ou ser adulto e eu desesperava saí correndo pelo corredor com as mãos cheias de sangue. Quando eu entrei ele estava na mesma posição e da boca dele saindo secreção, não saía sangue e secreção amarelada. E aí eu tive a certeza que era o fim.

8. Reconhecer a morte fisiológica da criança;

Vivi: José meu filho você quer que a mãe faça uma oração por você? Levanta a mãozinha. [...]

Então ele foi levantou a mãozinha [...]

Aí eu peguei na mãozinha dele fiz a nossa oração. [...]

Vivi: Meu filho, todos nós temos um tempo aqui então hoje eu estou te entregando - eu falei - Hoje eu te entrego nos braços do Pai porque você já cumpriu o que você tinha que fazer aqui e eu não vou te segurar aqui, eu não vou te prender porque eu não tenho esse direito, não tenho esse direito - eu falei - seu o anjo da guarda está aqui e nós te amamos muito e eu quero que você acalme o seu coração porque você não está sozinho. Agora você vai voltar para casa.

9. Compreensão de estar sem a criança.

E com a morte do José, aquele dia que ele foi que ele fez a passagem dele, né? Eu parei de sentir. Então eu vivi uma vida inteira sabendo que eu ia perder, (choro intenso) alguma coisa muito importante, eu não sabia o que era. Achava que seria eu, mas depois que a gente tem filhos coloca eles em primeiro lugar. Então, quando José adoeceu eu senti.

Foram duas experiências ao extremo quando eu ganhei, entrei no hospital com as bolsas e saí com ele e mais umas bolsas. E entrei naquela sexta-feira que faleceu meia-noite e quinze, se não me engano. Eu tive um tempo para ficar com ele, mas eu não quis ficar aquele tempo que eles dão. E quando eu saí... para falar a verdade (choro intenso) eu não tenho palavras é como se aquele pedaço de tempo não

existisse. Não existe uma palavra para descrever. Não existe. Quando eu saí do hospital, quando eu cheguei lá fora e aí eu fiquei esperando o carro chegar quando para a gente vir porque que só podia liberar o corpo 7 horas. Aí quando eu fui entrar no carro eu parei e ' Jorge eu tenho que voltar, não posso deixar aí, não tem como eu deixar ele. Parecia que tinha abandonado sabe? Ele tá sozinho. Pois eu não posso... ele não pode ficar sozinho ele sente falta da gente ele sozinho.

Quando eu acordei de manhã eu acordei com aquela coisa assim 'nossa que pesadelo' eu olhei assim, olhei prum lado olhei pro outro, falando 'num to na minha casa, aqui não é minha casa'

Todos os dias que eu levanto todos os dias é o horário mais difícil para mim assim, aonde as lembranças (...)

Eu ainda não consigo fazer a janta, por que a janta era... o almoço era a refeição principal mas janta a gente ria muito. Porque você poderia servir um lanche, mas ele queria janta. [...]

Então é a rotina, o dia a dia, assim coisas do dia a dia, muito difícil.

Vivi: Mãe a minha dor vai estar comigo onde quer que eu vá. Então não vai fazer diferença. [Fala à mãe de Vivi]

3.2.1.1.1 Síntese compreensiva da entrevista 1

Comprendemos que as mães, imbuídas da relação de cuidado com seus filhos, perceberam a doença, perceberam desde o anúncio que a doença dos seus filhos era delicada. A primeira entrevistada, Vivi, descreveu essa sensação com mais clareza.

Vivi, na rememoração da morte de seu filho de 3 anos e 10 meses, descreveu a doença da criança, a busca por soluções, a compreensão com os limites do sistema de saúde brasileiro com muita resiliência. Ela atribuiu tudo isso à vida, ao viver, ao "tempo de cada um na terra". No momento da entrevista, 4 meses após a morte da sua criança, ela sente a dor e a saudade de não ter seu filho vivendo ao seu lado, se organiza em ações para que possa superar as tristezas cotidianas e seguir a vida. Vive a dor da perda, vive a saudade e compreende que a vida é efêmera, e a qualquer momento a vida pode acabar. Para esta mãe, a vida dela sem a vida do filho ao seu lado não acabou, sua vida não perdeu sentido sem a criança, mas sim tomou para si o aprendizado dos dias que esteve ao lado do filho. Esta mãe entende que a vida dela precisa e vai continuar, não continuará sem a dor da ausência, mas precisará de reformulações para seguir adiante. Ela se irrita ao não sentir sua dor respeitada, bem como com o julgamento de como ela deve agir enquanto uma mãe enlutada; se indigna com tais protocolos sociais, afirmando que a dor sempre estará com ela e as coisas da vida ainda estão aí, quem morreu foi a criança e não ela.

3.2.1.1.2 Quadro ilustrativo da relação dos grupos sincrônico e diacrônico da entrevista 1

→Diacrônico /tempo ↓Sincrônico/ profundidade	Descrição da situação da criança	Hospitalização da criança	A morte da criança	Pós-morte: dar-se conta estruturalmente.	Pressentimento	O cotidiano	Reestruturar a vida sem a criança
Reconhecimento da seriedade da situação de saúde da criança	Identificou a respiração alterada após sucessivas idas ao serviço médico						
Busca por resolução para o problema de saúde		Reclamação para um atendimento médico coerente com o fenômeno clínico que estava se apresentando.					
Reconhecer as inviabilidades e impossibilidades terapêuticas		Identificar o sistema técnico como falho, despreparado e prepotente. Deparar-se com a dificuldade dos profissionais tratarem a possibilidade de morte iminente.					
O reconhecimento pela criança da própria finitude			A despedida solicitada pela criança.				
O reconhecimento da finitude da criança			A mãe compreendeu que seu filho não tinha mais vitalidade para seguir.				
Compreensão da morte existencial da criança				Não viu mais seu filho no corpo que estava deitado no leito.			
Pré-compreensão da morte					Vivia a angústia diante de uma relação de saber-se		

					finito, mas não saber quando.		
Reconhecer a morte fisiológica da criança				A sensação de estar sonhando após a primeira noite sem o filho vivo.			
Compreensão de estar sem a criança						A rotina faz esse tomar consciência a ser contínuo.	Viver a cotidianidade mediana na ausência do ser-aí.

3.2.1.2 Relatos agrupados: entrevista 2

A entrevista 2 foi realizada com Bianca, mãe de Amanda que faleceu com 14 anos. Amanda morava com a mãe e o irmão de 4 anos, seu pai morava em outra residência.

1. Reconhecimento do risco de morte da criança;

Na sexta que eu peguei os exames aqui, que ela me deu, a menina. Que eu mandei para ele, ele mandou eu ir urgente com ela de volta para o hospital, aí eu fui (começando a chorar) chegou lá ela já estava bem fraca (voz trêmula), mas até então falando (engasgou o choro), não sentia dores, só o incômodo dela era falta de ar (pausa, suspirando).

Então ninguém esperava, foi muito rápido mesmo, ela foi internada numa sexta e morreu na segunda feita, então por tudo que ela passou no final de 2014 pro início de 2015, ninguém imaginava que ali ela iria morrer. Entendeu? Ninguém imaginava mesmo!

2. Busca por resolução para o problema de saúde;

Foi aí que começou o desespero, até então eles falaram que ela tinha que ser entubada porque ela estava muito fraca, os órgãos dela estavam parando aleatoriamente ia parando um depois o outro e praticamente só tava o coração, o cérebro (...) pouco mesmo. Ela já não fazia mais xixi nem cocô, não queria se alimentar mais aí, eles falaram (...) e desceram.

3. Reconhecer as inviabilidades e impossibilidades terapêuticas;

Porque até então eles não falaram (...) falaram que ela tinha tudo para reagir era uma menina nova que num sei o quê, e tudo... mas na verdade que médico fala, né? Mas na verdade eles sabiam que ela não tinha muita possibilidade de reagir.

4. O reconhecimento pela criança da sua própria finitude;

Então assim, até ela falava:

Amanda: Mãe eu não aguento mais, tá sofrido pra mim.

5. O reconhecimento da finitude da criança;

Minha filha não vai aguentar muito, ela não tem capacidade e nem psicológico pra aguentar essa carga que ela está carregando.

Só que na verdade, antes de eu sair com ela para o hospital, eu cheguei a falar com a minha irmã que Amanda não tinha forças para pra viver, há uns dois dias atrás eu pedia para ela comer, ela não queria.

6. Compreensão da morte existencial da criança;

Cara (!) foi depois de 7 ou 8 meses que eu entrei em desespero que passou a festa aqui da santa que veio toda aquela dor de quê (suspiro) [...]

Quando passou essa festa de agosto que eu vi só tava eu e Enzo tudo aí é que eu comecei a ver que ela não voltava. Aí veio Choro com frequência, até então eu dormia de vez em quando, mas eu dormia então eu passei a não dormir, não dormir.

7. Pré-compreensão da morte;

Eu falava: Que Deus? Que Deus? Tem tanta gente ruim, tanta pessoa ruim que fica aí vivendo anos e anos, gente velha ruim, que ficar velha e dando trabalho pra família, e levou minha filha só com 14 anos.

A gente aprende a ver a vida de outra forma, você vem com aquela vontade que... Poxa eu tenho que viver de momentos se é pra fazer aquilo, vamos fazer que a vida é um sopro. Ela se ela acabou pra minha filha do nada. Imagina para mim, pra Enzo, imagina pra outras pessoas?

8. Reconhecer a morte fisiológica da criança;

Eles mostraram um aparelho que tinha que ficar atenta, aí do nada o aparelho desligou e eu chamei o pessoal. Eles mandaram me recolher da onde ela estava e foi rapidinho, questão de meia hora, nem meia hora, ela... eles vieram falar que a minha filha tinha (engoliu seco) desencarnado.

E foi aí que começou o desespero, foi aí que minha vida... vai fazer 3 anos. Mas... falar isso tudo é como se fosse ontem. Num muda nada o tempo... aí foi... e aí... ela partiu... minha filha.

Eu percebi porque um enfermeiro que estava cuidando dela antes do médico vim falar, o enfermeiro já saiu chorando. [...]

Ai logo em seguida o médico veio falar que ela tinha vindo a óbito, pra mim e pro pai dela.

Precisou. O médico veio e falou... que infelizmente a minha filha não aguentou. Que ela veio a óbito, que nesse momento a gente perde totalmente o controle, né? Todo o equilíbrio que eu tinha eu perdi e entrei em desespero.

9. Compreensão de estar sem a criança;

Vinha vontade de querer minha filha de volta. Vem o desespero de fazer alguma coisa, fazer alguma coisa, traz minha filha.

Veio desespero que isso não está acontecendo que era só um sonho pesadelo, cê fica sem querer acreditar no que está acontecendo. E fica nessa. Tanto que eu saí de lá e deixei o pai dela resolvendo com pessoal lá.

Ah... cê chegar em casa cê topar a casa cheia já de gente. E ver minha mãe. Saber que eu fui várias vezes e voltei com a neta dela, sem Amanda foi um desespero. Ver que eu fui e voltei sem Amanda, sem a neta dela. Ver minha mãe e meu pai sofrimento eles tinham um carinho enorme por ela então assim foi muito doloroso, muito, muito mesmo. (pausa) [...]

Eu só abracei mainha pedi desculpa veio aquela sensação de culpa e a neta dela, não voltou. (suspiro e choro) Com meu pai a mesma coisa e fui tomar um banho. (Choro e pausa.)

Eram três da manhã (fungando) e fui para perto do corpo dela então eu já não tinha mais forças para gritar ou ficar lamentando. Aí eu só sentei do lado dela e só sai na hora do enterro saí umas duas vezes para ir no banheiro e voltar aí eu só saí depois na hora do enterro. Mas até então eu não saí para tomar banho comer nada.

E eu falei para ele[o irmão] que a irmã dele tinha virado estrelinha, um anjinho e que tinha ido morar com papai do céu, aí ele chorou um pouco, mas como ele só tinha quatro anos na época ele ficou bem, mas eu não.

Eu voltei a trabalhar, todo mundo estranhava, eu voltei a trabalhar [...]

Então dava a sensação de que minha filha que ela estava viajando e que ia chegar a qualquer momento. Por mais que eu ia no cemitério com frequência levava flores e ficava lá tudo. A sensação era essa que ela ia voltar a qualquer momento e eu ia ter a minha filha de volta. Ficou um bom tempo assim. "

Parecia, parecia que eu não tava em mim.

O quarto ficou mais de um ano eu não pintei eu não arrumei estava só mantendo do jeito que era, demorou.

Muda tudo muda tudo, tudo, tudo na hora do café da manhã, hora do almoço, hora da janta, muda tudo muda no início eu almoçava depois que ela chegar da escola, que eu nunca gostei de almoçar sozinha então uma esperava outra. Então foi muito complicado você ficar achando, logo quando eu tava naquela situação que ela tava viajando né?

Mas muda muito a rotina, é totalmente diferente, por mais que já vai fazer 3 anos, é(...) todo dia é aquele tormento que tá com ela, cuidar dela, fazer as coisas para ela, por mais que ela era grande tinha 12, 13, 14 anos mas ela sempre gostava que eu fazia as coisas pra ela, preparasse o prato tudo era eu que fazia pra ela dificilmente ela ia fazer alguma coisa.

Que é a mesma rotina que eu faço com Enzo, mas não substitui. Não tem esse negócio de que um filho substitui o outro não. Às vezes eu fico até com dó, porque

eu cheguei a demonstrar muito, muito, muito a saudade por ela, que ele chegava a passar na minha cara que eu gostava mais dela do que dele.

E aí por mais que eu fazia terapia tomava medicamento não adianta, é uma dor que não adianta, remédio... não tem cura para essa dor não tem cura, ela vai, ela vem, ela vem forte, em datas ou em ocasiões como agora, que eu tenho que falar sobre isso ela vem grande forte, derruba. E aí tem momentos que ela fica aqui, a gente não esquece aí você consegue botar um sorriso no rosto, botar uma maquiagem para sair com uma amiga mas ela não some não, ela fica no decorrer dos anos, ela fica.

Vem tudo como se fosse ontem, é uma dor que só quem tem pode falar, não adianta outra pessoa vim para me consolar"

Não tem como agradecer não tem como você agradecer: Ah Deus obrigada Deus por levar minha filha! E não ter deixado ela sofrendo. A gente se torna uma pessoa egoísta por mais que ela taria doente por mais que ela esteja doente eu queria ela aqui, não do jeito que era pra ela tá ela estava restrita a muita coisa eu queria ela bem, se fosse pra ela ficar bem eu queria ela aqui mas infelizmente não é assim. Ela se foi ela se foi fica a dor, fica a saudade fica a sensação de que a gente fez pouco que eu poderia ter feito mais, ao mesmo tempo vem: eu fiz o que eu pude eu fiz tudo que estava ao meu alcance por ela eu fiz tudo que estava ao meu alcance tudo aqui na região oferecia para ela de exames eu fiz. Então assim é bem complicado, que não tem essa dor não dá para falar. Então às vezes quando eu vejo eu falo que é pecado uma pessoa falar de uma dor que não sabe.(falou com raiva)

Mas aí não adianta a gente muda porque você se torna uma mãe anjo você se torna uma pessoa como... uma pessoa se você olhar uma pessoa deficiente, tem aquela pessoa que é deficiente da visão, da pele. E a minha deficiência é o filho, como se tivesse tirado um pedaço de mim. Então você se torna uma pessoa, ao olhar dos outros, deficiente, diferente só que só com a diferença da piedade. Ahhh !!

Mas ao mesmo tempo tem época que eu consigo. Falo: Ah, não, hoje eu vou sair vejo se uma das meninas quer sair tudo. Eu tento, mas não que isso faz com que eu esqueça do meu luto, que eu tenho essa dor aqui dentro de mim. Mas a sensação é essa, que as pessoas olham como se eu não poderia mais.

Aí vem a recaída, vem o chororô, vem a depressão, vem a saudade vem tudo de volta, então fica aquela coisa, de aquele sentimento confuso: de que eu posso ou não posso? Para as pessoas, eu não posso, mas para mim o que eu quero da vida eu vou viver? Eu vou viver enlutada em casa o resto da vida? Igual às pessoas(...) Ou eu vou me dar o privilégio de tentar continuar?

Independente de como foi a partida é complicado. Falar de um filho vivo é ótimo falar do filho que já está nos braços de Deus é complicado. Hoje em dia eu falo em Deus mas eu já fiquei mais de um ano sem falar no nome dele eu fiquei revoltada Então o que a gente aprende é isso, com a perda de um ente, que a vida aqui é passageira, você não tem tempo determinado, idade nem nada, a hora que acabou você tem (...)

Você se tornar mãe de anjo, você consegue ver que você não é tão fraca, igual eu sempre me achava, então se eu estou conseguindo sobreviver já vai fazer 3 anos eu posso falar que eu sou até um pouco forte.

3.2.1.2.1 Síntese compreensiva: entrevista 2

Compreendemos que as mães, imbuídas da relação de cuidado com seus filhos, perceberam a doença; perceberam, desde o anúncio, que a doença dos seus filhos era delicada.

Bianca, mãe de Amanda, 14 anos, acreditou que seria mais uma ida ao hospital para o tratamento e retornar para casa – não foi possível, para ela, reconhecer a situação de risco de morte que sua filha estava vivenciando. Bianca estava envolvida com a possibilidade da doença de Amanda ser tratada e curada pelo sistema médico, atuou delegando aos médicos o cuidado ôntico com a sua filha. Depositou no médico a crença e o investimento da salvação da filha. Bianca pareceu não estar conectada com a gravidade do adoecimento da criança, como se ela não estivesse apropriada das respostas da filha aos tratamentos, como: falta de vontades, inapetência, ausência de atividades fisiológicas como fezes e urina.

Os sintomas físicos tratam do modo como a condição material do *Dasein* encontra-se restringida. O corpo é integrador, não há uma fragmentação tal qual a medicina se utiliza, desconecta a mente e o corpo. Entretanto a criança estava ciente da sua situação, estava comunicando ao mundo de diversas formas a sua dificuldade de ser-no-mundo. Podemos pensar no que Heidegger trata como a possibilidade do ente se entificar e colocar-se na manualidade do outro, o cuidado consigo foi delegado ao outro. Seu corpo biológico não apresentava condição material necessária para o *Dasein* estar no mundo na sua possibilidade de poder-ser, seus órgãos estavam em falência contínua. Bianca, durante a entrevista, pareceu ainda não estar apropriada da morte da filha, tratando a morte ainda como incompreensível, ainda buscando responsáveis pelo não viver de sua criança.

3.2.1.2.2 Quadro ilustrativo da relação dos grupos sincrônico e diacrônico da entrevista 2

<input type="checkbox"/> Diacrônico/tempo <input type="checkbox"/> Sincrônico/pr ofundidade	Descrição da situação da criança	Hospitalização da criança	A morte da criança	Pós morte: dar-se conta estruturalmente.	Presentimento	O cotidiano	Reestruturar a vida sem a criança
Reconhecimento da seriedade da situação de saúde a criança	Busca por tratamentos médicos e psicológicos						
Busca por resolução para o problema de saúde		Identificação dos resultados exames médicos					
Reconhecer as inviabilidades e impossibilidades terapêuticas		Diante da dificuldade do instrumental médico					
O reconhecimento pela criança da própria finitude	O discurso da filha sem vitalidade e sem forças para lutar pela vida.						
O reconhecimento da finitude da criança			Não houve o reconhecimento, mas sim comunicação pelo outro, o médico do	A chegada em casa e a comunicação para a família			

			falecimento da criança.				
Compreensão da morte existencial da criança							Desapropriada, irritada e culpada
Pré-compreensão da morte							Religiosa, colocando nas mãos de Deus a decisão sobre a vida da filha
Reconhecer a morte fisiológica da criança			A partir da comunicação do médico				
Compreensão de estar sem a criança						A compreensão se deu ao modo impessoal.	

3.3 DISCUSSÃO SOBRE O AGRUPAMENTO SINCRÔNICO COMO UNIDADE DE SENTIDO

De acordo com a introdução realizada na apresentação das entrevistas (ver item 3.2), fizemos uma discussão do agrupamento sincrônico a partir das unidades de sentido.

Respeitando as normas éticas substituímos os nomes verdadeiros por nomes fictícios: a entrevistada 1 chamamos de Vivi e a entrevistada 2 de Bianca:

1. Reconhecimento do risco de morte da criança;

O encontro com a morte do outro é o mais próximo que podemos chegar da morte— a morte de um filho, um ser investido de amor, atenção e cuidado, torna o encontro ainda mais agudo. Reconhecer a morte iminente em adultos e idosos da nossa relação está relacionado com a doença e com a idade avançada. No caso de crianças, o reconhecimento da morte se abre enquanto possibilidade para aquele que está numa relação de cuidado ao modo da preocupação substitutiva. A mãe, por vezes, mantém com o ser-aí-criança uma relação de cuidado substitutivo, revelando nas relações de alimentação, proteção e atenção um movimento de antecipação às necessidades do ser-aí-criança.

O homem não existe que nem uma coisa, por si, que tem qualidades determinadas e que está num certo lugar. Pelo contrário, ele existe como um conjunto singular de possibilidades de relacionamento, possibilidades que realiza, na medida em que é solicitado-pelo-que-encontra. Podemos dizer que nosso existir consiste nas possibilidades de relacionamento recebidas diante daquilo que nos chama. (BOSS, 1988, p.70).

Vivi estava com sua criança em caráter de abertura, na relação de cuidado ao modo da preocupação, de tal modo que, ao dar-se conta que seu José estava com sintomas repetitivos cada vez mais sérios, sem um prognóstico próspero, se colocou em movimento, atuando ativamente. Vivi, afetada pela angústia, condição de possibilidade do *Dasein*, toma para si seu ter de ser e estabelece uma relação de cuidado consigo mesma.

Bianca estava com sua criança já com restrição de sentidos, tomando-a como um ente pré-determinado, numa relação de ocupação, de tal modo que o reconhecimento dos riscos de sua filha foi descrito ao modo da relação técnica saúde-doença, como se estivessem externos à relação da filha com o mundo e, por conseguinte, da relação mãe-filha-mundo. Bianca, ao ser afetada pela angústia, paralisou-se. A fuga da angústia trata da possibilidade do *Dasein* se desvelar e se velar, e fugir da angústia é uma possibilidade.

2. Busca por resolução para o problema de saúde;

A pré-compreensão ontológica é a possibilidade que abre um campo compreensivo para que as coisas aconteçam como coisas e que sejam compreendidas como tal, ou não, que se mantenham veladas. O adoecimento, visto como um acontecimento comum em crianças, tem seus modos de afetar os *Daseins* na sua corporeidade, atuando nos seus limites materiais, fundamentais para a existência do *Dasein* enquanto *Dasein*.

O problema enquanto um problema de saúde é aquele que é passível de se buscar uma solução— enquanto ele se mostra como interrogação, há a possibilidade de trilhar um caminho para, no caso da doença, encontrar a cura. O aparato técnico da medicina investe constantemente nesta possibilidade: solucionar problemas, mas para tanto é preciso encontrá-los, é preciso se demorar no diagnóstico.

O homem existe e morre de uma forma toda própria, reservada somente a ele. Por isso só podemos esperar uma compreensão do seu existir e morrer, se nos aproximarmos de ambos através de outro método de investigação, apropriado à sua particularidade especial. (BOSS, 1988, p.69).

Vivi reconhecia, antecipadamente, na sua criança, as restrições, e a via como uma criança doente. Acreditava que a ciência poderia restabelecer a condição de saúde de seu filho — como todos nós, que vivemos na Era da técnica, envolvidos com avanços tecnológicos, também acreditaríamos. Compreendeu a incapacidade do modelo técnico demorar-se sobre o

caso do seu filho e buscou, de diversos modos, que sua criança fosse investigada integralmente e não em pedaços, baseados em sintomas já ditos e já conhecidos.

Bianca acreditava que Amanda estava determinada pela força e pela superação vivenciada anteriormente, não concebia a condição não saudável da filha. Seu modo de se relacionar com a filha como um ente determinado a impedia de entrar em contato com o fenômeno que estava se desvelando, precisando de sinais técnicos, emitidos pela equipe médica, de que o corpo de sua filha, condição material para a existência enquanto *Dasein*, estava em falência múltipla.

3. Reconhecer as inviabilidades e impossibilidades terapêuticas;

A presença de limitações múltiplas diante de uma situação limítrofe é aquilo que conduz o ser humano ao desespero, o desespero de não poder ser, o desespero de não estar mais e não conseguir. Quando todos os esforços possíveis se extinguem, quando não há fé, não há técnica e não há presença que impeçam a vida de seguir seu curso de chegar até a morte; é só então que reconhecemos os limites da existência.

O olhar técnico por vezes se mantém no que aparece e não se demora no fenômeno, cuida ao modo da indiferença, da manualidade, onde há um objeto humano doente a ser observado, e a técnica moderna precisa corresponder àquilo que o saber anterior já prescreveu. As técnicas da saúde ainda permanecem fiéis àquilo que se propõem, que é lutar para manter a vida viva, mas seus instrumentos humanos e eletrônicos também são falhos. Boss nos diz que

A medicina científico-natural pode compreender a morte como algo que falta, como o último componente a ser acrescido, mais tarde, a uma coisa existente, aproximadamente como ao pagar em prestações uma dívida que a última parcela é paga e com isso esta dívida liquidada (BOSS, 1988, p. 68).

Vivi vivenciou seu filho ser mandado para casa diversas vezes, sem sintomas clínicos importantes– vale dizer que, para ela, todos os sintomas eram extremamente dignos de serem observados e investigados, pois eram singulares; mas ela era constantemente destituída do seu lugar de saber materno.

Bianca, por sua vez, não compreendeu o motivo dos médicos não terem dito que a sua filha estava morrendo, mas se mantinham constantemente positivos, contribuindo ainda mais para a impossibilidade de Bianca descortinar o fenômeno da morte de Amanda.

4. O reconhecimento pela criança da sua própria finitude;

O homem é, dentre os entes que se sabem mortais, aquele que pode se debruçar sobre a sua existência e sobre a possibilidade de não ser mais vivo. O homem também é, entre os entes, aquele que pode estar vivendo sem estar existindo, pode viver biologicamente, contudo aniquilado existencialmente.

A instauração da autenticidade se dá quando o Dasein faz a experiência da morte, isto é, de sua finitude ontológica, quando rompe com a ditadura do impessoal e passa a se responsabilizar pelo seu mundo, vindo a ser livre para ser plenamente ele mesmo. A experiência da morte, que se dá no vigor da decisão antecipadora da própria morte, abre o Dasein para si mesmo – ou melhor, abre o Dasein para o seu mundo (CABRAL, 2009, p. 101).

José, num instante apropriativo da sua existência, reconheceu os limites do seu corpo biológico – ele pôde, de modo maduro²⁰, situar os envolvidos no seu cuidado trazendo-os para a experiência do fenômeno de sua morte. Uma despedida simples e clara.

Amanda vivenciava um modo de ser correspondente ao *Dasein* que já não está mais apropriado da sua existência, contudo vive biologicamente, comunicara há algum tempo que seu existir já não era mais possível, e se entregara aos limites do seu corpo.

5. O reconhecimento da finitude da criança;

Olhar o outro e identificar os instantes últimos do ser-com-o-outro-no-mundo demanda o encontro ao modo do cuidado, e mesmo com diversas provas explícitas de que o morrer da criança está próximo, ainda assim a mãe tende a se apegar àquilo que lhe é possível. Fortalecidos pelo automatismo operante no senso comum, vivemos em uma época de felicidade na qual a morte é referência ao sofrimento e ao fracasso.

O sofrimento humano está enraizado nos próprios modos de ser do homem e do mundo. Nesta perspectiva o conhecimento não cindido da experiência visa ‘não alterar as suas causas mundanas, mas sim penetrar na relação temporal de sentido entre homem e o mundo, transformando-a apropriadamente’ (SÁ, 2017, p. 99-100).

Para ambas as mães, o que mobilizou a busca por ajuda e cuidados técnicos foi, antes de tudo, reconhecerem nas suas crianças a fragilidade expressada em sintomas corporais. A expressão dos sintomas e os comportamentos restritivos que seus filhos vinham apresentando

²⁰ Maturidade não está relacionada a idades da vida, mas sim ao fazer escolhas implicadas do horizonte de sentidos da experiência vivida. Para maiores esclarecimentos, ver Pompéia e Sapienza (2010).

anteriormente à última entrada no hospital revelavam, para as mães, a condição de extrema vulnerabilidade da criança.

6. Compreensão da morte existencial da criança;

Em alguns instantes, qualquer que seja o despertar da angústia perante a transitoriedade incontornável e a impossibilidade de uma fundamentação segura – ou seja, dar-se conta de que estamos vulneráveis no mundo a todo instante –, algo muda na nossa experiência que nos retira dessa resposta ocupacional imediata e nos lança na condição de estar em jogo, abertos para o que nos aparece.

7. Pré-compreensão da morte;

A interpretação existencial da morte é aquela que fundamenta as investigações de campos da ciência como a História, a Psicologia e a Etnografia; entretanto, em cada campo o modo de caracterizações e definições sobre o não estar mais vivo pressupõe uma morte que pode ser conceituada (HEIDEGGER, 2012). O autor complementa que “uma psicologia do ‘morrer’ nos informa mais sobre o ‘viver’ do ‘moribundo’ do que sobre o morrer em si mesmo” (ibidem, p. 683).

Para Heidegger, a análise da morte pode ser realizada unicamente do ponto de vista antecipado, na medida em que o fenômeno pode ser interpretado como possibilidade-de-ser do *Dasein*. Investigar a morte se coloca, então, num contexto teórico e hipotético.

A pré-compreensão da morte é possível por sermos, enquanto *Dasein*, originariamente abertos à compreensão. O modo como a compreensão se concretiza é atravessado pelas determinações históricas de cada experiência do *Dasein*, na medianidade cotidiana.

A religião também foi uma determinação norteadora dos modos de compreender a morte de cada criança.

Vivi, nos seus relatos, vivenciava a angústia de morte, acreditava que seria a sua morte, e após a morte de José depositou sua angústia nesta última experiência.

Bianca depositava no divino a responsabilidade de dar a vida e retirá-la, como merecimento ou provação. Não considerava a morte de uma criança uma lógica aceitável para uma família que seguia dedicadamente a religião.

8. Reconhecer a morte fisiológica da criança;

'Enquanto ele é' até o seu final, ele se comporta relativamente a seu poder ser. [...] Esse momento estrutural da preocupação diz, no entanto, inequivocadamente, que no *Dasein* há sempre algo *faltante* que ainda não se tornou 'efetivamente real', como poder-ser de si mesmo. Portanto, na essência da constituição-fundamental do *Dasein* reside uma constante incompletude (HEIDEGGER, 2012, p. 653).

Para Vivi, não foi necessária uma comunicação técnica do falecimento fisiológico de seu filho. A compreensão da situação, a presença, o reconhecimento das restrições que iam aceleradamente tomando conta do corpo de seu filho foram suficientes para ela saber que ele morreria.

Para Bianca, as expressões de falência física e biológica de sua filha ainda estavam veladas, e necessitaram de uma mediação e confirmação da equipe médica de saúde. Bianca, até a comunicação da morte da filha, acreditava no restabelecimento da sua saúde e da sua vida.

9. Compreensão de estar sem a criança;

A perda perante a morte experimentada pelos sobreviventes é o desvendar da morte como uma perda, que em Heidegger (2012) mostra-se como uma possibilidade diante da apreensão fenomênica do já-não-ser-“aí” do morto, aqui da criança morta.

Retomar as atividades rotineiras a partir da quebra súbita que a morte da criança imprime à mãe mostra-se um desafio vivenciado lentamente. A ausência definitiva da criança remete a uma rotina com o ser-que-já-não-é-mais. A morte da criança não elimina a memória dos sobreviventes, pelo contrário, assinala a ausência de um ser-aí criança, institui a lacuna de uma relação antes estabelecida ao modo da preocupação. Nasce um novo modo de relacionar-se com a criança morta, caracterizado pela condição de ser-com do *Dasein*: preocupação-com-o-ser-que-não-é-mais.

Relembrando o já citado por Dastur (2002), a morte provoca um desmoronamento tamanho que despedaça o horizonte de sentido, e de modo algum pode ser comparado à aquiescência da morte. Para ambas as mães, o estar presente diante da ausência de sua criança é, diariamente, um encontro com o vazio e com a possibilidade de re-significar o sentido da sua vida, re-significar a sua existência com o ser-que-já-não-está-mais. E ainda não é a aceitação da morte enquanto tal, mas sim uma condição para que permaneçam criando e recriando sentidos em suas existências.

3.3.1 QUADROS DO AGRUPAMENTO SINCRÔNICO COMO UNIDADE DE SENTIDO

Os quadros abaixo foram mantidos no corpo do trabalho por serem considerados fundamentais para compreendermos o modo como cada trecho de fala foi nomeado de acordo com os nove subgrupos do grupo Sincrônico.

3.3.1.1 Quadro da entrevista 1

Texto original: E1	
Na realidade tudo começou em maio, na primeira vez que ele tinha 3 anos e 10 meses, mas nunca tinha assim ficado doente. Era uma criança forte saudável levava ele no pediatra como rotina, mas aparentemente não tinha problema nenhum, até aquele momento. Ele começou com uma dor de cabeça no domingo, a gente passa o dia na praia e tudo.	Reconhecimento da seriedade da situação de saúde da criança
- Aí tem alguma coisa errada. Aí um dia ele foi e começou... eu vi que a respiração dele tava muito pesada[...]	Reconhecimento da seriedade da situação de saúde da criança
Doutor eu não saio daqui sem exames, porque vocês não podem fazer isso. O menino vem, vocês não fazem exames, dá o medicamento. Já tem várias... no sistema, e fica registrada. Você pode ver que a gente está em maio, eu já dei várias entradas aqui. Vocês já trocaram de medicamento de várias vezes, então hoje eu não vou embora daqui sem vocês me dizerem o que meu filho tem.	Busca por resolução para o problema de saúde
Quando eu olhava para ele eu sentia que tinha alguma coisa errada [...]	Reconhecimento da seriedade da situação de saúde da criança
[...]uma médica que falou: -Você tá duvidando eu estudei para isso você é só mãe eu sou a médica Eu falei: -Justamente, a senhora é a médica eu sou a mãe, então eu sei, eu convivo com ele, eu sei que tem alguma coisa errada.	Reconhecimento da seriedade da situação de saúde da criança
Quando eu olhei para cama ele tinha pegado, [] e ele nunca gostou de ficar coberto, [] ele tinha pegado o lençol e puxado e jogado todo assim em cima dele. E aí eu achei aquele estranho (voz tremula novamente), eu falei com ela no telefone para Andreia: - Andreia só um minutinho. Quando eu puxei eu olhei para ele e ele estava todo amarelo parecia que tinham pintado ele quando eu olhei aquilo[], aí eu soltei um telefone, e fui abrindo a cabeça dele, levantei, quando eu abri a boca dele (suspiro) tava da mesma cor, tudo amarelo e uns pontos de sangue. De repente olhei para os olhinhos dele e aí eu abri e aquele sangue, aqueles pontinhos de sangue. (Fala pausada)	Reconhecimento da seriedade da situação de saúde da criança
E [] Só que eu sentia meu coração... (chorando) ele [médico] falava, mas eu não acreditava naquilo, [...] só que aquele dia era diferente. Tinha alguma coisa diferente!	Reconhecer as inviabilidades e impossibilidades terapêuticas
Foi agravando, agravando ele começou um caroço de repente, assim questão de horas. Aí ele começou botando uma secreção amarelada pela boca, pelo nariz, depois eu percebi que sair pelo ouvido e ele foi... ele começou a inchar. Mas antes de ele inchar muito assim e parar de falar, ele pediu para ver o pai e o irmão.	O reconhecimento da criança da própria finitude; Compreensão da morte existencial da criança
Aí veio uma psicóloga (voz trêmula), acho que era uma assistente social começou a conversar comigo, mas a todo momento eles falavam que tava tudo bem. Aí eu falava que não, não está tudo bem! E eles falavam: - Mãe você tem que parar! Você com essa sua insegurança você passa isso para ele. - Mas não está tudo bem! (Falou com sorriso de desacreditar no que estava ouvindo). Eu estou vendo que não está tudo bem. Ela pediu para levar o pai Jorge e Arnaldo aí eu achei estranho porque não pode entrar porque que eles liberaram. (Tom interrogativo) Aí liberaram. []. Aí a gente tem um ritual aqui em casa que a gente sempre antes de sair, a gente se abraça e abraça todo mundo, a gente se abraça e a gente se despede, a gente sempre fez isso. []	Reconhecer as inviabilidades e impossibilidades terapêuticas
E ele foi, pediu um abraço [...] - Arnaldo eu te amo, papai eu te amo. Ele falou assim: - mamãe você vai me levar para casa? Aí eu falei: - Não, não filho eu não posso te levar para casa porque você está dodói e assim que você ficar bem nós vamos todo mundo para casa. Aí ele falou assim:	O reconhecimento da criança da própria finitude

- Mamãe eu estou indo embora (choro doído).	
- Meu filho você não pode... (choro engasgado) você não pode ir embora porque você está dodói. -Mamãe, eu vou embora sozinho. Aí quando ele falou aquilo deu uma coisa, um aperto no coração ele falou assim: - Chora não mamãe, chora não que tudo passa.	Compreensão da morte existencial da criança
E ele falou assim 'não fica triste não, mamãe tudo passa' e aí foi as únicas palavras que ele disse. Ele foi começou a inchar, inchar, inchar. A cabeça ficou desse tamanho. (mostrando o tamanho da cabeça com as mãos) E aí ele foi e eu percebi que a respiração dele...	O reconhecimento da criança da própria finitude
aí quando eu entrei na sala quando eu olhei ele eu lembrei de um sonho que eu tive antes dele adoecer: eu via uma pessoa deitada exatamente na posição que ele estava e de repente começava a sair sangue e assim pela boca daquela pessoa eu não sabia identificar se era criança ou ser adulto e eu desesperava saiu correndo pelo corredor com as mãos cheias de sangue. Quando eu entrei ele estava na mesma posição e da boca dele saindo secreção, não saía sangue e secreção amarelada. E aí eu tive a certeza que era o fim.	Pré-compreensão da morte;
Eu falei com o Doutor Jonathan ele já tinha sedado ele e eu [] eu falei: -Dr. Jonathan eu gostaria de fazer uma oração pelo meu filho. [...] - Doutor Jonathan é muito importante para mim, é muito importante mesmo! [...] - José meu filho você quer que a mãe faça uma oração por você? Levanta a mãozinha.	Compreensão da morte existencial da criança
Então ele foi levantou a mãozinha aí o médico olhou assim, um olhou para o outro aí ele falou assim: [...] Aí eu peguei na mãozinha dele fiz a nossa oração. Ele parecia aquelas crianças, num sei se você já viu aquelas crianças quando tem crise de asma, aquela respiração. Ele tava assim e aí eu fiz uma oração, e falei com ele: - Meu filho, todos nós temos um tempo aqui então hoje eu estou te entregando - eu falei - Hoje eu te entrego nos braços do Pai porque você já cumpriu o que você tinha que fazer aqui e eu não vou te segurar aqui, eu não vou te prender porque eu não tenho esse direito, não tenho esse direito - eu falei - seu anjo da guarda está aqui e nós te amamos muito e eu quero que você acalme o seu coração porque você não está sozinho. Agora você vai voltar para casa. Aí aquilo ali foi acalmando, acalmando, assim ficou sereno e já não via.	Pré-compreensão da morte
Aí eles me empurraram para fora e começaram em cima dele. Aí eu saí desesperada: - Jorge acabou! Eu vi exatamente que eu vi no sonho	A notícia da morte da criança
E aí quando a gente entrou, o travesseiro tava lá. [...] quando eu entrei na sala eu não senti, eu não senti desespero, assim aquela coisa, lógico que o coração tava (...) Quando eu falo do José eu não choro por tristeza eu choro por saudade porque tudo que ele viveu, não teve desespero em momento algum. Teve dor porque o processo dele, né? Os exames que ele teve que fazer, os medicamentos causavam, né? Reações do corpo físico, né? Então não tinha como eu falar para você que ele não sentiu. Mas ele foi muito sereno...	Reconhecer a morte fisiológica da criança
eu passei (pausas) muito tempo da minha vida com a morte me rondando, eu tinha esse sentimento de quando eu tivesse entre 33 a 34 anos eu vou perder algo muito grandioso para mim algo muito grandioso a minha vida. [...] Então eu sempre tive sentimentos quando eu fiz 33 esse sentimento aflorou de uma forma que eu fiquei praticamente doente.	Pré-compreensão da morte
Em abril eu fiz 34 dia 24 de abril e dia 28 eu fiz uma cirurgia então aí eu falei 'pronto o ciclo vai fechar ali, ali vai ser...' só que não. Eu fiz a cirurgia, foi. Fiz dia 28 e dia 7 de março foi quando o José teve a primeira dor de cabeça. Quando o José teve a primeira dor de cabeça que ... começou, falei gente tem alguma coisa... eu não sei explicar que...	Pré-compreensão da morte
E com a morte do José, aquele dia que ele foi que ele fez a passagem dele, né? Eu parei de sentir. Então vou vivi uma vida inteira sabendo que eu ia perder, (choro intenso) alguma coisa muito importante, eu não sabia o que era. Achava que seria eu, mas depois que a gente tem filhos coloca eles em primeiro lugar. Então, quando José adoeceu eu senti.	Compreensão de estar sem a criança
Foram duas experiências ao extremo quando eu ganhei, entrei no hospital com as bolsas e saí com ele e mais umas bolsas. E entrei naquela sexta-feira que faleceu meia-noite e quinze, se não me engano. Eu tive um tempo para ficar com ele, mas eu não quis ficar aquele tempo que eles dão. E quando eu saí... para falar a verdade (choro intenso) eu não tenho palavras é como se aquele pedaço de tempo não existisse. Não existe uma palavra para descrever. Não existe. Quando eu saí do hospital, quando eu cheguei lá fora e aí eu fiquei esperando o carro chegar quando para a gente vir porque que só podia liberar o corpo 7 horas. Aí quando eu fui entrar no carro eu parei e ' Jorge eu tenho que voltar, não posso deixar aí, não tem como eu deixar ele. Parecia que tinha abandonado sabe? Ele tá sozinho. Pois eu não posso... ele não pode ficar sozinho ele sente falta da gente ele sozinho.	Compreensão de estar sem a criança
Quando eu acordei de manhã eu acordei com aquela coisa assim 'nossa que pesadelo' eu olhei assim, olhei prum lado olhei pro outro, falando 'num to na minha casa, aqui não é minha casa' Aí eu olhei Jorge falou eu estou indo no hospital. Aí sabe? Fique assim, aí eu descí, e Silvia assim, me abraçando e chorando, eu falei: - Gente o que tá acontecendo? Não é sonho? Está acontecendo?!	Reconhecer a morte fisiológica da criança
Todos os dias que eu levanto todos os dias é o horário mais difícil para mim assim, aonde as lembranças (...)	Compreensão de estar sem a criança
Eu ainda não consigo fazer a janta, por que a janta era... o almoço era a refeição principal mas janta a gente ria muito. Porque você poderia servir um lanche, mas ele queria janta: [...] Então é a rotina, o dia a dia, assim coisas do dia a dia, muito difícil.	Compreensão de estar sem a criança
De repente se consegui dinheiro, consegui tempo e chegaram aqui. Aí eu falei mãe a gente vai sair vou te mostrar alguns pontos daqui. Aí ela falou:	Compreensão de estar sem a criança

- Mas filha você acabou de enterrar seu filho?! Aí eu falei: -Mãe a minha dor vai estar comigo onde quer que eu vá. Então não vai fazer diferença.	
(Voz trêmula) ... o momento que mais me dói (pausa longa para o choro) foi quando ele pediu para trazer ele pra casa. (Choro) e eu não podia fazer nada. (Pausa e choro). Porque quando eu entrei na sala e vi ele ali, foi só a matéria. Eu já não... via ele mais ali. Nós temos uma foto que foi tirada algumas horas antes dele falecer, foi quando ele chamou o Jorge. E eu olhava pra ele e eu não via. Eu olhava pra ele e eu não conseguia ver meu filho. Pensei que era outra pessoa, não sei explicar, não tem uma explicação, eu não conseguia ver o José.	Compreensão da morte existencial da criança
Ali ainda tinha um pouquinho de vida. Na hora que eu entrei na sala, não tinha mais vida ali, era só um corpo, uma matéria. Eu peguei ele ainda no colo, fiquei um pouco com ele. Elas falaram que eu podia ficar porque depois eu não ia mais vê-lo daquele jeito. Aí eu falei com ela que não que eu não queria porque ele já não estava mais ali, né? E eu sabia que com o passar das horas dos minutos, o corpo iria reagir, aí eu não quis. Eu só abracei ele e beijei e entreguei ele. Não tinha mais o que fazer...	Compreensão de estar sem a criança

3.3.1.2 Quadro da entrevista2

Texto original: E2	
Na sexta que eu peguei os exames aqui, que ela me deu, a menina. Que eu mandei para ele, ele mandou eu ir urgente com ela de volta para o hospital, aí eu fui (começando a chorar) chegou lá ela já estava bem fraca (voz trêmula), mas até então falando (engasgou o choro), não sentia dores, só o incômodo dela era falta de ar (pausa, suspirando).	Busca por resolução para o problema de saúde
Foi aí que começou o desespero, até então eles falaram que ela tinha que ser entubada porque ela estava muito fraca, os órgãos dela estavam parando aleatoriamente ia parando um depois o outro e praticamente só tava o coração, o cérebro... pouco mesmo. Ela já não fazia mais xixi nem cocô, não queria se alimentar mais aí, eles falaram... e desceram.	O reconhecimento da finitude da criança
Eles mostraram um aparelho que tinha que ficar atenta, aí do nada o aparelho desligou e eu chamei o pessoal. Eles mandaram me recolher da onde ela estava e foi rapidinho, questão de meia hora, nem meia hora, ela... eles vieram falar que a minha filha tinha (engoliu seco) desencarnado. Aí eu entrei em desespero.	Reconhecer a morte fisiológica da criança
Porque até então eles não falaram... falaram que ela tinha tudo para reagir era uma menina nova que num sei o quê, e tudo... mas na verdade que médico fala, né? Mas na verdade eles sabiam que ela não tinha muita possibilidade reagir.	Reconhecer as inviabilidades e impossibilidades terapêuticas
E foi aí que começou o desespero, foi aí que minha vida... vai fazer 3 anos. Mas... falar isso tudo é como se fosse ontem. Num muda nada o tempo... aí foi... e aí... ela partiu... minha filha.	Compreensão de estar sem a criança
Minha filha não vai aguentar muito, ela não tem capacidade e nem psicológico pra aguentar essa carga que ela está carregando. Era médico, psiquiatra, era tudo que era médico a gente começo a levá-la.	Reconhecer as inviabilidades e impossibilidades terapêuticas
Então assim, até ela falava: - mãe eu não aguento mais, tá sofrido pra mim.	O reconhecimento da criança da própria finitude
Então ninguém esperava, foi muito rápido mesmo, ela foi internada numa sexta e morreu na segunda feira, então por tudo que ela passou no final de 2014 pro início de 2015, ninguém imaginava que ali ela iria morrer. Entendeu? Ninguém imaginava mesmo!	Reconhecer a morte fisiológica da criança
Só que na verdade, antes de eu sair com ela para o hospital, eu cheguei a falar com a minha irmã que Amanda não tinha forças para pra viver, há uns dois dias atrás eu pedia para ela comer, ela não queria.	
Eu já sabia, eu já sabia que a minha filha estava morrendo.	Compreensão da morte existencial da criança
Precisou, o médico veio e falou... que infelizmente a minha filha não aguentou. Que ela veio a óbito, que nesse momento a gente perde totalmente o controle, né? Todo o equilíbrio que eu tinha eu perdi e entrei em desespero. [...] Eu percebi porque um enfermeiro que estava cuidando dela antes do médico vim falar, o enfermeiro já saiu chorando. [...] Aí logo em seguida o médico veio falar que ela tinha vindo a óbito, pra mim e pro pai dela.	Reconhecer a morte fisiológica da criança
Vinha vontade de querer minha filha de volta. Vem o desespero de fazer alguma coisa, fazer alguma coisa, traz minha filha. [...] Veio desespero que isso não está acontecendo que era só um sonho pesadelo, cê fica sem querer acreditar no que está acontecendo. E fica nessa. Tanto que eu saí de lá deixei o pai dela resolvendo com pessoal lá	Compreensão de estar sem a criança
Ah... cê chegar em casa cê topar a casa cheia já de gente. E ver minha mãe. Saber que eu fui várias vezes e voltei com a neta dela, sem Amanda foi um desespero. Ver que eu fui e voltei sem Amanda, sem a neta dela. Ver minha mãe e meu pai sofrimento eles tinham um carinho enorme por ela então assim foi muito doloroso, muito, muito mesmo. (pausa) [...] Eu só abracei minha pedi desculpa veio aquela sensação de culpa e a neta dela, não voltou. (suspiro e choro) Com meu pai a mesma coisa e fui tomar um banho. (Choro e pausa.)	Compreensão de estar sem a criança
Quando eu fui acordar já foi de madrugada e o corpo dela já estava lá o corpo chegou e eu não ouvi o desespero de ninguém. [...] Eram três da manhã (fungando) e fui para perto do corpo dela então eu já não tinha mais forças para gritar ou ficar lamentando. Aí eu só sentei do lado dela e só saína hora do enterro saí umas duas vezes para no banheiro e voltar aí eu só saí depois na hora do enterro. Mas até então eu não saí para tomar banho comer	Reconhecer a morte fisiológica da criança

nada.	
E eu falei para ele [o irmão] que a irmã dele tinha virado estrelinha, um anjinho e que tinha ido morar com papai do céu, aí ele chorou um pouco, mas como ele só tinha quatro anos na época ele ficou bem, mas eu não.	Reconhecer a morte fisiológica da criança
Então dava a sensação de que minha filha que ela estava viajando e que ia chegar a qualquer momento. Por mais que eu ia no cemitério com frequência levava flores e ficava lá tudo. A sensação era essa que ela ia voltar a qualquer momento e eu ia ter a minha filha de volta. Ficou um bom tempo assim. Eu voltei a trabalhar, todo mundo estranhava, eu voltei a trabalhar. [...] Aí com 30 dias minhas irmãs foram lá eu, mais duas irmãs, minha sobrinha separamos as coisas quem queria alguma coisa pegou tudo. E o que sobrou a gente amarra num saco num saco e levaram para doação.	Compreensão de estar sem a criança; O reconhecimento da finitude da criança
Parecia, parecia que eu não tava em mim.	Reconhecer a morte fisiológica da criança
Lá o quarto ficou mais de um ano eu não pintei eu não arrumei estava só mantendo do jeito que era, demorou.	O reconhecimento da finitude da criança
Cara (!) foi depois de 7 ou 8 meses que eu entrei em desespero que passou a festa aqui da santa que veio toda aquela dor de quê (suspiro) [...] Quando passou essa festa de agosto que eu vi só tava eu e Enzo tudo aí é que eu comecei a ver que ela não voltava. Aí veio choro com frequência, até então eu dormia de vez em quando, mas eu dormia então eu passei a não dormir, não dormir.	Compreensão da morte existencial da criança
Muda tudo muda tudo, tudo, tudo na hora do café da manhã, hora do almoço, hora da janta, muda tudo muda no início eu almoçava depois que ela chegar da escola, que eu nunca gostei de almoçar sozinha então uma esperava outra. Então foi muito complicado você ficar achando, logo quando eu tava naquela situação que ela tava viajando né?	Compreensão de estar sem a criança
Mas muda muito a rotina, é totalmente diferente, por mais que já vai fazer 3 anos, é (...) todo dia é aquele tormento que tá com ela, cuidar dela, fazer as coisas para ela, por mais que ela era grande tinha 12, 13, 14 anos mas ela sempre gostava que eu fazia as coisas pra ela, preparasse o prato tudo era eu que fazia pra ela dificilmente ela ia fazer alguma coisa. Ela era bem mimada, bem dengosa apesar de já praticamente adolescente era bem dengosa, gostava de grude de ficar comigo. Eu tinha que fazer o leite dela antes de dormir, tudo era rotina com ela. Que é a mesma rotina que eu faço com Enzo, mas não substitui. Não tem esse negócio de que um filho substitui o outro não. Às vezes eu fico até com dó, porque eu cheguei a demonstrar muito, muito, muito a saudade por ela, que ele chegava a passar na minha cara que eu gostava mais dela do que dele. [...] E aí por mais que eu fazia terapia tomava medicamento não adianta, é uma dor que não adianta, remédio... não tem cura para essa dor não tem cura, ela vai, ela vem, ela vem forte, em datas ou em ocasiões como agora, que eu tenho que falar sobre isso ela vem grande, forte, derruba. E aí tem momentos que ela fica aqui, a gente não esquece aí você consegue botar um sorriso no rosto, botar uma maquiagem para sair com uma amiga mas ela não some não, ela fica no decorrer dos anos, ela fica.	Compreensão de estar sem a criança
Vem tudo como se fosse ontem, é uma dor que só quem tem pode falar, não adianta outra pessoa vim para me consolar	Compreensão de estar sem a criança
Não tem como agradecer não tem como você agradecer: Ah Deus obrigada Deus por levar minha filha! E não ter deixado ela sofrendo.	Pré-compreensão da morte
A gente se torna uma pessoa egoísta por mais que ela taria doente por mais que ela esteja doente eu queria ela aqui, não do jeito que era pra ela tá ela estava restrita a muita coisa eu queria ela bem, se fosse pra ela ficar bem eu queria ela aqui mas infelizmente não é assim. Ela se foi ela se foi fica a dor, fica a saudade fica a sensação de que a gente fez pouco que eu poderia ter feito mais, ao mesmo tempo vem: eu fiz o que eu pude eu fiz tudo que estava ao meu alcance por ela eu fiz tudo que estava ao meu alcance tudo aqui na região oferecia para ela de exames eu fiz. Então assim é bem complicado, que não tem essa dor não dá para falar. Então às vezes quando eu vejo eu falo que é pecado uma pessoa falar de uma dor que não sabe. (falou com raiva)	Compreensão da morte existencial da criança
A gente passa a ter a sensação de que a gente se torna uma pessoa diferente,	Compreensão de estar sem a criança
Mas aí não adianta a gente muda porque você se torna uma mãe anjo você se torna uma pessoa como... uma pessoa se você olhar uma pessoa deficiente, tem aquela pessoa que é deficiente da visão, da pele. E a minha deficiência é o filho, como se tivesse tirado um pedaço de mim. Então você se torna uma pessoa, ao olhar dos outros, deficiente, diferente só que só com a diferença da piedade. Ahhh !!	Compreensão de estar sem a criança
Eu tenho o meu momento: eu não estou bem que a saudade é grande e que eu não tenho vontade de sair. Mas ao mesmo tempo tem época que eu consigo. Falo: Ah, não, hoje eu vou sair vejo se uma das meninas quer sair tudo. Eu tento, mas não que isso faz com que eu esqueça do meu luto, que eu tenho essa dor aqui dentro de mim. Mas a sensação é essa, que as pessoas olham como se eu não poderia mais.	Compreensão de estar sem a criança
Aí vem a recaída, vem o chororô, vem a depressão, vem a saudade vem tudo de volta, então fica aquela coisa, de aquele sentimento confuso: de que eu posso ou não posso? Para as pessoas, eu não posso, mas para mim o que eu quero da vida eu vou viver? Eu vou viver enlutada em casa o resto da vida? Igual às pessoas... Ou eu vou me dar o privilégio de tentar continuar?	Compreensão de estar sem a criança
Independente de como foi a partida é complicado. Falar de um filho vivo é ótimo falar do filho que já está nos braços de Deus é complicado. Hoje em dia eu falo em Deus mas eu já fiquei mais de um ano sem falar no nome dele eu fiquei revoltada	Pré-compreensão da morte
Eu falava: Que Deus? Que Deus? Tem tanta gente ruim, tanta pessoa ruim que fica aí vivendo anos e anos, gente velha ruim, que fica velha e dando trabalho pra família, e levou minha filha só com 14 anos!	Pré-compreensão da morte
A gente aprende a ver a vida de outra forma, você vem com aquela vontade que... Poxa eu tenho que viver de momentos se é pra fazer aquilo, vamos fazer que a vida é um sopro. Ela se ela acabou pra minha filha do nada. Imagina para mim, pra Enzo, imagina pra outras pessoas? Então o que a gente aprende é isso, com a perda de um ente, que a vida aqui é passageira, você não tem tempo determinado, idade nem nada, a hora que acabou você tem...	Compreensão de estar sem a criança

Você se tornar mãe de anjo, você consegue ver que você não é tão fraca, igual eu sempre me achava, então se eu estou conseguindo sobreviver já vai fazer 3 anos eu posso falar que eu sou até uma pouco forte.	Compreensão de estar sem a criança
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------

3.4 CONTRIBUIÇÕES HEIDEGGERIANAS PARA PENSAR AS ENTREVISTAS

A interpretação existencial ontológica não pode ser cindida de uma experiência ôntica, o que difere de entendimento. É a partir desse prisma que, embora faça uma análise ontológica da morte, ela é o que fundamenta a possibilidade de fazer uma análise ôntica da morte. A analítica do *Dasein* trata da investigação ontológica do ser e não trata de *Daseins* específicos, ou de etapas determinadas de um *Dasein* específico, contudo é fundamentada na analítica que é possível a análise do *Dasein*. Assim, o modo como Heidegger pode contribuir para pensar o evento ôntico da morte da criança é abrindo nosso pensamento para além das determinações e conceituações que a morte e a criança carregam em seu bojo.

A morte da criança é a proposta desta pesquisa para o desdobramento do pensamento de Heidegger. Podemos ilustrar a possibilidade da morte da criança no exemplo do próprio autor sobre o amadurecimento da fruta (HEIDEGGER, 2012). O fruto tende ao amadurecimento, mas enquanto o amadurecimento não se completa ele não deixa em momento algum de ser um fruto, o fruto não maduro, ainda assim é um fruto. A criança, ciclo de vida que precede a vida adulta, encontra-se nesta mesma matiz, trata-se de um *Dasein*, o modo de ser do homem no mundo, que mesmo ainda-não-sendo-adulto não deixa de ser *Dasein*, ou seja, não deixa de ser um dos modos de ser homem no mundo. A finitude do *Dasein* no seu modo de ser-criança-no-mundo não trata de uma finitude a ser abordada ontologicamente, de um ou de outro modo. Onticamente, entretanto, a morte da criança é abordada com um pesar pelo ainda-não que é característico da criança. Como reflete a fala de Amanda ao exclamar "Tem tanta gente ruim, tanta pessoa ruim que fica aí vivendo anos e anos, gente velha ruim, que fica velha e dando trabalho pra família, e levou minha filha só com 14 anos!".

Heidegger (2012) não descreve, em *Ser e Tempo*, o sofrimento, mas sim a perda. Segundo Byung-Chul Han (2017), estudioso do filósofo alemão, sofrimento remete ao esgotamento, ao cansaço e à depressão, que são a expressão do exagero da positividade. Dor e sofrimento não apresentam, para os pensadores da existência, o mesmo sentido. A dor é aquela que dói na carne, como um espinho entrando na pele e na carne. O sofrimento é a experiência de sentido da dor, a dor da dor, uma doença do querer o que não se pode, quanto mais se tenta escapar mais dói. A perda é a alternativa dos sobreviventes diante de não ser

possível experimentar a morte daquele que morre, pois a morte é inviabilizada de ser significada por aquele que morre; o sobrevivente padece pela perda e isto é o mais próximo que ele chega diante da morte do outro. O sofrimento pode ser ilustrado pela fala de Amanda, quando ela diz: "E aí por mais que eu fazia terapia tomava medicamento não adianta, é uma dor que não adianta, remédio... não tem cura para essa dor não tem cura, ela vai, ela vem, ela vem forte, em datas ou em ocasiões como agora, que eu tenho que falar sobre isso ela vem grande, forte, derruba" A fala de Vivi ilustra a dor: "Quando eu falo do José eu não choro por tristeza eu choro por saudade porque tudo que ele viveu, não teve desespero em momento algum".

Em pesquisas sobre a morte, o luto é um tema recorrente, entretanto, percebemos que o luto é tomado como uma determinação explicativa do sofrimento, é o modo como damos sentido às coisas, ou seja, buscamos explicações para sanar as dúvidas diante de situações por vezes inexplicáveis na ordem do objetivo (SÁ, 2017). Amanda se refere às explicações da ciência quando diz: "[...] na verdade nos primeiros meses dá aquela sensação de que ela tá viajando não é verdade que ela está fazendo uma viagem e que depois eu fui pesquisar tem aquela coisa de fases de luto, né? A negação. Então dava a sensação de que minha filha que ela estava viajando e que ia chegar a qualquer momento".

O luto enquanto uma determinação explicativa se encaixa a uma necessidade humana quase irreversível de fechamento. Em psicologia e nas ciências que se dedicam ao estudo da morte, o luto é um tema de extrema relevância. Foi descrito por Freud, fundador da psicanálise, que apresentou uma série de descrições, buscando abarcar fenômenos de sofrimento existencial, contudo seus escritos sobre o luto foram tomados – pelos seus discípulos e futuros estudiosos – como verdade, a partir da "formulação didática, em linguagem científica, de um misterioso fenômeno da existência humana comum: o medo da transitoriedade e o apego às identificações" (SÁ, 2017, p. 98). E a busca da cura desse sofrimento trata de "outro fenômeno existencial não menos enigmático e fundamental: a liberdade da existência" (ibidem, p. 98).

O parágrafo 26 de *Ser e Tempo* (HEIDEGGER, 2012) aponta a pluralidade dos modos do encontro entre os *Daseins* no mundo, e como a preocupação (*Fürsorge*) leva o *Dasein* a ter de ser ele mesmo com o outro. É na medianidade cotidiana que se dá o mundo da ocupação. É este o modo que, de início e na maioria das vezes, os entes vêm ao encontro do *Dasein*. A natureza se relaciona com o *Dasein*, mesmo que indiretamente. O *Dasein* nunca está só, isolado – se ele é, sempre é ser-com, seja com entes simplesmente dados ou com entes ao modo de ser do *Dasein*. E é por ser-com que ele está com o outro ao modo do cuidado, é por

esse modo de ser que podemos dizer que o *Dasein* se compromete com o outro. É nesse comprometer-se que ele é existência. Não há existência sem os outros *Daseins*, sem mundo, sem os outros entes.

O *Dasein* é o modo de ser do homem determinado a se relacionar ao modo do cuidado ontológico. Entendemos, na discussão de cuidado nos capítulos anteriores, que o cuidado pode se revelar de diversos modos na cotidianidade mediana. A relação que se dá entre entes sob o modo de ser do *Dasein* é a preocupação, que pode ser substitutiva e antepositiva.

A preocupação antepositiva, na qual um *Dasein* nas suas vivências media as possibilidades de decisão do outro *Dasein*, podemos identificar nos seguintes trechos:

Ele era uma criança de um gênio muito forte, muito decidido. Quando ele queria uma coisa, menina, era... nossa ele batia o pé e falava mesmo. E eu, não, porque criança tem que ter limite. Eu falava: Olha vai ter que sentar na cadeirinha do pensamento hoje. Porque não dá para você ter tudo que você quer (...) a vida não funciona assim (Vivi).

A preocupação substitutiva, onde o *Dasein* toma para si as decisões do outro *Dasein*, pode ser ilustrado nas falas:

Todo dia é aquele tormento que tá com ela, cuidar dela, fazer as coisas para ela, por mais que ela era grande tinha 12, 13, 14 anos mas ela sempre gostava que eu fazia as coisas pra ela, preparasse o prato tudo era eu que fazia pra ela dificilmente ela ia fazer alguma coisa. Ela era bem mimada, bem dengosa apesar de já praticamente adolescente era bem dengosa, gostava de grude de ficar comigo. Eu tinha que fazer o leite dela antes de dormir, tudo era rotina com ela (Bianca).

Quando o *Dasein* se relaciona com o outro ente ao modo da manualidade, enquanto utensílio, o cuidado é denominado ocupação.

No diálogo de Vivi, mãe de José, e uma médica, podemos perceber os modos distintos como cada uma está com a criança. A mãe se relaciona com a criança no seu caráter de abertura, enquanto a médica se relaciona com sintomas, ou seja, com saberes pré-estabelecidos que ofuscam a relação com o fenômeno, com uma criança pré-determinada por uma doença que, para estes modos de saber, não pode ser diferente daquilo que está prescrito.

Ela relata:

Quando eu olhava para ele eu sentia que tinha alguma coisa errada e eu falava isso para os médicos e eles sempre diziam que era a preocupação de mãe, é preocupação de mãe então se teve uma médica que o falou:
Médica: Você tá duvidando eu estudei para isso você é só mãe eu sou a médica.

Vivi: Eu falei - Justamente, a senhora é a médica eu sou a sua mãe, então eu sei, eu convivo com ele, eu sei que tem alguma coisa errada. E ela disse que não, que não tinha.

Preocupação Antepositiva, Preocupação Substitutiva e Ocupação são todas possibilidades de modos de ser do *Dasein*.

A angústia diante da morte, a angústia impulsionada pelo desmoronamento de sentido provocado na vida da mãe pela morte da criança provoca uma dobradura do ser sobre sua existência, tomando para si o seu poder ser e se apropriando de ser cuidado. Este é o processo de singularização do *Dasein*, que possibilita uma relação apropriada com o seu poder ser temporal. Contudo, a dinâmica do *Dasein* em seu estar lançado no mundo, o remete invariavelmente à decadência, e é nela que a angústia se perde nas ocupações da medianidade cotidiana, remetendo o *Dasein* à relação de impropriedade com o seu poder-ser, acreditando-se mais uma vez na ilusão da eternidade.

Pra mim o milagre foi não ter deixado ele sofrer. Porque eu sei se ele voltasse ele nunca mais seria o mesmo devido à gravidade. Pra você ter ideia a gente não pôde abrir o caixão dele, a gente não pôde abrir o caixão dele... e foi falado que se ele voltasse ia ter sequelas, então o milagre foi feito! Porque todos nós temos um tempo aqui. Isso é certo! A gente nasce e a gente tem o nosso tempo para ir. Mas a gente nunca sabe! O que dói é isso, a gente não saber quando vai ser, né? Então às vezes me pergunto: 'Deus será que se eu tivesse pedido...' Aí depois eu olho e penso: 'não, porque se os médicos falaram que se ele voltasse não seria mais o mesmo, então...'então não tá certo' (Vivi).

Vivi, diante da finitude concreta de seu filho, ainda se questiona se haveria possibilidade de ter sido diferente, e mais uma vez se depara com a irreversibilidade da morte, buscando compreendê-la enquanto uma determinação a todo ser vivente.

Os dias depois do enterro foram muito sofridos. Noutra dia eu tive que dar as notícias para o irmão dela, estava na casa do pai eu não deixei e até hoje eu acho que eu errei, porque fala que tinha que ter se despedido e tem tinha que ter visto o corpo da irmã e eu achei melhor privar. Aí no outro dia o pai dele trouxe ele de volta para mim. E eu falei para ele que a irmã dele tinha virado estrelinha, um anjinho e que tinha ido morar com papai do céu, aí ele chorou um pouco, mas como ele só tinha quatro anos na época ele ficou bem, mas eu não, na verdade nos primeiros meses dá aquela sensação de que ela tá viajando [...] (Bianca).

Bianca busca incessantemente referenciais científicos, religiosos ou culturais aos quais se agarrar, visando a segurança de evitar o contato com a angústia novamente.

A angústia diante da morte não pode ser concebida como uma fraqueza do homem, ou como medo de deixar-de-viver, ela remete ao encontro poder-ser-para-morte, característico do

Dasein. Heidegger esclarece que "o conceito existenciário do morrer como ser projetado para o poder-ser mais-próprio, irremetente e insuperável e ganhando-se rigorosamente a diferença ante o puro desaparecer, mas também ante um só-findar e finalmente ante um 'vivenciar' o deixar-de-viver" (HEIDEGGER, 2012, p. 693).

A interpretação existenciária da morte não determina comportamentos ônticos anteriores ou posteriores à morte do *Dasein* tal qual um modo característico de se comportar deste ou daquele modo. As duas entrevistas apresentaram relatos que revelaram modos singulares de ser-junto-a-criança-que já-não-é-mais, cada fenômeno foi descrito em caráter singular, no qual o juízo de valores visando a verdade aos moldes científicos de correção não é aplicável. Heidegger nos direciona à verdade enquanto desvelamento para compreender os sentidos da morte da criança na existência única que cada mãe descreveu.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação do fenômeno da morte da criança na perspectiva Fenomenológico-Existencial era o objetivo primeiro desta pesquisa – articular a psicologia e a filosofia a partir do pensamento heideggeriano mostrou-se um grande desafio. Este desafio nos permitiu compreender que não seria possível investigar a morte da criança refletindo sobre a possibilidade de um morrer, e sim, indo ao fenômeno onde ele estava. Ainda assim, não seria possível estar presente em situações nas quais as crianças morrem, tanto por razões éticas, quanto pela disponibilidade da pesquisadora, visto que sabemos da possibilidade da morte de uma criança, mas não é determinado "o quando".

Direcionamos a investigação para os sentidos revelados pelo fenômeno da morte da criança por aqueles que com ela conviveram, onde acreditamos que fosse o mais próximo que poderia chegar do fenômeno em si. Ao longo do processo de investigação buscamos, nos três capítulos, contemplar os objetivos propostos inicialmente – visando compreender, a partir da Psicologia Fenomenológico- Existencial, como a vivência da experiência da morte desvela os sentidos singulares da morte da criança para aqueles que com ela convivem e, contribui para alargar os modos de pensar a interação criança e mundo. No primeiro capítulo nos dedicamos, sob a ótica da ontologia heideggeriana, a refletir sobre o tema da morte tal qual trata Heidegger (2012) em *Ser e Tempo*, em que ele elabora sua análise existenciária da morte. No segundo capítulo trouxemos à cena a Psicologia Fenomenológico-Existencial como um saber que vem, no último século, se constituindo em bases filosóficas antinaturais e dedica-se a trabalhar temas ônticos, cotidianos e comuns aos homens, sob um olhar que se afasta das ciências positivas e explicativas. No terceiro capítulo nos dedicamos às entrevistas de explicitação como instrumentos de trazer à cena o fenômeno da morte da criança ao modo da recordação, o que nos oferece ricas interpretações acerca dos sentidos de ser-com-outro-que-já-não-é.

O cuidado é uma determinação fundamental do *Dasein*. O *Dasein* é a terminologia no idioma original de Heidegger, o alemão, e foi mantido deste modo para evitar quaisquer outras interpretações que não àquela que o filósofo buscava. *Dasein* é o modo de ser do homem no mundo, e precisa ser compreendido a partir do seu caráter de abertura, na qual não há determinações de um modo de ser ou de outro. As determinações que se dão na existência

são determinações dadas e apreendidas pelo horizonte histórico de sentido no qual o *Dasein* está. Como dissemos, o *Dasein* é no mundo, ele é histórico e temporal.

O cuidado como determinação do modo de ser do homem não está referenciando a determinados comportamentos ônticos, apresentados como cuidados práticos que temos com a criança, de alimentar, banhar, assegurar, estes também são modos de cuidado possíveis ao *Dasein*. O cuidado ôntico acontece na medianidade cotidiana, na rotina diária da vida, pois desde sempre o cuidado é ontológico. A discussão apresentada por Heidegger nos aponta o cuidado ao modo da ocupação e da preocupação. O primeiro, na relação com entes simplesmente dados, ou com o próprio homem ao modo de ser cristalizado, determinado ou encapsulado. O segundo é a relação do *Dasein* com outro *Dasein*, ambos no seu caráter de abertura. Importante frisar que o caráter de abertura também engloba o fechamento, pois ao *Dasein* está implicada tal possibilidade.

O *Dasein* está no mundo e por ele é constantemente absorvido. Imerso no mundo, de início e na maioria das vezes, o *Dasein* está no modo impróprio, no qual ele se vê determinado pelo geral, pelo que é mundano. A possibilidade de apropriação acontece quando, diante da angústia, o *Dasein* entra em contato com a diferenciação entre si e o mundo, singularizando-se. A angústia é a disposição afetiva fundamental do *Dasein*. Para Heidegger existem outras, mas em *Ser e Tempo* é sobre ela que ele se debruça. A angústia convoca o homem ao modo de ser do *Dasein* à sua relação mais própria consigo e com o mundo, o cuidado.

O anúncio da angústia acontece quando no instante que o homem, ao modo de ser do *Dasein*, se depara com a sua finitude, com o seu fim. O encontro com a possibilidade da morte leva o *Dasein* ao seu poder-ser-para-morte. O fim para Heidegger não está exclusivamente ligada a morte do corpo físico, ele é uma das condições de possibilidade do *Dasein* estar lançado. O fim da existência não é a morte biológica, tal qual é defendida pela medicina. A morte existencial é uma possibilidade exposta pelo autor. Aqui é um ponto de conflito com outras perspectivas que não a heideggeriana, pois não concebem a morte enquanto morte existencial. De modo algum buscaremos solucionar este embate, mas consideramos importante pontuar esta sutileza fundamental da ontologia heideggeriana.

O cuidado pode se desvelar ao modo ôntico, na medianidade cotidiana, na concretude da vida prática, por desde sempre sermos ontológicos. Nesse sentido, todos os fenômenos que envolvem o fenômeno da morte da criança e que estão direcionados a ele, todos são cuidado. Desde o primeiro momento em que a mãe reconhece que algo não está de acordo com o que é esperado para aquela criança, só existe a possibilidade de reconhecimento, pois existe a

presença. O encontro entre duas pessoas, que se encontram ao modo de ser do *Dasein*, acontece pois o cuidado se revela no olhar, no tocar, no acolher.

O ser-aí-criança é um ser de cuidado, não é tomado pela mãe enquanto um ente simplesmente dado, ela é tomada como possibilidade de poder-ser, ou seja, está em abertura para o adoecimento. Toda a mãe reconhece a possibilidade de seu filho adoecer, e compreende que o adoecimento aponta uma limitação do corpo físico, e que sem o corpo a criança não pode mais estar ao seu lado. Não é preciso conhecimento específico para que a mãe conduza o cuidado com seu filho no sentido de ampliar as possibilidades, a mãe enquanto *Dasein* tem o caráter da pré compreensão, que a possibilita a tal abertura.

O adoecimento, na perspectiva aqui embasada, se revela como restrição de sentidos do *Dasein*, seja uma restrição psíquica ou física. O adoecimento de crianças é algo esperado, é uma possibilidade como muitas reservadas às crianças. A morte não. O adoecimento tem possibilidade de cura, no sentido de eliminar aquilo que está causando o sofrimento. Nós estamos amparados pela ciência médica, orientada pelo que Heidegger chama de Era da Técnica, e damos respaldo confirmando a possibilidade de cura. Desse modo, a sociedade está de certo modo voltada para a possibilidade de uma pessoa com restrição de sentido, seja saúde mental, seja saúde física.

Entretanto nos dois casos abarcados pelas entrevistas, a técnica – representada pelo saber médico – não alcançou o seu propósito; isso indica a possibilidade de um sistema ser falho, apesar de ser um sistema que funciona na crença do sucesso. Eles pareciam saber da possibilidade da criança morrer, da doença não ser tratada e tampouco tratável, mas eles não assumiram a morte como possibilidade antes que ela se mostrasse como tal.

A morte da criança apresenta em sua conjuntura a morte de projetos e expectativas que estavam sendo investidos na criança enquanto vivia. Compreendemos que o modo como concebemos a criança está enraizado no modo como a criança é concebida pela sociedade. A sociedade contemporânea se relaciona com a criança a partir de modelos enraizados em pressupostos teóricos que foram abarcados pela ciência e tomados hegemonicamente tanto pela medicina quanto pela psicologia. A psicologia nasce nesse contexto de teorias que já se estruturaram em bases pouco questionadas pelos saberes posteriores.

A Psicologia Fenomenológico-Existencial emerge na tentativa de criar dentro da própria psicologia uma possibilidade de pensar a psicologia para além do modelo já estabelecido. Esse novo olhar foi possível a partir das trocas entre Heidegger e Boss que se concretizaram nos *Seminários de Zollicon*. Os seminários permitiram uma leitura da obra *Ser e Tempo*(1927/2005/2012) por médicos, psiquiatras e psicólogos, ampliando a compreensão

do sentido do ser para além dos filósofos, de modo que eles pudessem aplicar um novo modo de pensar o homem em suas terapêuticas. A *Dasein* análise surgiu, então, como uma terapêutica pautada na compreensão dos fenômenos e de seus sentidos, distanciada de uma terapêutica determinista.

As novas pesquisas da Psicologia Fenomenológico-Existencial estão direcionadas a compreender as etapas da vida por outro prisma que não o viés das teorias desenvolvimentistas hegemônicas. Podemos perceber que pensar as etapas da vida a partir de pressupostos que são retirados da própria experiência humana apontam a existência como abertura, afastando-se de pressupostos deterministas. O modo de conceber a etapa inicial da vida tal qual ela se apresenta, sem considerá-la uma fase do desenvolvimento de algo que precisa chegar a um determinado ponto para se considerar desenvolvido. A criança não é compreendida como incompletude, mas sim no seu poder ser e na sua finitude.

Assim, comungamos – orientados pela fenomenologia hermenêutica e existencial – que existem ciclos de vida pelos quais o *Dasein* passa, por todo o seu tempo linear de existência no mundo. Tais ciclos não precisam ser compreendidos a partir de determinações fixadas a priori, mas podem apresentar caracteres comuns que a partir deles se possa compreender o ser-aí na sua experiência, no seu desvelar. Não existe também a obrigatoriedade de vivenciar todos os ciclos antes da morte; os ciclos são ciclos de vida, pois desde sempre a vida está imbricada na morte, ou seja, em cada ciclo de vivência do *Dasein* a morte pode estar presente.

A morte de uma criança é seguida de vidas que continuaram existindo sem a criança, os que sobrevivem à morte da criança vivenciam dia a dia a sensação de não ter mais a criança e, revelam um misto de sentimentos como: tristeza, raiva, sofrimento, resiliência, culpa, entre outros. As mães entrevistadas mostraram nas suas falas que a perda da criança é vivenciada no cotidiano de modo singular. A relação da mãe com a criança e a relação da mãe com a ausência da criança revelam o ser-com do *Dasein*.

Como na história de Krisha Gotan, as mães entrevistadas também interrogaram o divino pela vida de seu filho, buscaram no presente e no futuro explicações que as confortassem e a levassem novamente à impropriedade vivida na medianidade cotidiana. O sentimento de dor ao falar da perda resultada da morte da criança oscila no dia a dia, mas não pode ser extinto da vida de cada mãe.

Compreendemos a partir de Freitas (2015) que Edmund Husserl e Maurice Merleau-Ponty destacam-se como os dois autores que pensaram a infância a partir do prisma fenomenológico, nos dizendo:

"Destaca-se que ambos os autores buscaram explicitar, mesmo que por caminhos diversos, o mundo-da-vida-da-criança em seus elementos essenciais e se recusaram a apresentar a infância como um objeto para o pensar, apontando suas características. Ao contrário, buscaram revelar o mundo vivencial da criança, descrevendo-o" (FREITAS, 2015, p.38)

Destarte, em resposta ao objetivo geral desta pesquisa, compreendemos que os sentidos da morte de cada criança estão intimamente ligados ao modo como cada um se relacionava com sua criança em vida. Os modos relacionais estabelecidos por cada família, atravessados cada qual pela sua cultura e pela experiência de vida anterior à maternidade, pareceram estruturar os sentidos dado a cada situação. Ampliou o importante campo de investigação quando pensamos em sociedade e cultura onde as relações são, em certa medida, direcionadas por uma visão de homem – determinada pela ciência moderna – o qual tem sua existência determinada por um modo ou por outro.

No contexto da psicologia, pensar a criança desconectada das teorias desenvolvimentistas ou de teorias da personalidade torna-se um enfrentamento árduo, principalmente em espaços de produção de ciência e saber. Consideramos que nesse campo de enfrentamento esteja a oportunidade fértil para a ampliação do horizonte das ciências que pensam a criança e, por conseguinte, que pensam o homem, crivados no pensamento de que a criança é um vir a ser.

Assim no avanço deste trabalho podemos compreender a escassez de trabalhos qualitativos que abarcassem o tema da morte da criança na perspectiva Fenomenológico-Existencial visto que compreendemos o impacto que o tema causou a cada apresentação da pesquisa. Pudemos também vivenciar nas entrevistas a intensidade de cada história, sendo necessário muitas vezes uma pausa para dar continuidade a análise das entrevistas. É um tema muitíssimo delicado, trata da morte de uma criança e de todos os sonhos que nela são investidos. A entrevista de explicitação foi importante para afinar a escuta terapêutica direcionada ao tema da morte. As entrevistas desenrolaram de modo fluido, onde as mães se mantiveram na maioria do tempo investidas em falar do tema que aponta a necessidade de um espaço para que possam ser escutadas de modo presente, sem que seja preciso emitir opiniões ou conselhos.

O pensamento heideggeriano, a Daseinsanálise e as psicologias que se desdobraram nesta perspectiva trazem outro caminho - não o único - para pensar a criança e a morte da criança, mas em nenhuma instância se esquivam do sentimento de perda, da tristeza e da necessidade de ressignificar os sentidos da vida vivida na ausência da criança.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- _____. **O homem diante da morte**. São Paulo: UNESP, 2014.
- AUGRAS, M. **O ser da compreensão: fenomenologia da situação de psicodiagnóstico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1978.
- BARBOSA C. G.; MELCHIORI L. E.; NEME C. M. B. Morte, família e a compreensão fenomenológica: revisão sistemática de literatura. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 17, n. 3, p. 363-377, 2011.
- BOYDEN, J. Y. et al. Experiences of African American Parents Following Perinatal or Pediatric Death: A Literature Review. **Death Studies**, n. 38, p. 374–380, 2014.
- BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M.; AMADO, J. (org.) **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-192.
- BRAH, A. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, n. 26, 2006, p. 329-376.
- BOSS, M. **Angústia, culpa e libertação**. Tradução de Bárbara Spanoudis. 4ª ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1988.
- CASANOVA, M. A. **Compreender Heidegger**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.
- CASTRO, L. R. (Org.) **Infância e adolescência na cultura do consumo**. Rio de Janeiro: NAU, 1998.
- _____. Possibilidades e destinos. In: CASTRO, L. R. **Acabou a infância?** São Paulo: USP, 2001.
- _____. **Re-visitando a infância contemporânea: passagens, possibilidades e destinos**. In: COLOQUIO DO LEPSI IP / FE-USP, 3., 2001, São Paulo. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032001000300013&lng=en&nrm=abn>. Acesso em: 02 jan. 2019
- CÉSAIRE, A. **Discurso sobre o Colonialismo**. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1978.
- CIORAN, E. **La chute dans le temps**. Paris: Gallimard, 1995.
- COIMBRA, C. M. B. **Guardiães da ordem - uma viagem pelas práticas psi no Brasil do "milagre"**. Rio Janeiro: Oficina do Autor, 1995.
- CYTRYNOWICZ, M. B. O mundo da criança. **Revista da associação Brasileira de Daseinsanalyse**, n. 9, São Paulo: A Associação, 2000, p. 74-89.
- DASTUR, F. **A morte: Ensaio sobre a finitude**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.
- DASTUR, F.; CABESTAN, P. **Daseinsanálise: Fenomenologia e Psicanálise**. Tradução de Alexander de Carvalho. Rio de Janeiro: Via Verita, 2015.

DEPRAZ, N.; VARELA, F.; VERMERSCH, P. La réduction à l'épreuve de l'expérience. **Études Phénoménologiques**, n. 31, v. 32, p. 165-184, 2002.

DEL PRIORE, M. (Org.) **História das crianças no Brasil**. 3. Ed., São Paulo: Contexto, 2002.

DEL PRIORE, M. O cotidiano da criança livre no Brasil entre Colônia e o Império. In: DEL PRIORE, M. **História das crianças no Brasil**. 3ª ed., São Paulo: Contexto, 2002, p. 84-106.

DILTHEY, W. **Ideias sobre uma psicologia descritiva e analítica**. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Via Verita, 2011.

DUSSEL, E. Europa, modernidade e eurocentrismo. In: LANDER, E. **A Colonialidade do Saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas**. Buenos Ayres: Clacso, 2005, p.24-32.

ELIAS, N. **A solidão dos moribundos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FANON, F. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Salvador: Edufba, 2008.

FEIJOO, A. M. L. C. Aspectos teórico-práticos na ludoterapia. **Fenômeno PSI – IFEN – Ludoterapia**. n. 0, ano 1, p. 4-11, 1997.

_____. Temas em psicoterapia infantil. In: ANGERAMI, C.; V. A. (org.) **O atendimento infantil na ótica Fenomenológico-Existencial**. São Paulo: Pioneira Thompson, 2004.

_____. Clínica psicológica: filosofia e praxis. In: FEIJOO, A. M. L. C. (Org.) **Psicologia clínica e filosofia**. Belo Horizonte, MG: Fundação Guimarães Rosa, 2009, p.41-72.

_____. Crise da subjetividade e o despontar das psicologias fenomenológicas. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 16, n. 3, p. 409-417, jul./set. 2011.

FIGUEREDO, L. C. M. **Matrizes do pensamento psicológico**. 10. Ed.. Petrópolis: Vozes, 2003.

FREITAS, J. L.; OLIVEIRA, E. S. T.; ROSA, A. A. Revisão bibliográfica das publicações acadêmicas sobre a criança na perspectiva fenomenológica. **Revista da Abordagem Gestáltica**. Goiânia, v. 23, n.3, 2017.

FREUD, S. Reflexões sobre o tempo de guerra. **Obras Completas de Sigmund Freud**, vol XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1969a.

_____. Luto e melancolia. **Obras Completas de Sigmund Freud**, vol XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1969b.

GEERTZ, C. Um Jogo Absorvente, Notas sobre a Briga de Galos Balinesa. In:_____. **A Interpretação das Culturas**. Ed LTC, Rio de Janeiro, 1989, p. 278-321.

GENNEP, A. V. **Os ritos de passagem: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc.**; 4. Ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

GIORGI, A.; SOUSA, D. **Método fenomenológico de investigação em psicologia**. Lisboa: Fim do Século, 2010.

GROSGOUEL, R. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade. **Global Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 80., p. 115-147, 2008.

HAN, BYUNG-CHUN **Agonia do Eros**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

HEIDEGGER, M. **Seminários de Zollikon**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.

_____. Que é isto – A filosofia? In: **Os pensadores**. Editora Nova Cultural: São Paulo, 1999.

_____. **Ensaio e Conferências**. Tradução de Emanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Márcia Sá Cavalcante Schubak. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. **Ser e tempo**: parte 1. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schubak. 15ª ed., Petrópolis: Vozes, 2005a.

_____. **Ser e tempo**: parte 2. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schubak. 13ª ed., Petrópolis: Vozes, 2005b.

_____. **Ser e verdade**: 1. A questão fundamental da filosofia; 2. Da essência da verdade. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2007.

_____. **Introdução à filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. Verdade – Ser-aí – Ser-com. In: _____. **Introdução à filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2008a, p. 129-140.

_____. **Meu caminho na fenomenologia**. Tradução de Ana Falcato. Corvilhã, LusoSofia: Press, 2009.

_____. **Ser e tempo**. Tradução Fausto Castilho. São Paulo: UNICAMP/Vozes, 2012.

JACÓ-VILELA, A. M. Análise inicial da produção escrita em psicologia no Brasil. In: JACÓ-VILELA, A. M.; MANCEBO, D. (Orgs.) **Psicologia social**: abordagens sócio-históricas e desafios contemporâneos. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, p.93-109.

JOSGRILBER, R. S. **Para uma fenomenologia das idades da vida**. Revista da Abordagem Gestáltica. Goiânia, v. 23, n.3, 2017, p. 295-298.

JOSGRILBER, R. S. **Anotações para uma fenomenologia do *infans* na fase fetal: the fetus and the first year of life..** Revista da Abordagem Gestáltica. Goiânia, v. 23, n.3, 2017, p. 95-298.

LANGDRIDGE, D. **Phenomenological psychology**: theory, research and method. England: Person Education Limited, 2007.

MARTINS, J.; BICUDO, M. A.V. **Estudos sobre o existencialismo, fenomenologia e educação.** São Paulo: Centauro, 2006.

MATTAR, C. Prologo. In: SÁ, R. N. **Para além da técnica: ensaios sobre a técnica, atenção e cuidado.** Rio de Janeiro: Via Verita, 2017.

MATTAR, C. A criança e a família: aspectos históricos e dilemas contemporâneos. In: FEIJOO, A. M. L. C. **Ser criança:** uma compreensão existencial da experiência infantil. Rio de Janeiro, RJ: Edições IFEN, 2015, p.13-34.

NUNES, B. **Heidegger e Ser e tempo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

POMPÉIA, J. A.; SAPIENZA, B. T. **Na presença do sentido:** uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básicas. 2ª Ed. São Paulo, Educ, 2010.

_____. **Os dois nascimentos do homem:** escritos sobre terapia e educação na era da técnica. Rio de Janeiro: Editora Via Verita, 2011.

RODRIGUES, J. C. **Tabu da Morte.** 2ª ed., Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Bases de la Investigación Cualitativa:** Técnicas y Procedimientos para Desarrollar la Teoría Fundamentada. Trad. E. Zimmerman]. Antioquia: Editorial Universidad de Antioquia, 2002.

SÁ, R. N. A psicoterapia e a questão da técnica. In: _____. **Arquivos brasileiros de psicologia.** Hermenêutica, n. 4, v. 54, p. 348-362, 2002.

_____. A noção heideggeriana de cuidado (sorge) e a clínica psicoterápica. In: OLIVEIRA, N. A. **Rousseau e Rawls:** contrato em duas vias. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2000, p. 8-14.

_____. As influências da fenomenologia e do existencialismo na psicologia. In: _____. **História da psicologia:** rumos e percursos. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2005.

_____. A questão do método na clínica *Daseinsanalítica*. **Fenômeno PSI**, v. 1, p. 41-46, 2004.

_____. **Para além da técnica:** ensaios fenomenológicos sobre psicoterapia, atenção e cuidado. Rio de Janeiro: Via Verita, 2017.

SOUSA, J. P. **Exortando Corpos:** por uma antropologia dos ritos fúnebres. [Dissertação de mestrado] Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia. Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2011.

VALLE, E. R. M. Acompanhamento psicológico em oncologia pediátrica. In: ANGERAMI, V. A. (Org.) **O atendimento infantil na ótica Fenomenológico-Existencial.** São Paulo: Thompson, 2004.

VALLE, E. R. M. (org.) **Câncer infantil:** compreender e agir. Campinas: Psy, 1997.

YALOM, I. D. **Existential Psychotherapy.** EUA: Basic Books, 1980.

APÊNDICES

APÊNDICE A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Página 1 de 3

Caro participante, convidamos você para participar de uma pesquisa sobre os sentidos da morte de uma criança. Você foi indicado por um morador de modo informal, para participar desta pesquisa. Agora venho apresentar um termo formal, explicando-lhe sobre a pesquisa, que você poderá aceitar ou não.

A pesquisa tem o objetivo conhecer os sentidos que cada participante dá à experiência vivida com a morte de uma criança. Contar a sua história pode ser terapêutico e ajudar você a compreender seus sentimentos em relação à morte da criança e o que envolve a ausência dela. Relembrar e falar é terapêutico, permitindo escutar novamente as histórias, dando novos significados a elas, pode diminuir o sofrimento. Após ler esta carta você pode consultar pessoas da sua confiança, como familiares e amigos, para tomar a decisão no seu tempo.

A sua história irá enriquecer a pesquisa **Criança e finitude: uma reflexão à luz da fenomenologia existencial**²¹, que está sendo desenvolvida por mim, Maira Prieto Bento Dourado, psicóloga, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estado e Sociedade da Universidade Federal do sul da Bahia - UFSB, sob a orientação do Prof. Dr. Márcio José da Silveira Lima e co-orientação do Prof. Dr. Roberto Novaes de Sá.

A entrevista precisará ser gravada em áudio para possibilitar a análise posterior, e todos os dados serão utilizados apenas para produção científica. Todas as informações que identificam você ou a criança serão protegidos e mantidos em segredo, garantindo a sua privacidade.

²¹Esta pesquisa teve os aspectos relativos à Ética da Pesquisa envolvendo Seres Humanos analisados pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual de Santa Cruz. Em caso de dúvidas sobre a ética desta pesquisa ou denúncias de abuso, procure o CEP, que fica no Campus Soane Nazaré de Andrade, Rodovia Jorge Amado, KM16, Bairro Salobrinho, Torre Administrativa, 3º andar, CEP 45552-900, Ilhéus, Bahia. Fone (73) 3680-5319. E-mail: cep_uesc@uesc.br. Horário de funcionamento: segunda a quinta-feira, de 8h às 12h e de 13h30 às 16h.

Esta pesquisa investiga com delicadeza a morte das crianças e tem como objetivo compreender os sentidos da experiência do fenômeno da morte da criança para quem viveu com a criança, ou seja, o que e como você sentiu e pensou. Todos os participantes serão adultos, maiores de 18 anos. A entrevista será realizada individualmente, em uma data combinada, local apropriado e reservado, para que você se sinta confortável e seguro para contar como viveu a morte da criança com a qual convivia. Na entrevista, você poderá se emocionar ao lembrar dos momentos vividos, e compreendo que eu, enquanto entrevistadora, apresento competência técnica e formação de psicóloga para intervir diminuindo os possíveis desconfortos; caso você venha a apresentar qualquer alteração psicológica ou sofrimento psíquico, está assegurado acompanhamento psicológico gratuito, pelo tempo necessário para solucionar a questão.

Para participar desta pesquisa, esclareço que: A) A sua participação é voluntária; B) As entrevistas serão gravadas e estas ficarão em posse da pesquisadora; C) A pesquisadora poderá publicar os resultados deste trabalho, tendo sido garantida a não identificação das pessoas envolvidas neste processo, assim como não serão feitas referências a locais ou dados que possam lhe identificar; D) As informações serão utilizadas somente para finalidades de estudos científicos, ficando a pesquisadora autorizada a publicar os dados apenas em publicações científicas; E) Você está livre para desistir em qualquer momento da pesquisa, sem sofrer qualquer prejuízo; F) Quaisquer dúvidas quanto aos procedimentos da pesquisa poderão ser esclarecidos em qualquer momento; G) Mesmo não sendo previsto, se você tiver gastos decorrentes da pesquisa, será ressarcido, sendo ainda garantido o direito a indenização se você tiver qualquer dano decorrente da sua participação na pesquisa.

Este termo foi impresso em 2 vias e, você ficará com uma das vias devidamente assinada.

Assinatura da pesquisadora: _____

Pesquisadora Principal: Maira Prieto Bento Dourado

Contato: (73)98897-5050

E-mail: maidour@gmail.com

Diante do que li na presente carta, do que a pesquisadora explicou e esclareceu, declaro que compreendi e concordo em participar desta entrevista e da pesquisa **Criança e finitude: uma reflexão à luz da fenomenologia existencial²²**.

Assinatura do participante: _____

Data: ____/____/____



Assinatura da Testemunha 1: _____

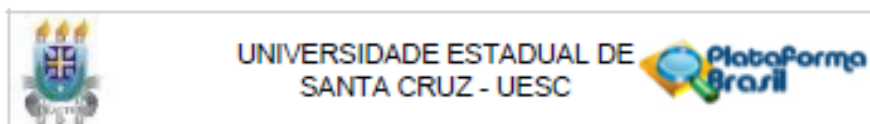
Data: ____/____/____

Assinatura da Testemunha 2: _____

Data: ____/____/____

²²Esta pesquisa teve os aspectos relativos à Ética da Pesquisa envolvendo Seres Humanos analisados pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual de Santa Cruz. Em caso de dúvidas sobre a ética desta pesquisa ou denúncias de abuso, procure o CEP, que fica no Campus Soane Nazaré de Andrade, Rodovia Jorge Amado, KM16, Bairro Salobrinho, Torre Administrativa, 3º andar, CEP 45552-900, Ilhéus, Bahia. Fone (73) 3680-5319. E-mail: cep_uesc@uesc.br. Horário de funcionamento: segunda a quinta-feira, de 8h às 12h e de 13h30 às 16h.

APÊNDICE B: Parecer Consubstanciado do CEP



Continuação do Parecer: 2.024.025

fenomenológico de investigação em psicologia (GIORGI & SOUZA, 2010); por fim, como última etapa, serão desenvolvidas as reflexões e apresentadas as ideias conclusivas.

A amostra será composta de 05 pessoas que vivenciaram a morte de 01 criança e escolhida por conveniência, aonde os participantes são aqueles que foram mais facilmente localizados e estiverem dispostos a participar. O levantamento será feito a partir de entrevistas semi estruturadas, devidamente gravadas e transcritas, as perguntas orientadoras serão: Como você vivenciou a morte da sua criança? Por favor, descreva-me como foi a experiência de tomar consciência da morte desta criança?

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Geral

Compreender a partir da fenomenologia existencial o fenômeno da morte da criança e os possíveis desdobramentos nos modos de interação na relação criança e mundo.

Objetivos Específicos

- A. Descrever a noção da morte na fenomenologia hermenêutica heideggeriana
- B. Realizar o levantamento da fortuna crítica sobre a morte da criança na psicologia fenomenológico existencial;
- C. Entrevistar, a partir da fenomenologia hermenêutica, famílias que vivenciaram a morte de crianças, visando o modo de pensar a criança e a sua finitude;
- D. Analisar os discursos das entrevistas e articular os sentidos da morte da criança, visando alcançar a essência do fenômeno e sua relação com modos de interação criança e mundo.

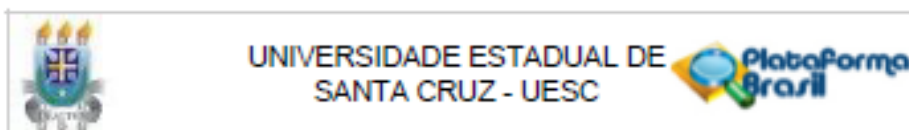
Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A entrevista pode suscitar aos entrevistados emoções como tristeza e reações como choro, ou outra reação emocional qualquer, contudo a entrevistadora que também é psicóloga poderá se utilizar de técnicas psicológicas para o acolhimento e melhor condução da entrevista. Em caso de efeito rebote a pesquisadora estará à disposição para acolher ou encaminhar ao que for de direito. Quanto aos benefícios a pesquisadora não explicita no projeto e nem no TCLE.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Esta pesquisa será desenvolvida com familiares que enfrentaram a morte de criança dentro da família. No Brasil os estudos nesta área são escassos, porém em alguns países existe uma busca por compreender o modo como as pessoas envolvidas com a criança percebem a morte da mesma, o que propicia o desenvolvimento de políticas públicas de assistência, para os pais, irmãos e familiares, que precisam da oferta desse espaço, visto que nem sempre é possível uma busca ativa

Endereço: Campus Soane Nazaré de Andrade, Rodovia Jorge Amado, Km 16
 Bairro: SALOBRRINHO CEP: 45.602-900
 UF: BA Município: ILHEUS
 Telefone: (73)3680-5319 Fax: (73)3680-5319 E-mail: cep_uesc@uesc.br



Continuação do Parecer: 2.024.035

para a compreensão do fenômeno da morte vivido. Uma possível análise dos sentidos do fenômeno da morte da criança a partir do discutido por Martin Heidegger utilizando a fenomenologia de Edmund Husserl como um método de investigação que busca a origem de todo conhecimento – a experiência do mundo – procurando, então buscar o fenômeno, analisá-lo e descrevê-lo, assim chegando à compreensão da estrutura formal do fenômeno, sua essência. Consideramos um trabalho de relevância social com produção conhecimentos científicos numa área pouco avançada em nossa sociedade.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Acusamos que no protocolo 92218318.8.0000.5526, são apresentados os seguintes documentos, nos termos descritos abaixo:

- a) Folha de Rosto com as devidas assinaturas da pesquisadora e da direção da UFSSB e do diretor da FAPESSB;
- b) PB Informações Básicas do Projeto;
- c) Termo de outorga de Bolsa assinado pelo representante da FAPESSB, pela pesquisadora bolsista, pelo orientador e pela direção da UFSSB;
- d) Declaração de Responsabilidade da pesquisadora assinada pela pesquisadora e orientador;
- e) Projeto de pesquisa completo;
- f) Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, para os sujeitos que serão convidados a participar das entrevistas;
- g) Carta de Anuência consiste em uma declaração de responsabilidade de que a pesquisa só será iniciada após aprovação do CEP e com o TCLE devidamente assinado pelas partes. Assinada pela coordenadora da PPGES da UFSSB;
- h) 03 Currículos Lattes da pesquisadora, do orientador e do coorientador.

Recomendações:

Não há recomendações.

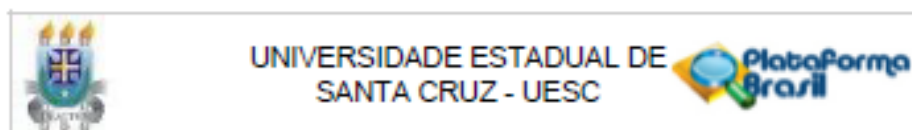
Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após leitura e análise do protocolo, com todos os documentos adicionados após retorno de pendências, considera-se que todos os aspectos atinentes à ética em pesquisa foram atendidos, sendo recomendada a sua aprovação.

Considerações Finais a critério do CEP:

O Comitê de Ética em Pesquisa da UESC avaliou as respostas ao parecer com pendências de número 2772502, do projeto "CRIANÇA E FINITUDE: UMA REFLEXÃO A LUZ DA FENOMENOLOGIA

Endereço: Campus Soane Nazaré de Andrade, Rodovia Jorge Amado, Km 16
 Bairro: SALOBRRINHO CEP: 45.962-900
 UF: BA Município: ILHEUS
 Telefone: (73)3680-5319 Fax: (73)3680-5319 E-mail: cep_uesc@uesc.br



Continuação do Parecer 2.024.026

EXISTENCIAL", CAAE 92218318.8.0000.5526, de autoria de MAIRA PRIETO BENTO DOURADO, e considerou que todos os aspectos atinentes foram respondidos. Portanto, a decisão final para este protocolo é favorável à sua APROVAÇÃO. Havendo alterações necessárias no projeto, estas deverão ser encaminhadas à este CEP na forma de Emenda. No caso de eventos adversos, estes deverão ser notificados ao CEP. Solicitamos especial atenção no envio dos relatórios semestrais e final.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1016248.pdf	25/07/2018 14:32:52		Acelto
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Maira1.docx	25/07/2018 14:31:13	MAIRA PRIETO BENTO DOURADO	Acelto
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_comite_de_etica_2018.docx	25/07/2018 12:19:26	MAIRA PRIETO BENTO DOURADO	Acelto
Outros	Oficio_de_alteracoes_CEP.docx	25/07/2018 12:18:00	MAIRA PRIETO BENTO DOURADO	Acelto
Outros	Curriculo_Roberto_Novoes_de_Sa.pdf	25/06/2018 21:32:26	MAIRA PRIETO BENTO DOURADO	Acelto
Declaração de Instituição e Infraestrutura	termo_de_outorga_Mairadourado.pdf	25/06/2018 13:52:46	MAIRA PRIETO BENTO DOURADO	Acelto
Declaração de Instituição e Infraestrutura	cartadeanuencia_ufsb_MairaDourado_e_saneada.pdf	25/06/2018 12:40:33	MAIRA PRIETO BENTO DOURADO	Acelto
Declaração de Pesquisadores	DECLARACAO_DE_RESPONSABILIDADE_CEP_escaneado.pdf	25/06/2018 12:38:24	MAIRA PRIETO BENTO DOURADO	Acelto
Outros	Curriculo_Lattes_MAIRADOURADO.pdf	11/06/2018 11:08:45	MAIRA PRIETO BENTO DOURADO	Acelto
Outros	Curriculos_Lattes_Marcio_Jose_Silveira_Lima.pdf	11/06/2018 10:58:16	MAIRA PRIETO BENTO DOURADO	Acelto
Folha de Rosto	folha_de_rosto_comit_de_etica_MairaDourado.pdf	05/04/2018 09:07:34	MAIRA PRIETO BENTO DOURADO	Acelto

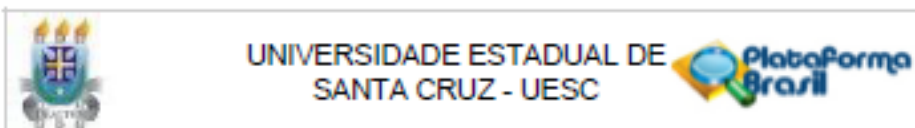
Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Aprovação da CONEP:

Não

Endereço: Campus Soane Nuzari de Andrade, Rodovia Jorge Amado, Km 16
 Bairro: SALOBREINHO CEP: 45.602-900
 UF: BA Município: ILHEUS
 Telefone: (73)3680-8319 Fax: (73)3680-8319 E-mail: cep_uesc@uesc.br



Continuação do Processo: 2.024.835

ILHEUS, 16 de Agosto de 2018

Assinado por:
Pollyanna Alves Dias Costa
(Coordenador)

Endereço: Campus Soane Nazaré de Andrade, Rodovia Jorge Amado, Km 16
Bairro: SALOBRRINHO CEP: 45.682-900
UF: BA Município: ILHEUS
Telefone: (73)3680-5319 Fax: (73)3680-5319 E-mail: cep_uesc@uesc.br

ANEXOS

Entrevista 1

Vivi, primeiro gostaria de te agradecer por esse momento, então eu queria que você falasse o que você quiser sobre a morte do seu filho, fique à vontade, fala o que você quiser, a história dele.

São duas perguntas importantes: Como foi a experiência da morte do seu filho? E Como você se deu conta que tinha perdido seu filho?

E: Como foi a experiência que, se você puder me descrever, como foram os momentos onde você se deu conta de que você tinha perdido o seu filho?

V: Na realidade tudo começou em maio, na primeira vez que ele tinha 3 anos e 10 meses, mas nunca tinha assim ficado doente. Era uma criança forte saudável levava ele no pediatra como rotina, mas aparentemente não tinha problema nenhum, até aquele momento. Ele começou com uma dor de cabeça no domingo, a gente passa o dia na praia e tudo. E...

Aí ele pediu que queria comer um churrasco de repente assim, pediu pra ir a praia, que queria comer um churrasco. E a gente é muito assim a nossa família a gente tem muito isso de momento a gente sempre gosta de fazer a coisa exatamente naquele momento, e ninguém não gosta de deixar para depois. Tudo nosso é assim, sempre foi assim. E que bom né? A gente levou ele a praia, quando voltou o tio dele fez churrasco depois ele comeu. Aí ele, no final do dia, ele falou que estava sentindo uma dor de cabeça eu achei estranho, mas eu logo pensei - deve ser do sol, né? - Por mais que a gente protege tudo e tinha sido um dia muito intenso, eles tinham brincado, tinha corrido, sabe? Aí na segunda-feira quando ele levantou:

- Mamãe, tô com dor de cabeça.

- Tá doendo?

-Tá, aqui.

Aí eu falei:

- Jorge tem alguma coisa errada! Porque o José não é de reclamar, ele é uma criança forte aí, né?

Aí levamos no UPA olharam, falaram que poderia ser garganta passaram o medicamento e levaram para casa. Aí, ali começou... essa dor de cabeça, veio uma dor na barriga, deu uma diarreia e o quadro a cada semana que a gente ia com ele e levava ele era uma nova história, uma nova história. E aí foi passando os dias, dava medicamento mandava para casa.

Eu falei:

- Aí tem alguma coisa errada. Aí um dia ele foi e começou... eu vi que a respiração dele tava muito pesada, falei:

- Não! Vamos levar!

Levei. E aí eu levei falei:

- Doutor eu não saio daqui sem exames, porque vocês não podem fazer isso. O menino vem, vocês não fazem exames, dá o medicamento. Já tem várias... no sistema, e fica registrada. Você pode ver que a gente está em maio, eu já dei várias entradas aqui. Vocês já trocaram de medicamento de várias vezes, então hoje eu não vou embora daqui sem vocês me dizerem o que meu filho tem.

Aí foi quando eles pediram exame. Veio o resultado. Eles não falaram nada, eles só falaram:

- Mãe a gente vai ter que transferir no hospital.

Aí pegamos ele e levamos ele lá para cima pro Luís Valério. Chegando lá, ele chegou com quadro de dor abdominal e diarreia, e a dor na cabeça que a dor da cabeça persistia. Foi o que começou.

E aí em questão de horas assim, o quadro se agravou. Aí com os exames, pediram tomografias, exames de sangue e aí veio a suspeita de leucemia.

(Até aqui a fala estava serena, começou a engasgar e os olhos encherem de água).

Até aí a gente não tinha noção do que seria uma seria uma leucemia. Aí com o aprofundar dos exames poderia ser uma aplasia, porque ele não estava conseguindo, como se fala? Sangue, produzir sangue porque estava baixa as plaquetas foi quando ele entrou com pedido de sangue. Começou a tomar sangue, começou a busca por uma vaga.

(Mudou o tom de voz)

E aí entraram no sistema sairia uma vaga para ele em Salvador. Só que foi naquele período da greve dos caminhoneiros e ele não tinha condição de fazer a viagem por terra teria que de avião e mas como tava sem combustível, aeroporto estava fechado. E aí a luta começou. Ele foi internado oito dias esperando essa vaga aqui e o quadro só está gravando. Porque infelizmente o hospital daqui não tem condições, ele não tem não tem infantil, então os médicos estavam fazendo que podia. Tanto que chegamos a ter que comprar os medicamentos que faltou medicamento no hospital e a gente só conseguiu através de amigos que se juntaram. Porque os medicamentos eram caríssimos teve um medicamento que a gente não conseguiu comprar na farmácia, mas como teve um rapaz conhecido nosso que trabalhava na farmácia ele conseguiu através de alguns contatos até que os medicamentos chegassem e tudo. E aí uma moça de uma ONG aqui, ficou sabendo da história entrou em contato com GAC de

Itabuna que eles providenciaram tudo. Transferiram José para Itabuna. Aí foi para Itabuna, o estado dele era muito grave, aqui ele já estava em isolamento de contato, era tudo... Fomos para Itabuna. Chegando em Itabuna, ele começou o processo: começou inchando, inchando, inchando, inchou de uma forma assim. (Mostrando com as mãos) E era tudo muito rápido, era tudo muito rápido o processo. Aí chegou lá fez vários exames, aí descobriu uma sepse. Aí vieram conversar: (baixou o tom de voz)

- Mãe ele tá com infecção generalizada uma sepse foi explicando, (suspirou) devido essas sepse a gente fez um teste para saber se ele tem a aplasia, foi descartada porque o nível não consegue atingir. Mas a gente tem a sepse e ela também agrava o resultado de alguns exames. Então nós vamos ter que aguardar.

Eles entraram com medicamento tudo, [] ficou 8 dias internado lá também. No oitavo dia ele teve uma melhora, assim su... em 8 horas ele voltou ele desinchou e ele voltou tudo ao normal, normal, normal, parecia ele nem ter ficado doente. Uma coisa assim!(expressando surpresa). Todos os médicos ficaram apavorados, né? Porque era uma melhora mais ... tava no isolamento e tudo. Falaram:

- Mãe!?

Fui relatando que lá a gente faz todo dia... O acompanhante preenche uma ficha com relatório de quantas vezes fez as fezes, quantas vezes a urina, a quantidade de líquido. Vamos fazer os exames fizeram todos os exames novamente (ênfase). Não dava nada, era como se ele não tivesse tido nada, absolutamente nada. Aí eu fiquei assustada, mas a médica ficou para mim a médica falou para mim que devido aos últimos exames das últimas 8 horas, eles iam dar alta para ele. Porque eles não podiam manter ele lá porque eram hospital de vaga para criança com câncer como não tinha sido detectado, eles tinham que liberar uma vaga para outras crianças. Só que eu poderia ficar tranquila porque ele teria o acompanhamento de 3 meses, porque tem sepse é uma infecção muito grave e ela causa vários tipos de sequelas, e dentro desses três meses poderia ocorrer alguma coisa. Achei estranho porque o menino entrou com uma diarreia, saiu do hospital com diarreia, porque a diarreia não foi curada, ainda perguntei:

- Doutora, eu não sou médica, mas eu acho que tem alguma coisa errada.

Aí ela respondeu:

- Mamãezinha é assim mesmo, ele tomou medicamento, antibiótico, várias bolsas de sangue, esse é o processo.

E mandaram o menino para casa. Ele ficou bem, aí passou uma semana a gente teve que retornar para Itabuna para fazer novos exames. Nada, não deu nada! Então tá. Voltamos para casa. Falei:

- Graças a Deus o pior passou, né?

E: uhummm

V: Voltamos para casa ele ficou uma semana bem nisso já tinha entrado junho, passou maio junho. Aí em junho começou uma sequência de febre, dor de cabeça, febre, dor de cabeça febre. Levava para o hospital, medicava e mandava para casa.

- Mãe, já foi explicado que dentro de 3 meses ele ainda está muito fraco e...

- Tá bom.

- Qualquer problema traz.

Tanto que eu tinha uma carta, um relatório esse que eu chegava não precisava esperar, eu já entrava com esse documento, né? Aí um dia a gente foi, falaram que ele tinha pegado uma infecção na garganta, mas que era normal devido ele estar com imunidade muito baixa. Depois voltamos falaram que ele estava com infecção intestinal, dentro do quadro era normal. Quando foi um dia, ele começou com febre. Ele começou a reclamar de dores e ele sempre aparecia umas manchas roxas na pele e muitas dores nas articulações tanto que ele no final assim de junho para julho ele não andava, ele ficava muito deitado ele falava que sentia muita dor:

- Mamãe tá doendo!

- Onde?

- Aqui mamãe, meus ossinhos tá doendo.

Relatei para os médicos, (voz trêmula) fui uma pediatra no Hospital da Mulher, Cova da Moça ali no Hospital da Mulher. Levei ele no médico particular lá em Eunápolis, fui buscar, levei no particular eu sabia, sabia que tinha que ter uma coisa errada.

E: hummmm

(começou o choro desesperado e engasgar)

V: Porque ele não era ele não era o José que eu conheci. Falei Jorge tem alguma coisa errada, eu sinto que tem! Quando eu olhava para ele eu sentia que tinha alguma coisa errada e eu falava isso para os médicos e eles sempre diziam que era a preocupação de mãe, é preocupação de mãe então se teve uma médica que o falou:

-Você tá duvidando eu estudei para isso você é só mãe eu sou a médica.

Eu falei:

-Justamente, a senhora é a médica eu sou a sua mãe, então eu sei, eu convivo com ele, eu sei que tem alguma coisa errada.

E ela disse que não, que não tinha. Voltamos para casa no domingo ele ficou... Deu febre ficou muito forte, deu um princípio de convulsão levamos ele, retornamos na segunda, na terça deu febre muito forte e a reclamação de dores levamos, a médica falou que não tinha nada que era sintomas do medicamento que ele tava tomando que ele toma muitos medicamentos. Retornamos.

Na sexta-feira... na quinta-feira eu levei ele em Eunápolis aí, na sex (interrompeu) []. E aí o médico falou:

- Mãe eu suspeito que a infecção sepse ela não foi curada 100% e ela se alojou no intestino.

E ele estava certo! Só em olhar, ele falou:

- Mãe volta agora com esse menino para o hospital, você tem que voltar com ele para o hospital!

E já passou os exames que deveriam ser pedido:

- Você faz esses exames aqui você explica o médico que você teve aqui que você trouxe todos os exames, eu olhei e em cima disso eu suspeito que a infecção está no intestino.

Isso foi numa quinta-feira à noite, a gente foi a última a ser atendidos que foi um encaixe. Voltamos com ele pro hospital:

- Não tá tudo bem não tem nada! – Mandaram pra casa.

Voltamos com ele para casa. Na sexta-feira, levantei em como sempre eu levanto muito cedo. Jorge saiu para comprar os medicamentos que esse médico tinha passado e marcar um particular, eu falei:

- Não vou esperar pelo público, vamos fazer no particular!

Só que como era o exame muito complexo tinha que fazer uma coleta três vezes e tinha os horários tinha que seguir, aí Jorge saiu para ir sair para verificar valores e tudo e eu fiquei com ele. Aí ele foi fraquinho, né? Já não estava levantando, acabou fazendo vômito ali na cama. Aí eu recolhi tudo, limpei a cama, tirei o lençol, limpei ele e falei:

- Meu filho eu estou descendo vou botar roupinha pra bater e já volto e ele falou, tá?

Deixei ele lá desse não deu cinco minutos. Desci quando eu subi, o telefone chamou era a gerente do hotel onde eu trabalho perguntando como é que ele tava.

- Não a gente foi até o hospital - foi até o marido dela que tinha levado a gente no médico. Eu falei:

-O médico passou alguns medicamentos que eu vou até medicar ele agora porque já está no horário, daqui a pouco eu te ligo.

Quando eu olhei para cama ele tinha pegado, [] e ele nunca gostou de ficar coberto, [] ele tinha pegado o lençol e puxado e jogado todo assim em cima dele. E aí eu achei aquele estranho (voz trêmula novamente), eu falei com ela no telefone para Jana:

- Jana só um minutinho.

Quando eu puxei eu olhei para ele e ele estava todo amarelo parecia que tinham pintado ele quando eu olhei aquilo [], aí eu soltei um telefone, e fui abrindo a cabeça dele, levantei, quando eu abri a boca dele (suspiro) tava da mesma cor, tudo amarelo e uns pontos de sangue. De repente olhei para os olhinhos dele e aí eu abri e aquele sangue, aqueles pontinhos de sangue. (Fala pausada) Nisso Jorge estava subindo aí quando ele subiu eu falei: (voz trêmula)

- José está passando mal, José está muito mal. Vamos para o hospital agora!

Peguei o telefone e liguei para Jana:

- Jana pelo amor de Deus me ajuda que José está passando mal, tá passando mal.

E ela viu meu desespero e falou:

- Vem descendo com ele que eu te encontro no caminho.

- Aí eu só peguei ele, enrolei no lençol porque eu fiquei preocupada de descer com ele e as pessoas verem daquele jeito e se assustarem né ficarem... aí eu fui até para preservar ele mesmo, que ele não poderia estar tendo contato, porque ele estava usando máscara. Enrolei ele e descii desesperada pela rua, aí ela encostou o carro eu entrei e ela:

- Que que foi que que foi?

- Quando eu puxei o lençol e ela viu e ela entrou em desespero. Chegando no hospital o Jorge foi fazer a ficha, eu chegando no portão o médico já me reconhecia, o segurança, mandou eu entrar e eu desesperada falei: (fala bem acelerada)

- Doutor tem alguma coisa errada, tem alguma coisa errada!

Ele:

- Calma mãe!

Aí quando ele olhou e falou assim:

- Ele tá com hepatite mãe.

- Mas como assim, Doutor? Eu tive aqui terça-feira vocês fizeram vários exames, como sempre estão fazendo exame, sempre falam que não dá nada.

- Mãe - aí ele foi explicar as formas de contrair hepatite né - como ele estava muito fraco devido a sepse, e ela tinha atingido o fígado e o baço foi os mais atingidos pela sepse eu falei:

- Tá, e?

Aí ele falou:

- Você não se preocupa porque é uma doença que já tem tratamento então não tem mais aquele risco de... né?

E [] Só que eu sentia meu coração... (chorando) ele [médico] falava, mas eu não acreditava naquilo, porque todo processo do José eu me mantive firme as pessoas viviam tanto que eles falavam 'nossa você é muito, muito centrada' eu sempre preocupava com a questão dele entendeu, só que aquele dia era diferente. Tinha alguma coisa diferente! Aí a gente chegou quando passou 11 horas da manhã e a gente chegou cedo quase foi só se agravando...

Foi agravando, agravando ele começou um caroço de repente, assim questão de horas. Aí ele começou botando uma secreção amarelada pela boca, pelo nariz, depois eu percebi que sair pelo ouvido e ele foi... ele começou a inchar. Mas antes de ele inchar muito assim e para de falar, ele pediu para ver o pai e o irmão.

Aí veio uma psicóloga (voz trêmula), acho que era uma assistente social começou a conversar comigo mas a todo momento eles falavam que tava tudo bem. Aí eu falava que não, não está tudo bem!

E eles falavam:

- Mãe você tem que parar! Você com essa sua insegurança você passa isso para ele.

- Mas não está tudo bem! (Falou com sorriso de desacreditar no que estava ouvindo). Eu estou vendo que não está tudo bem.

Ela pediu para levar o pai Jorge e Arnaldo aí eu achei estranho porque não pode entrar porque que eles liberaram. (Tom interrogativo). Aí liberaram. []. Aí a gente tem um ritual aqui em casa que a gente sempre antes de sair, a gente se abraça e abraça todo mundo, a gente se abraça e a gente se despede, a gente sempre fez isso. [] E ele foi pediu um abraço, mas como a gente não podia encostar nem na cama, devido, o....? aí ela falou assim:

- Não mãe, pode!

Falei:

-Mas a senhora?? Não, mas não é...

- A senhora pode abraçar.

Aí ele falou assim: (voz trêmula)

- Arnaldo eu te amo, papai eu te amo.

Ele falou assim: - mamãe você vai me levar para casa?

Aí eu falei:

- Não, não filho eu não posso te levar para casa porque você está dodói e assim que você ficar bem nós vamos todo mundo para casa.

Aí ele falou assim:

- Mamãe eu estou indo embora (choro doído).

Aí eu falei assim:

- Meu filho você não pode... (choro engasgado) você não pode ir embora porque você está dodói.

-Mamãe, eu vou embora sozinho.

Aí quando ele falou aquilo deu uma coisa, um aperto no coração ele falou assim:

- Chora não mamãe, chora não que tudo passa.

E eu sempre falo isso para eles, tanto para ele como seu irmão dele a gente tem que manter a calma que tudo passa, seja bom ou seja ruim, tudo passa. E ele falou assim 'não fica triste não, mamãe tudo passa' e aí foi as únicas palavras que ele disse. Ele foi começou a inchar, inchar, inchar. A cabeça ficou desse tamanho. (Mostrando o tamanho da cabeça com as mãos) E aí ele foi e eu percebi que a respiração dele... aí eu falei:

- Doutor?

Ele falou:

- Mãe, infelizmente nós não temos aparelhos. Os aparelhos, nós estamos com duas crianças em estado grave, estão com eles e eles fizeram na reunião com as mães explicando que eles estavam graves, mas que José estava mais grave ainda. Eu achei tão lindo o gesto da mãe (voz trêmula) dizendo: 'então se meu filho está grave e o senhor está dizendo que ele pode ficar sem os aparelhos que aquela outra criança está mais grave ainda, retira agora eu dou autorização'.

Eu achei tão lindo o gesto dela porque a gente sempre quer o melhor para os nossos filhos, e a gente sempre olha o nosso lado, pode ser com qualquer outra pessoa, mas se for alguém com a nossa família, do nosso meio, a gente, isso é coisa do ser humano, é coisa nossa. E aí mamãe e ficou meia, né? Aí quando ela viu que a outra liberou, aí eu senti que ela liberou com meio medo, meio receio. Entendo, eu talvez no lugar dela, dependendo da situação talvez não liberasse. Eu não sei, eu não tava daquele lado, tava do outro. Então eles liberaram os aparelhos fora higienizar e levaram ele para uma outra sala.

Aí o doutor falou assim Doutor Valério falou assim:

- Mãe eu quero que você entra e olha ele e saia, porque nós vamos entubá-lo.

Aí foi falando processo, qual seria processo, e aí quando eu entrei na sala quando eu olhei ele eu lembrei de um sonho que eu tive antes dele adoecer: eu via uma pessoa deitada exatamente na posição que ele estava e de repente começava a sair sangue e assim pela boca daquela pessoa eu não sabia identificar se era criança ou ser adulto e eu desesperava saiu correndo pelo corredor com as mãos cheias de sangue. Quando eu entrei ele estava na mesma posição e

da boca dele saindo secreção, não saía sangue e secreção amarelada. E aí eu tive a certeza que era o fim. Eu falei com o Doutor Valério ele já tinha sedado ele e eu [] eu falei:

- Dr. Valério eu gostaria de fazer uma oração pelo meu filho.

E ele falou:

- Mãe, não adianta porque ele está sedado, não vai ouvir.

Aí eu falei:

- Doutor Valério é muito importante para mim, é muito importante mesmo!

Aí um dos, eu não sei o enfermeiro que tava, falou:

- Doutor deixa a mãe fazer.

Aí eu cheguei perto dele assim, né? Ele estava deitado que eles tavam preparando, e falei:

- José meu filho você quer que a mãe faça uma oração por você? Levanta a mãozinha.

E o tempo todo depois que ele adoeceu, o tempo todo ele falava assim:

- Mamãe segura minha mão. As enfermeiras achavam aquilo assim máximo. Tudo ele: 'Mamãe segura minha mão' e assim toda hora que eu segurava a mãe dele, ele acalmava, parava de chorar. Então ele foi levantou a mãozinha aí o médico olhou assim, um olhou para o outro aí ele falou assim:

- Isso é só uma reação, ele não está te ouvindo, é só o corpo.

Aí eu peguei na mãozinha dele fiz a nossa oração. Ele parecia aquelas crianças, num sei se você já viu aquelas crianças quando tem crise de asma, aquela respiração. Ele tava assim e aí eu fiz uma oração, e falei com ele:

- Meu filho, todos nós temos um tempo aqui então hoje eu estou te entregando - eu falei - Hoje eu te entrego nos braços do Pai porque você já cumpriu o que você tinha que fazer aqui e eu não vou te segurar aqui, eu não vou te prender porque eu não tenho esse direito, não tenho esse direito - eu falei - seu o anjo da guarda está aqui e nós te amamos muito e eu quero que você acalme o seu coração porque você não está sozinho. Agora você vai voltar para casa.

Aí aquilo ali foi acalmando, acalmando, assim ficou sereno e já não via. Aí eles me empurraram para fora e começaram em cima dele. Aí eu saí desesperada:

- Jorge acabou! Eu vi exatamente que eu vi no sonho - e eu tinha contado o sonho para ele.

Ele falou:

- Vivi, você tá muito desesperada!

Sabe aquela coisa assim 'para com isso, para com isso'? Aí tinha uma moça que estava lá acompanhando meu processo porque o filho dela já estava internado há um tempo, disse:

- Não, mas você não pode falar assim porque se você fala assim você atrai coisas ruins.

Aí eu falei..., mas...

Aí passou esse período, eu sair que eu me sentindo mal, minha pressão caiu, eu senti muita falta de ar, passei muito mal, falta de ar, falta de ar, não conseguia respirar e aí eles já pediram para mim sair, me levaram.

Quando eu retornei pediram para mim sentar, aí ele perguntou se Jorge estava lá, falei que sim. Aí ele falou:

- Eu quero conversar com vocês. E aí ele foi quando ele disse, começou a falar coisas boas começou a falar assim 'nosso guerreiro, nosso menino' e aí quando eu olhava, eu via que tinha enfermeiras estavam chorando... eu fiquei.... Achei estranho porque é muito natural essas coisas para eles. Aí ele falou assim, eu lembro perfeitamente que ele falou assim:

- Em tantos anos de profissão poucos foram os pacientes que fizeram algo diferente, que marcaram porque não é que as pessoas são menos ou mais para gente aqui todos são iguais as mesmas necessidades de ninguém é menos, ninguém é mais, a gente cuida de todos igual. Não tem diferença. Só que algumas, algumas situações elas, é... como fala... algumas marcam mais do que outras. - E aí ele falou - Mãe, e hoje é uma situação dessas! Ele lutou mas chegamos ao fim.

Quando ele falou aquilo que eu só levantei e saí assim. Entrei na sala e vi. E eu achei de uma generosidade, porque ele tem um travesseiro, tem porque eu estou com travesseiro eu não tiro mais travesseiro da minha cama e... Todo o processo dele, eles não tiraram esse travesseiro. Eu pedi. Eles entenderam que aquele travesseiro era importante para ele era um pedacinho de casa, entendeu? Porque eu falava com eles que ele ficou sozinho que não podia... Eu falava:

- Gente é um pedacinho que ficou de casa, então tem uma importância...

Que às vezes as pessoas não entendem, falam é coisa de criança. Num é! É um pedacinho que eles levam, eu acho importante. E esse travesseiro ele carrega desde quando eu era muito pequeno. E aí quando a gente entrou, o travesseiro tava lá. Eu achei de uma generosidade (choro intenso) em meio tudo, aquela luta deles tentando, né? Voltar com ele, e no final quando eles viram que não tinha mais eles pegaram o travesseirinho colocaram lá então quando eu entrei na sala eu não senti, eu não senti desespero, assim aquela coisa, lógico que o coração tava... Quando eu falo do José eu não choro por tristeza eu choro por saudade porque tudo que ele viveu, não teve desespero em momento algum. Teve dor porque o processo dele, né? Os exames que ele teve que fazer, os medicamentos causavam, né? Reações do corpo físico, né? Então não tinha como eu falar para você que ele não sentiu. Mas ele foi muito sereno.... Tanto porque as enfermeiras falaram:

- Mãe ele é muito sereno, ele é muito sereno.

(Mudou o tom de voz)

Ele tinha um vocabulário era [], usava palavras que eu não uso no dia-a-dia. Ele tinha 3 anos e 10 meses, mas ele era muito avançado tanto que eu chamava ele de meu mini homem, meu mini homenzinho. Por que ele era pequeno, mas ele era muito à frente entendeu? Então quando chegou naquele ponto que eu vi que não tinha mais o que ser feito eu achei injusto. Só que depois que passou e eu perguntei assim[]. Eu não tenho religião, eu não sou de nenhuma igreja. Eu tenho fé. Eu não sigo[]. Então eu perguntei assim: 'Deus'.

As pessoas falam muito assim, em milagre tanto que ouvi 'Você acreditava em milagre e o milagre não foi feito'. Mas foi! Não foi do jeito que eu queria, mas foi! E às vezes eu me perguntava assim, às vezes eu me pergunto: 'será que se eu não tivesse pedido insistido, será que Deus não tinha permitido eu ele ficar?'

E: E qual foi o milagre para você Vivi?

V: Pra mim o milagre foi não ter deixado ele sofrer. Porque eu sei se ele voltasse ele nunca mais seria o mesmo devido à gravidade. Pra você ter ideia a gente não pôde abrir o caixão dele, a gente não pôde abrir o caixão dele... e foi falado que se ele voltasse ia ter sequelas, então o de milagre foi feito! Por todos nós temos um tempo aqui. Isso é certo! A gente nasce e a gente tem o nosso tempo para ir. Mas a gente nunca sabe! O que dói é isso, a gente não saber quando vai ser, né? Então às vezes me pergunto: 'Deus será que se eu tivesse pedido...' Aí depois eu olho e penso: 'não, porque se os médicos falaram que se ele voltasse não seria mais o mesmo, então...'então não tá certo'.

E: Vivi você falou a tua experiência de forma tão vívida que parece que eu vivi hoje o teu relato. Claro que é emocionante demais. E você falou em vários momentos de que sabia que algo estava errado. O que você quer dizer quando fala "desde a primeira dor de cabeça, até a última levada para o hospital, você disse que sabia que algo estava errado" você quer dizer o quê?

V: Quando eu relatei a história para outra psicóloga ela pediu para eu procurar um psiquiatra, por isso que eu saí. Foi por isso que eu saí, e não quis mais. Eu falei para você eu não sigo religião, eu não tenho, eu gosto dele eu acho que procurar algumas coisas, por que às vezes a gente fica sem respostas e é bom a gente ir atrás, pelo menos... []. Desde quando eu era criança e falava que eu ia ter dois filhos, dois meninos, primeiro veio o Arnaldo e aí eu falei com meu marido que quando eu tiver 28 para 29 vou ter um filho e eu vou morrer entre 33 e 34 anos. Eu sempre falei isso. Minha mãe até me levou em médicos, eu passei (pausas) muito tempo da minha vida com a morte me rondando, eu tinha esse sentimento de quando eu tivesse entre 33 a 34 anos eu vou perder algo muito grandioso para mim algo muito grandioso a minha vida. Tanto que eu sempre[]. Tanto que você pode, se você sentar com qualquer uma

da minha família, e meus amigos todos vão relatar isso. Eu sempre fiz essas coisas desse jeito, errando porque eu já erreí muito, ir lá meter a cara, enfiar a cara. Então eu sempre tive sentimentos quando eu fiz 33 esse sentimento aflorou de uma forma que eu fiquei praticamente doente, assim, eu sentia e falava com meu marido 'Gente, eu to...' e aí eu comecei a falar com meu marido e, eu comecei a preparar eles eu conversava com meu filho e conversava assim:

- Arnaldo e se eu faltar você ajudar o seu pai porque seu irmão é muito pequeno.

E: E o José e Arnaldo tinham qual idade?

V: O Arnaldo tem 12...

E: Quando você tinha 33 anos?

V: (mudou a voz). Quando eu tinha 33 o José tava com dois tava fazendo 3, que agora estou com 34 passa em abril, eu fiz 34 em abril. E aí eu fiz 33, foi um ano muito difícil para gente, que eu descobri que estava doente estava no processo, comecei a fazer um tratamento e falei agora é o fim, mas seguindo em frente. Em abril eu fiz 34, dia 24 de abril e dia 28 eu fiz uma cirurgia então aí eu falei 'pronto o ciclo vai fechar ali, ali vai ser.... só que não. Eu fiz a cirurgia, foi. Fiz dia 28 e dia 7 de março foi quando o José teve a primeira dor de cabeça. Quando o José teve a primeira dor de cabeça que ... começou, falei gente tem alguma coisa... eu não sei explicar que... E com a morte do José, aquele dia que ele foi que ele fez a passagem dele, né? Eu parei de sentir. Então vou vivi uma vida inteira sabendo que eu ia perder, (choro intenso) alguma coisa muito importante, eu não sabia o que era. Achava que seria eu, mas depois que a gente tem filhos coloca eles em primeiro lugar. Então, quando José adoeceu eu senti.

Eu tenho uma amiga minha que ela é mediu e recebe, eu falava isso com ela sempre falava e ela falava 'Você tem uma ligação muito forte com José'. E é verdade quando engravidei de José sonhava com ele, olha só para você ver a nossa ligação, eu sonhava que estava grávida e no decorrer dos nove meses eu sonhava e ouvia. Quando José nasceu era exatamente aquele bebê. Como que pode você sonhar uma pessoa que você nunca viu? Quando você... Não é muito?....

E: sim é comum...

V: Gente é uma coisa não pode ser só coisa da nossa cabeça.

E: Então você está me dizendo que na primeira dor de cabeça dele você já sabia que, você já tomou consciência de que ele poderia morrer?

V: Não morrer, porque eu tentei segurar isso até o último minuto. Eu só tive a certeza quando eu vi ali deitado ali, naquela posição.

E: Naquele momento antes de entubar?

V: Ali eu tive a certeza, mas eu sabia que algo acontecer, mas eu num.... quando foi dito que poderia ser uma aplasia eu pensei o médico que o médico explicou que seria só com um transplante e senti um poço de alívio, assim... porque eu falava[], até comentei com meu marido:

- Jorge tem cura! A gente vai atrás, gente busca. Entendeu? Tem que fazer quimioterapia vamos fazer, não é que vai ser fácil, não vai ser, mas tem cura! Aí hoje eu me pergunto se tivesse sido uma aplasia a gente estava com ele aqui, né?

(Interrompido pelo marido oferecendo água.)

E: E como foi o momento que você chegou em casa sem ele?

V: Foram duas experiências ao extremo quando eu ganhei, entrei no hospital com as bolsas e saí com ele e mais umas bolsas. E entrei naquela sexta-feira que faleceu meia-noite e quinze, se não me engano. Eu tive um tempo para ficar com ele, mas eu não quis ficar aquele tempo que eles dão. E quando eu saí... para falar a verdade (choro intenso) eu não tenho palavras é como se aquele pedaço de tempo não existisse. Não existe uma palavra para descrever. Não existe. Quando eu saí do hospital, quando eu cheguei lá fora e aí eu fiquei esperando o carro chegar quando para a gente vir porque que só podia liberar o corpo 7 horas. Aí quando eu fui entrar no carro eu parei e ' Jorge eu tenho que voltar, não posso deixar aí, não tem como eu deixar ele. Parecia que tinha abandonado sabe? Ele tá sozinho. Pois eu não posso... ele não pode ficar sozinho ele sente falta da gente ele sozinho.

Aí o médico falou:

- Ele não vai mais sentir falta ele não sente nada, ele não pode sentir mais nada. Vai pra casa acalma seu coração ele não pode sentir mais nada.

E a minha preocupação é esta. De ver eles levando ele, entendeu? Eu vim para casa, fui para casa da minha amiga, porque eu precisava entrar em contato com a família que eu não sou daqui sou de Vitória e eles me deram um remédio, tudo e eu dormi. Quando eu acordei de manhã eu acordei com aquela coisa assim 'nossa que pesadelo' eu olhei assim, olhei prum lado olhei pro outro, falando 'num to na minha casa, aqui não é minha casa' Aí eu olhei Jorge falou eu estou indo no hospital. Aí sabe? Fique assim, aí eu descí, e Silvia assim, me abraçando e chorando, eu falei:

- Gente o que tá acontecendo? Não é sonho? Está acontecendo?!

E foi um dia, nossa! Não sei nem explicar?

E: E então você precisou lembrar de novo?

V: É muito doído, dia 7 faz 4 meses que ele faleceu. Todos os dias que eu levanto todos os dias é o horário mais difícil para mim assim, aonde as lembranças.... Porque tem um momento que todo mundo deve ter, né? Para mim é ao levantar. Porque eu tinha uma rotina com eles. Eu sou uma mãe assim, extremamente assim. Eu nasci pra ser mãe, eu trabalho e tudo dentro, tipo assim: nós optamos por Jorge trabalhar à noite e eu trabalhar de dia para não precisar botar ele na escola ou com alguém porque a gente sofreu demais com o Arnaldo deixando em creche, então a gente já optou por isso. Então nós tínhamos um horário, tinha o horário do café da manhã, o horário do almoço, a rotina sabe? Eu parei, agora que voltei a fazer comida no almoço, porque eu tinha uma rotina mesmo quando eu trabalhava eu deixava a comida adiantado aí, entendeu? Aí eu demorei um tempo para voltar para cozinha assim porque mudou.

E: Você disse que agora que você está retomando?

V: Agora que eu to. Eu ainda não consigo fazer a janta, por que a janta era... o almoço era a refeição principal mas janta a gente ria muito. Porque você poderia servir um lanche, mas ele queria janta:

- Mamãe que horas vai sair a janta?

- Mas a gente não lanchou meu filho, você não falou que queria comer um sanduícha?

- Não mamãe! Eu queria comer o sanduíche, mas e a minha janta?

Você entende? Então é a rotina, o dia a dia, assim coisas do dia a dia, muito difícil.

E: E o que mudou na sua vida? E como está agora?

V: Agora não tenho mais é... como eu vou dizer, não tenho mais aquele medo que eu ia perder algo que eu já perdi. Não que o Arnaldo seja menos, tem a mesma importância. Tanto que foi quando a gente escolheu seguir em frente, porque eu tenho Arnaldo eu não posso me entregar, quem vai cuidar deles? Você entende?

E aí, nós estamos tentando reformular a nossa rotina. Estamos tentando que nós não nos encontramos ainda às vezes o Arnaldo até reclama, né?

-Mãe, às vezes eu nem te vejo.

Porque ele sai de manhã para escola, eu vou para o hotel, quando saio do hotel vou acaba para o bazar, quando saio do bazar, às vezes eu chego ele tá no quarto, eu tomo um banho e aí 7 horas eu já tô dormindo porque você não tiver com a minha mente ocupada eu penso muito no José. E aí quando a gente pensa a gente não pensa só...

Porque a gente só viveu coisas boas, só coisas boas. Eu não tenho nada pra te falar assim. Ele era uma criança de um gênio muito forte, muito decidido. Quando ele queria uma coisa,

menina, era... nossa ele batia o pé e falava mesmo. E eu, não, porque criança tem que ter limite. Eu falava:

- Olha vai ter que sentar na cadeirinha do pensamento hoje. Porque não dá para você ter tudo que você quer... a vida não funciona assim. Então a gente, tá reaprendendo, né? As coisas que a gente, né? Fazia por ele, a gente tá tendo que aprender a fazer outras coisas. É... ocupar assim... Eu tento ocupar muito esses espaços assim, eu tenho ocupado com trabalho. A gente sai, eu gosto de sair, a gente sempre gostou de sair e ir a praia. A gente continua fazendo isso. Não parei em momento algum, tanto que ele foi enterrado às 15:30. E minha mãe veio para cá só para o velório dele. A gente não abriu o caixão tinha um tempo. O corpo foi liberado às 7h e foi enterrado às 15:30h. Aí eu olhei prum lado e olhei pro outro, minha mãe nunca veio aqui, minha amiga nunca veio aqui. Tinha um ano e meio que a gente tava morando aqui, minha amiga também, nunca dava nunca tinha tempo, sabe nunca?

De repente se conseguiu dinheiro, conseguiu tempo e chegaram aqui. Aí eu falei mãe a gente vai sair vou te mostrar alguns pontos daqui. Aí ela falou:

- Mas filha você acabou de enterrar seu filho?!

Aí eu falei:

-Mãe a minha dor vai estar comigo onde quer que eu vá. Então não vai fazer diferença.

Aí eu levei ela lá em cima do Centro Histórico, gente foi passear. Então assim eu, eu Vivi eu prefiro ser útil tá servindo a alguma coisa, alguém a mim, mesmo a minha família, do que eu me isolar, porque se eu me isolar, é pior, as lembranças vêm atropelando a gente de uma forma assim muito intensa. E aí quando a gente ocupa os espaços que ficaram sozinhos o tempo vai amenizando os dias vão passando e a gente vai aprendendo a viver.

E: Vivi como é que está sendo para você retornar aquele momento que você entrou na sala que ele estava deitado?

V: Então aquele momento para mim não dói tanto (voz trêmula) ... o momento que mais me dói (pausa longa para o choro) foi quando ele pediu para trazer ele pra casa. (Choro) e eu não podia fazer nada. (Pausa e choro). Por que quando eu entrei na sala e vi ele ali, foi só a matéria. Eu já não... via ele mais ali. Nós temos uma foto que foi tirada algumas horas antes dele falecer, foi quando ele chamou o Jorge. E eu olhava pra ele e eu não via. Eu olhava pra ele e eu não conseguia ver meu filho. Pensei que era outra pessoa, não sei explicar, não tem uma explicação, eu não conseguia ver o José. Aí eu tirei essa foto e mandei para uma amiga minha, e falei:

- Sandra, eu acho que eu estou ficando doida, porque eu tô cuidando de uma criança que não é minha.

E ela falou: -

O que você está falando? É o José!

Eu estou do lado dele, ele está com uma roupa que eu coloquei, do jeitinho que eu coloquei, mas eu não consigo ver.

E: E você conversou com essa pessoa quando você estava ali, naquele momento?

V: Aham, foi umas 2h antes dele começar a inchar, e aí eu esqueci dessa foto. (Mudou a voz) O telefone deu problema, (mudou o tom da voz saindo da lembrança) na verdade o nosso telefone nesse dia travou. Parou. Quando ele faleceu, eu não conseguia ligar para ninguém. A tela travou e não conseguia, não conseguia. E aí depois de passar tudo isso Jorge mandou consertar o telefone para ver se a gente conseguia resgatar as fotos dele. E essa foto veio junto, e a gente passando a foto, eu vi essa foto e foi exatamente no momento que ele me pediu para trazer ele pra casa... (choro intenso pausa) ali dói, porque ainda resistia um restinho de vida dele. Ali ainda tinha um pouquinho de vida. Na hora que eu entrei na sala, não tinha mais vida ali, era só um corpo, uma matéria. Eu peguei ele ainda no colo, fiquei um pouco com ele. Elas falaram que eu podia ficar porque depois eu não ia mais vê-lo daquele jeito. Aí eu falei com ela que não que eu não queria porque ele já não estava mais ali, né? E eu sabia que com o passar das horas dos minutos, o corpo iria reagir, aí eu não quis. Eu só abracei ele e beijei e entreguei ele. Não tinha mais o que fazer...

E: Muita força muita, muita presença sua, muita serenidade. Posso parar?

Ela assentiu e eu desliguei o celular. Após isso o marido se sentou, eles me mostraram fotos e falaram um pouco mais sobre o que estavam vivenciando.

Entrevista 2

Bianca, obrigada por participar desta pesquisa, vamos ter uma conversa de 40 minutos, 1 hora, o tempo que for necessário para você falar sobre o assunto.

E- Eu gostaria que você pudesse retornar ao período onde você tinha sua filha, em que ela vivia com você e que você descrevesse em que momento, como foi a morte da sua filha?

B: Você fala o momento que ela começou a ficar doente ou o momento que ela já estava no hospital e desencarnou em seguida?

E: Você pode começar do ponto que você quiser, eu quero que você descreva os seus sentimentos, consiga o que for possível resgatar das suas lembranças, vai ser muito rico, tá?

B: (suspirando). Eu vou tentar em resumo falar de Amanda, que ela era uma menina tranquila e até então saudável. No final de 2014 que ela começou a ficar doente ela ficou doente, o Dr. Felipe que cuidava dela e até o diagnóstico ela perdeu mais ou menos 20 kg e quando foi diagnosticar o que ela tinha realmente foi em 2015, fevereiro de 2015.

E: Uhummm

B: Aí com o tratamento ela reagiu, foi até o Dr. João que atendia aqui, João Guilherme, que começou a acompanhar ela desde então. O ano de 2015 foi um ano de muita luta, porque assim... a gente achou que ela ia morrer lá no início, até então a gente tinha momento que falava - não, agora Amanda vai. Mas ela conseguiu reagir, todo mundo em oração e tudo. Ela viveu com a gente, ainda 2015 todo tomando medicamento, mas, porém com a vida restrita que adolescente não gosta, né? De besteira. E aí quando foi em novembro de 2016, não de 2015, desculpa. Ela começou a voltar a perder peso, mesmo tendo acompanhamento e tudo. Só que até então ela não chegou a ficar do jeito que ela ficou lá atrás: que era uma diarreia descontrolada, que o intestino dela já travou todo, já não funcionava mais quase nada. Aí, quando a gente voltou para fazer o acompanhamento a gente voltou a fazer o acompanhamento aqui de novo e pediu os exames. Aí esses exames demorou um pouco, quando eu fui pegar os exames já era praticamente perto do natal, vem feriado e tudo eu sei que em resumo ela foi pegar o exame dia 18 de janeiro 2016, que aí Dr. João viu que ela estava, eu não sei como fala, com pouco sangue no corpo. E teve que ir para o Luis Eduardo dia 20, foi dia 20, ela foi para tomar umas bolsas de sangue. Até então ela estava bem, fraca, mas estava bem. Quando foi dia 20 foi uma quarta. Foi 20, 21, 22... (contando os dias). Na sexta que eu peguei os exames aqui, que ela me deu, a menina. Que eu mandei para ele, ele mandou eu ir urgente com ela de volta para o hospital, aí eu fui (começando a chorar) chegou lá ela já estava bem fraca (voz trêmula), mas até então falando (engasgou o choro), não sentia dores, só o incômodo dela era falta de ar (pausa, suspirando).

Aí ele encaminhou ela para a sala de RX, ela conseguiu fazer o RX, mas quando foi para fazer uma tomografia ela não conseguia. Porque até então ela não deitava mais, até em casa ela só ficava sentada (voz falhando). Que ela não conseguia ficar deitada. Eles não conseguiram mas pelo RX eles conseguiram ver que ela estava bem debilitada. Ela tinha tido alguma coisa no coração não sei se foi

um derrame alguma coisa e... ele falou que ela tinha que ficar internada, porque ela estava com uma infecção degeneralizada que fala, né? Eles não conseguem encontrar a causa, mas a infecção está lá, que ela ia ter que ficar internada até para tomar antibiótico. E que a situação dela era bem delicada isso na sexta, aí ficamos sexta, sábado, ela deu uma melhorada aí tiraram ela da emergência quando foi de sábado para domingo ela começou a ruinar de novo, piorar, piorar. Domingo 12h o outro médico.... Ela tinha que ser encaminhada para a UTI, mas não tinha vaga. (Pausa). Aí eles falaram que estavam fazendo tudo que era possível nela ali mesmo. Medicamento, ela estava com oxigênio e tudo. E quando foi... e no domingo ela passou o dia praticamente já dopada no calmante, porque ela sentia um incômodo para respirar e dor, ela falava que doía... e ficou praticamente o domingo o dia todo dopada. O pai dela ainda foi visitá-la ela conseguiu acordar e ficar um pouco com o pai e com a tia e foi aí, depois de dois dias eu consegui descer e comer alguma coisa que até então eu não saía de perto dela.

E: Por que você estava o tempo inteiro ao lado dela?

B: Ela não queria trocar, ela não deixava e eu também não conseguia vir embora e deixar ela lá. Então fiquei de sexta até o final, sem vir em casa. Eu tomava banho na (???), para comer só... enquanto ela estava cá em baixo era mais fácil eu conseguia vim comprar água e levar.... Depois que ela subiu ficou difícil porque quando foi no domingo depois das dez ela começou a piorar e eles falaram que iam ter que descer ... que não tinha conseguido vaga nem na UTI que ela precisava de mais sangue, e não tinha também, pois tinha acontecido uns acidentes e o banco de sangue estava bem restrito. Eles falaram que iam ter que descer ela para entubar, que embaixo tinha como manter ela nos aparelhos. Onde ela estava ela não estava tendo o que ela precisava. Já que não tinha vaga na UTI, que ela estava próximo do lugar, mas não surgia vaga para encaixá-la. Aí ela foi, e desceram ela depois de meia noite, uma hora da manhã. Ela, ela.... Desceram ela para poder entubá-la. Foi aí que começou o desespero, até então eles falaram que ela tinha que ser entubada porque ela estava muito fraca, os órgãos dela estavam parando aleatoriamente ia parando um depois o outro e praticamente só tava o coração, o cérebro... pouco mesmo. Ela já não fazia mais xixi nem cocô, não queria se alimentar mais, aí eles falaram... e desceram. Era Dr. Vinícius o nome que estava nesse dia lá. Que Dr. João pediu para dar uma assistência lá. Que falava que tudo que podia ser feito por ela foi feito, tanto lá no quarto que ela estava quanto cá em baixo. Aí eles entubaram ela, já eram 3 e pouca da manhã quando doparam ela de vez para poder entubá-la. Durante a entubação ela quase desencarnou porque ela teve paradas (choro mais intenso) que a pressão dela estava muito, muito, muito baixa, mas aí ela ficou, conseguiram reagi-la. Quando eles terminaram já era quase seis horas da manhã, aí ele falou que geralmente quando a pessoa é entubada eles levam de 48 a 72 horas pra ter certeza se vai reagir ao medicamento ou não, mas no caso dela ela passou a segunda-feira toda entubada, no decorrer do dia eles dando assistência, mas quando foi no final da tarde ela começou a cair a pressão dela de novo. Eles mostraram um aparelho que tinha que ficar atenta, aí do nada o aparelho desligou e eu chamei o pessoal. Eles mandaram me recolher da onde ela estava e foi rapidinho, questão de meia hora, nem

meia hora, ela... eles vieram falar que a minha filha tinha (engoliu seco) desencarnado. Aí eu entrei em desespero, porque até então eles não falaram... falaram que ela tinha tudo para reagir era uma menina nova que num sei o quê, e tudo..., mas na verdade que médico fala, né? Mas na verdade eles sabiam que ela não tinha muita possibilidade de reagir.

E foi aí que começou o desespero, foi aí que minha vida... vai fazer 3 anos. Mas... Falar isso tudo é como se fosse ontem. Num muda nada o tempo... aí foi... e aí... ela partiu... minha filha.

E: Você falou que pensou que ela fosse morrer em 2015?

B: Foi (!) quando ela ficou muito ruim mesmo. Ela fazia muito vômito, ela tinha um descontrole no intestino que ela... quando a gente via ela já estava toda... tinha feito as necessidades na roupa ela ficou usando fralda um tempo... uns 2 meses.

E: E ela tinha quantos anos?

B: Quando ela ficou doente ela tinha 13 aí ela fez catorze e desencarnou com 14. Então ela iria fazer 15 em março, no caso.

E: A sensação de quando ela ia morrer em 2013 foi a mesma sensação de quando vocês foram ao hospital em 2016?

B: Não... não... porque a sensação de que ela poderia morrer no final de 2014 pro início de 2015, era que ali você via que por mais que ela lutava, mas ela estava fraca. Ela ficou sem andar, a gente carregando no colo, a gente teve que levar no banheiro no colo. Sabe o que a pessoa ser forte, que ela era enorme tinha um corpão e ficar na pele e no osso?

Então ali você vê: minha filha não vai aguentar muito, ela não tem capacidade e nem psicológico pra aguentar essa carga que ela está carregando. Era médico, psiquiatra, era tudo que era médico a gente começo a levá-la. Então assim, até ela falava: - mãe eu não agüento mais, tá sofrido pra mim.

Porque o mês de dezembro todinho... sabe o que é passar o natal na emergência, virada na emergência, e ela só sobrevivendo? Pagar alguém pra ficar indo em casa botar ela no soro, porque ela teve que ficar no soro 15 (...) foram 10 dias seguidos pra poder não, não... porque ela não conseguia comer, porque era o soro que guentava ela então ali você sentia... Já não tinha mais nem onde achar veia. Ali você falava, todo mundo falava: minha filha não vai agüentar, você evitava visita porque via que ela não gostava que as pessoas encontrassem com ela tão magra, caiu cabelo. Tinha um cabelão, caiu tudo. Ficou não 100% careca, mas sobrou uns 20% do cabelo que ela tinha. Ali tudo você vê, puxa minha filha... quando ela reagiu que foi depois de fevereiro março, foi aí que a gente viu que ela era forte e aguentou. No caso quando ela... no momento em que ela esteve no hospital, em nenhum momento eu achei que ela poderia morrer, porque... já que ela tinha passado por aquilo tudo e guentou.... Não era só alguma coisinha que daqui a pouco... tanto que eu levei ela pro hospital, e eu tenho um filho agora ele tá com 7 anos, eu falei: - mamãe vai levar Amanda no hospital mas a gente volta, como a gente sempre ia e volta, como várias vezes que eu fui e voltei, fui e voltei. Então ninguém esperava, foi muito rápido mesmo, ela foi internada numa sexta e morreu na segunda feira, então por tudo que ela

passou no final de 2014 pro início de 2015, ninguém imaginava que ali ela iria morrer. Entendeu? Ninguém imaginava mesmo!

E: E depois que você entrou no hospital o que você sentia?

B: De qual vez?

E: Da segunda vez que você não saiu do hospital com a sua filha?

B: Até então eu sentia que eu ia sair com ela de lá. Lá no hospital quando a gente tá no hospital a gente se sente segura, né? E eles estavam dando bastante assistência, eu não tinha do que reclamar, eles estavam atentos, eu sentia que eles estavam fazendo de tudo para eu sair de lá com a minha filha. Só que na verdade, antes de eu sair com ela para o hospital, eu cheguei a falar com a minha irmã que Amanda não tinha forças para pra viver, há uns dois dias atrás eu pedia para ela comer, ela não queria. Só reclamava que não conseguia porque não estava conseguindo fazer cocô, por que no caso ela tinha colite, e lá no início de 2015, estava tudo solto, ela não controlava a vontade, e cá no final quando foi para ela morrer, foi ao contrário travou tudo.

E: Ahamm

B: Então foi tudo ao contrário. Lá quando eu achei que ela ia morrer ela tinha uma diarreia descontrolada, usando fralda fazendo vômito, e cá não, ela não...

Ela conversou com o pai no domingo, foi surpresa mesmo, quando ela rea... quando ela piorou no domingo foi... (pausa)

E: Quando o médico pediu para você sair da sala...

B: Eu já sabia, eu já sabia que a minha filha estava morrendo.

E: Em que momento você soube, precisou do médico falar?

B: Precizou, o médico veio e falou... que infelizmente a minha filha não agüentou. Que ela veio a óbito, que nesse momento a gente perde totalmente o controle, né? Todo o equilíbrio que eu tinha eu perdi e entrei em desespero. Mas eu estava com o pai dela, ele estava lá fora, e na mesma hora eles mandaram eu sair da sala, eu liguei pra ele e falei João entra que Amanda está morrendo. Aí o segurança autorizou e ele veio. Mas foi rapidinho, foi questão de 20 minutos eles saíram pra falar. Eu percebi porque um enfermeiro que estava cuidando dela antes do médico vim falar, o enfermeiro já saiu chorando. Aí depois eu até comentei, que eu nunca vi um enfermeiro ser tão sensível, porque geralmente eles trabalham lá num pode... quando eu vi o enfermeiro chorando eu falei: João, já morreu, João, já morreu. Ele: Calma, Calma. E eu falei não tem como, o cara saiu chorando. E ele tinha falado comigo o dia todo, o enfermeiro. Aí logo em seguida o médico veio falar que ela tinha vindo a óbito, pra mim e pro pai dela.

E: E naquele momento em que veio o desespero: quais foram as lembranças que vieram à sua cabeça?

B: Na verdade não vinha lembrança nenhuma, vinha vontade de querer minha filha de volta. Vem o desespero de fazer alguma coisa, fazer alguma coisa, traz minha filha. Cheguei até a reclamar com eles, porque a gente perde totalmente o equilíbrio nesse momento, mas lembrança não veio nenhuma. Veio o desespero que isso não está acontecendo que era só um sonho pesadelo, cê fica sem querer

acreditar no que está acontecendo. E fica nessa. Tanto que eu saí de lá deixei o pai dela resolvendo com pessoal lá que tinha que assinar os papéis e tudo.

E: E você saiu de lá como? Com quem?

B: Eu fiquei cá fora, tinha gente que me conhecia e ele pediu pra ficar comigo. Só que na mesma hora eu liguei para minha irmã vir me buscar e me ajudar a minha irmã desceu e tinha um sobrinho meu que mora lá que também, chegou rapidinho, chegou gente lá que eu nem. A notícia espalhou-se chegou um pessoal lá na mesma hora para ajudar, mas aí eu não resolvi nada minha irmã que foi lá.

A única coisa que eu queria era ter ficado lá e eles falaram que não ia como eu tinha prometido ficar com ela até o final e eles falaram que não ia adiantar porque era um processo demorado que era para eu ir embora. Aí eu vim embora do hospital, já era o quê? Umás 7 horas,7 pouco eu já estava em casa já. Mas foi horrível.

E: E como foi chegar em casa Bianca?

B: Ah... cê chegar em casa cê topar a casa cheia já de gente. E ver minha mãe. Saber que eu fui várias vezes e voltei com a neta dela, sem Amanda foi um desespero. Ver que eu fui e voltei sem Amanda, sem a neta dela. Ver minha mãe e meu pai sofrimento eles tinham um carinho enorme por ela então assim foi muito doloroso, muito, muito mesmo. (pausa) Ah! Tinha bastante gente lá muita mesmo eu só abracei minha mãe pedi desculpa veio aquela sensação de culpa e a neta dela não voltou. (Suspiro e choro) Com meu pai a mesma coisa e fui tomar um banho. (Choro e pausa.)

Aí até então eu não tinha falado com ninguém não. Só com eles dois mesmo que fui tomar banho e depois eu apaguei. Eu não... Eu tomei um banho eu lembro que eu deitei no sofá de uma das salas da minha mãe, e dormi. Quando eu acordei já foi de madrugada - por que eu já tinha o quê? Sexta sábado e domingo sem dormir - quando eu fui acordar já foi de madrugada e o corpo dela já estava lá o corpo chegou e eu não ouvi o desespero de ninguém. Nem do pai meu pai a hora que chegou o corpo ele entrou desespero, os meus sobrinhos tudo e eu não ouvi. Mas eu não lembro se eles me deram alguma coisa até então eu só tinha bebido água e eram três da manhã (fungando) e fui para perto do corpo dela então eu já não tinha mais forças para gritar ou ficar lamentando. Aí eu só sentei do lado dela e só saí na hora do enterro, saí umas duas vezes para ir no banheiro e voltar aí eu só saí depois na hora do enterro. Mas até então eu não saí para tomar banho comer nada.

E: Como foram os dias seguintes Bianca?

B: Depois do enterro?

E: Sim

- Os dias depois do enterro foram muito sofridos. Noutro dia eu tive que dar as notícias para o irmão dela, estava na casa do pai eu não deixei e até hoje eu acho que eu errei, porque fala que tinha que ter se despedido e tem tinha que ter visto o corpo da irmã e eu achei melhor privar. Aí no outro dia o pai dele trouxe ele de volta para mim. E eu falei para ele que a irmã dele tinha virado estrelinha, um anjinho e que tinha ido morar com papai do céu, aí ele chorou um pouco, mas como ele só tinha quatro anos na época ele ficou bem, mas eu não, na verdade nos primeiros meses dá aquela sensação de que

ela tá viajando não é verdade que ela está fazendo uma viagem e que depois eu fui pesquisar tem aquela coisa de fases de luto, né? A negação. Então dava a sensação de que minha filha que ela estava viajando e que ia chegar a qualquer momento. Por mais que eu ia no cemitério com frequência levava flores e ficava lá tudo. A sensação era essa que ela ia voltar a qualquer momento e eu ia ter a minha filha de volta. Ficou um bom tempo assim. Eu voltei a trabalhar, todo mundo estranhava, eu voltei a trabalhar com quinze dias num turno e no outro eu voltei com um mês. Voltei pra minha casa com quinze dias, eu voltei pra minha casa. Depois da missa de sétimo dia. Esperei fazer 30 dias para chamar quem queria tirar as coisas do quarto dela tudo para desmontar a parte do guarda-roupa a roupa essas coisas que o guarda-roupa e a cama Enzo falou que eram dele ele queria todo mundo falou que eu ia passar ia ficar sempre assim. Aí com 30 dias minhas irmãs foram lá eu, mais duas irmãs, minha sobrinha separamos as coisas quem queria alguma coisa pegou tudo. E o que sobrou a gente amarra num saco num saco e levaram para doação. Era muita roupa mesmo. Muito sapato. Aí foi seguindo.

E: E como foi doar as roupas da sua filha?

B: Então isso que eu tô falando, até hoje eu falo que eu ajo de momento foi tão assim... Parecia, parecia que eu não tava em mim. Foi assim. Eu não posso eu sempre falei assim o que a gente não usa a gente doa. Tudo que eu quis eu peguei, ela tinha 14 anos, mas o corpo dela de mulher, até ela ficar doente. Aí ficou nessa a gente simplesmente separando e guardando aí ficou lá o quarto ficou mais de um ano eu não pintei eu não arrumei estava só mantendo do jeito que era, demorou.

E: Em que momento você percebeu que ela não estava mais viajando Bianca?

B: Foi acho depois de seis... foi depois do mês agosto. Cara (!) foi depois de 7 ou 8 meses que eu entrei em desespero, que passou a festa aqui da santa que veio toda aquela dor de quê (suspiro). De que pequena, veio as lembranças de que ela se vestia de anjo tudo, tudo que tinha na igreja ela ia de anjo, as pessoas tinham a fazer uma questão de chamar, porque ela tinha um cabelinho assim. Quando passou essa festa de agosto que eu vi só tava eu e Enzo tudo aí é que eu comecei a ver que ela não voltava. Aí veio choro com frequência, até então eu dormia de vez em quando, mas eu dormia então eu passei a não dormir, não dormir.

Aí vendo Doutor Felipe conversei com ele, ele medicou mas o medicamento não me mantinha tranquila mas não me fazia dormir, por mais que eu tomava o medicamento eu não conseguia dormir. Aí quando começou... a minha mãe começou a ficar preocupada que eu já estava com isso aqui, as olheiras. Perguntava se queria que alguém fosse morar comigo. Aí eu falava que não que ninguém ia substituir a ausência de Amanda. Que se tinha que ficar só eu e Enzo ia ficar só eu e Enzo. Aí de vez em quando alguém muito forçado dormia lá, mas eu nunca quis ninguém morando comigo. Aí quando chegou o mês de outubro, aí minha mãe falou assim minha filha - eu já não estava bem no trabalho estava toda hora saindo para chorar em sala de aula, que as meninas ficavam: - Bianca tá na hora você procurar ajuda.

- Que ajuda gente, a ajuda que eu preciso é minha filha, vocês têm como trazer ela de volta? Não! Aí elas falaram procura ajuda psicológica por que você não está bem. Por causa do Enzo eu comecei a procurar ajuda. Mas já foi no mês de outubro, já tinha nove meses que ela tinha partido. Aí eu comecei até ajuda porque eu tinha medo de surtar e perder também Enzo porque se eu não me cuidar eu vou acabar tirando Enzo de mim porque vai provar que eu não ia ter como trabalhar, o pai vai começar a cismar. Aí que eu ia ter como me cuidar, além do medicamento que eu tomava estava fazendo terapia. Aí eu comecei com a psicóloga.

E: Quais foram as mudanças na sua vida depois que ela partiu?

B: A mudança radical. Muda tudo muda tudo, tudo, tudo na hora do café da manhã, hora do almoço, hora da janta, muda tudo muda no início eu almoçava depois que ela chegar da escola, que eu nunca gostei de almoçar sozinha então uma esperava outra. Então foi muito complicado você ficar achando, logo quando eu tava naquela situação que ela tava viajando né? Eu não almoçava na hora do almoço eu botava, ficava olhando para comida remexia, mas não comia. Tinha dia que nem o prato eu fazia eu ficava bebendo água, suco, mas comida era bem difícil eu não conseguia comer. Eu vim voltar a comer depois que Enzo ficou reclamando pra minha mãe e pra minha irmã, a tia dele que - a minha mãe não come viu minha tia ela coloca comida fica remexendo joga fora não come. Aí que eu voltei a comer aos poucos, eu ficava na salada, mas bem pouco mesmo. Mas muda muito a rotina, é totalmente diferente, por mais que já vai fazer 3 anos, é... Todo dia é aquele tormento que tá com ela, cuidar dela, fazer as coisas para ela, por mais que ela era grande tinha 12, 13, 14 anos mas ela sempre gostava que eu fazia as coisas pra ela, preparasse o prato tudo era eu que fazia pra ela dificilmente ela ia fazer alguma coisa. Ela era bem mimada, bem dengosa apesar de já praticamente adolescentes era bem dengosa, gostava de grude de ficar comigo. Eu tinha que fazer o leite dela antes de dormir, tudo era rotina com ela. Que é a mesma rotina que eu faço com Enzo, mas não substitui. Não tem esse negócio de que um filho substitui o outro não. Às vezes eu fico até com dó, porque eu cheguei a demonstrar muito, muito, muito a saudade por ela, que ele chegava a passar na minha cara que eu gostava mais dela do que dele. De acordo com que ele foi crescendo e ele também sofria porque ele ficava... passava que ele queria, chegou o momento que ele falou para mim que ele queria ir para onde Amanda estava, que ele queria morrer e queria que você morresse para encontrar logo com ela. Então eu vi que o meu sofrimento na cabecinha dele era a única forma dele não me ver sofrendo ia ser encontrar com Amanda. Eu falava que não tinha como! E aí por mais que eu fazia terapia tomava medicamento não adianta, é uma dor que não adianta, remédio... não tem cura para essa dor não tem cura, ela vai, ela vem, ela vem forte, em datas ou em ocasiões como agora, que eu tenho que falar sobre isso ela vem grande forte, derruba. E aí tem momentos que ela fica aqui, a gente não esquece aí você consegue botar um sorriso no rosto, botar uma maquiagem para sair com uma amiga mas ela não some não, ela fica no decorrer dos anos, ela fica. Porque eu conheço pessoas que já tem mais tempo que eu e ainda está bem sofrida. Então assim às vezes eu acho que já tem tempo vai fazer 3 anos já não era pra eu tá desse jeito, que já era para eu ter parado a terapia, ter parado lá no Núcleo Espírita as terapia pra tá me

dedicando aos trabalhos mas não. Vem tudo como se fosse ontem, é uma dor que só quem tem pode falar, não adianta outra pessoa vim para me consolar e falar assim: - pra ficar bem que é melhor ela ter morrido do que tá sofrendo, se ela tivesse sobrevivido ela taria toda nos aparelhos como os médicos explicaram, ela não ia viver uma vida igual a todo mundo ia ser uma menina restrita muito restrita. Então agradeça a Deus que ele achou melhor levar.

Não tem como agradecer não tem como você agradecer: Ah Deus obrigada Deus por levar minha filha! E não ter deixado ela sofrendo. Acho que não existe essa mãe que tem esse pensamento que tenha essa visão de agradecer. Aii (!!!) Obrigada foi muito melhor assim, é melhor mesmo pra ela, foi bem melhor. (tom de ironia)

Não tem como! Por que...

A gente se torna uma pessoa egoísta por mais que ela taria doente por mais que ela esteja doente eu queria ela aqui, não do jeito que era pra ela tá ela estava restrita a muita coisa eu queria ela bem, se fosse pra ela ficar bem eu queria ela aqui mas infelizmente não é assim. Ela se foi ela se foi fica a dor, fica a saudade fica a sensação de que a gente fez pouco que eu poderia ter feito mais, ao mesmo tempo vem: eu fiz o que eu pude eu fiz tudo que estava ao meu alcance por ela eu fiz tudo que estava ao meu alcance tudo aqui na região oferecia para ela de exames eu fiz. Então assim é bem complicado, que não tem essa dor não dá para falar. Então às vezes quando eu vejo eu falo que é pecado uma pessoa falar de uma dor que não sabe. (Falou com raiva)

E: E você escuta muito as pessoas tentando diminuir a sua dor?

B: Eu já escutei mais, mas hoje em dia eu como optei por me isolar de tudo para não ouvir certas bobagens então a gente acaba não ouvindo que o meu convívio é maior e com a família.

E: você se isolou?

B: Muito, muito mesmo eu era uma pessoa que eu saía muito, hoje em dia é uma vez de dois em dois meses que eu saio para algum lugar e olhe lá... Justamente por isso que a gente passa a ter a sensação de que a gente se torna uma pessoa diferente, então assim, é muito complicado, hoje em dia quando você vê pessoa reclamando por causa de uma dor no dedão do pé, ou de uma mão quebrada, eu olho e falo: Você não sabe o que que é dor, pa tá reclamando então para não ficar eu preferi... de casa pro trabalho, do trabalho de Centro Espírita, a casa da minha mãe aqui onde eu fico no final de semana e às vezes eu saio por causa do Enzo, por que quem me faz sair mais é o Enzo.

E: Bianca, você falou essas coisas diferentes que você vê as coisas de outra forma. Você consegue me descrever as coisas diferentes que mudaram na sua visão?

B: Ah muita... Descrever é complicado porque a sensação que a gente tem que muda tudo muda o... você se ver, muda o... a sensação como as pessoas que tratam de dó, é de piedade entendeu? Até a psicóloga puxa muita minha orelha que eu não posso ficar com esse pensamento, mas infelizmente todas as mães que eu converso porque eu passei a ter contato com muitas mães de anjo, elas falam que muda que muda tudo que você perde totalmente o sentido da vida que a gente chega a pensar em fazer besteira em querer encontrar com ela de qualquer jeito eu acho que por isso que vem essa falta de

alimentação essa vontade de não querer comer e não querer nada para ver se a gente vai logo. Mas aí não adianta a gente muda porque você se torna uma mãe anjo você se torna uma pessoa como... uma pessoa se você olhar uma pessoa deficiente, tem aquela pessoa que é deficiente da visão, da pele. E a minha deficiência é o filho, como se tivesse tirado um pedaço de mim. Então você se torna uma pessoa, ao olhar dos outros, deficiente, diferente só que só com a diferença da piedade. Ahhh !! Acho que é a mesma coisa que eu tenho uma amiga que é deficiente, que quando ela perdeu a visão que ela falava que as pessoas tinham pena e piedade dela, então é isso que eu sinto quando eu saio dos lugares. Principalmente não sabem, quando perguntam se você tem eu falo o que eu tenho aqui e tenho uma que Deus levou de volta. Aí vem logo um - Oh dó! Eu sinto muito. Sente muito o quê, já foi! Aí começa a perguntar como é que foi, e eu prefiro nem falar, tá bom. Ou então, nem fala nada só corta, muda o assunto porque: Oh dó, não vou falar não se não ela vai começar a chorar. E realmente dependendo do momento ou da ocasião eu choro tem ocasião que não, eu consigo conversar sem chorar depende muito do dia do momento sei lá, mas que muda, muda muito.

E: Bianca quando as pessoas te tratam com pena. O que você sente lá dentro de você antes de você falar qualquer coisa?

B: Às vezes eu não falo é nada. Não é uma sensação de raiva, é uma sensação estranha - até eu tava conversando com a psicóloga - por isso, porque por mais que eu evito por mais que eu tento achar que não, as pessoas têm pena, então acho que é por isso que vem no isolamento vem essa sensação de não querer sair porque a sensação que dá é que as pessoas olham com pena ou olham com assim: Bianca você aqui? Então eu não posso mais ir nos lugares? Então são essas duas sensações de pena e de achar um absurdo eu estar em alguns lugares é muito difícil.

E: Você se incomoda com sentimento de pena dos outros e você se sente cobrada por não poder se divertir depois de ter perdido a filha?

B: Sim, porque dá essa sensação que é complicada por isso, que a gente possa ter nosso momento, que eu tenho o meu momento: eu não estou bem que a saudade é grande e que eu não tenho vontade de sair. Mas ao mesmo tempo tem época que eu consigo. Falo: Ah, não, hoje eu vou sair vejo se uma das meninas querem sair tudo. Eu tento, mas não que isso faz com que eu esqueça do meu luto, que eu tenho essa dor aqui dentro de mim. Mas a sensação é essa, que as pessoas olham como se eu não poderia mais.

E: E você acha que você pode?

B: Não é que eu possa. É igual eu falei lá na casa de mainha, pra psicóloga, lá no núcleo com Mariella, não é que eu possa, a minha vida se tornou flexível, de momentos, tem momento que eu sinto que eu posso que eu consigo ir no aniversário, ir na rua, me divertir. Poucos momentos. E quando eu faço, logo depois, não sei se é do olhar ou das perguntas, que as pessoas fazem: você aqui e tal, que vem aquela sensação de que eu não posso? Aí vem a recaída, vem o chororô, vem a depressão, vem a saudade vem tudo de volta, então fica aquela coisa, de aquele sentimento confuso: de que eu posso ou não posso? Para as pessoas, eu não posso, mas para mim o que eu quero da vida eu vou viver? Eu vou

viver enlutada em casa o resto da vida? Igual as pessoas... Ou eu vou me dar o privilégio de tentar continuar? Pra mim e pra ela no mundo espiritual ela está continuando e aqui eu tenho que fazer com que eu também continue, até que por causa de Enzo porque quando eu estou no meu momento de que não quero nessas recaídas eu prejudico com ele porque ele fica também prejudicado aí fica essa, essa...é complicado, bem complicado.

E: O que a experiência de vida com a tua filha te ensinou?

B: Eu falo que ela era a filha que todo mundo queria ter. Ela foi uma criança com tranqüila bem tranqüila, tranqüila nunca deu trabalho aí até 6, 7 anos. Ela estudou comigo lá na escolinha igual Enzo de 1 a 6 anos, aí ela mudou de escola não deu trabalho sabe aquela criança que todo mundo admira ou mais sempre foi calada. Amanda era uma menina que você não sabia que ela tava sofrendo ou assim infeliz. Ela sempre foi muito neutra até as amigas dela depois que ela partiu as amigas dela falava: - Tia a gente não sabe falar o que incomodava a Amanda.

Porque ela é uma menina que não reclamava, Amanda era uma menina que para tudo estava bom e se ela não gostava também não discutia. Ela simplesmente se calava, então foi uma filha que eu falo que todo mundo queria ter, e eu tive o privilégio de ter sido mãe dela (choro) apesar de tão pouco tempo, porque 14 anos eu acho que não é nada, né? Para você se falar que foi muito tempo foram só 14 anos, mas foram ótimos 14 anos então eu aproveitei igual aproveitei de Enzo tudo que eu vou dar fazer eu tenho que encaixar ele comigo e com Amanda era a mesma coisa meu dia era com ela até ela sentir sono pra dormir depois eu pensava em me divertir e se eu pensava que ela estava doente eu nunca - Ah minha filha você cresceu - e eu nunca fui de falar: Eu deixei minha filha doente para ir a algum lugar. Nunca! Você tava comigo, se você precisava eu estava ali, foi muito bom ser mãe dela foi uma experiência muito boa mesmo eu só tenho agradecer por ter sido mãe dela porque era uma menina que todo mundo admiravam todo mundo todo mundo.

E: Como está sendo hoje para falar dessa situação de voltar no tempo pensar sobre seus sentimentos?

B: Ah é bem complicado, não é que é complicado, é doloroso. Você ir lá, lembrar dela desde pequena até o último sopro dela é bem complicado. Acho que para qualquer mãe, né? Independente de como foi a partida é complicado. Falar de um filho vivo é ótimo falar do filho que já está nos braços de Deus é complicado. Hoje em dia eu falo em Deus, mas eu já fiquei mais de um ano sem falar no nome dele eu fiquei revoltada.

E: E quando Amanda desencarnou o que morreu em você também?

B: A minha fé. Foi a única coisa que eu posso afirmar com convicção que morreu dentro de mim e junto com ela foi a minha fé porque eu ficava: Aonde está esse Deus? Onde tá esses santos todos que a gente rezou? Que deixou minha filha ir tão nova, tão nova, foi a única coisa que foi junto com ela. Hoje é um dia posso dizer que voltou, mas não, não assim hoje em dia a gente aprende o que é, tem um ser superior que controla tudo. Ele dá ele leva, ele que tem o controle de tudo, mas até mais de um ano de que ela partiu eu ficava... minha mãe está até brigava porque minha mãe é bem católica. Meu irmão é evangélico. Eu falava: Que Deus? Que Deus? Tem tanta gente ruim, tanta pessoa ruim que

fica aí vivendo anos e anos, gente velha ruim, que fica velha e dando trabalho pra família, e levou minha filha só com 14 anos e e eles ficavam tudo revoltado foi naquele momento que eu estava no momento da não-aceitação que eu tinha que culpar alguém eu não podia culpar o médico porque, até então eu vi que eles fizeram de tudo não tinha nem como eu culpar eles porque eu fiquei ali o tempo todo e eu ficava de oração, como lá naquela época que eu achei que ela passou ele tinha trago ela de volta para mim. Por que não ali? Ele não me devolveu ela de volta? Então veio a revolta, o que eu perdi junto com ela foi a fé. Por um tempo eu ficava revoltada eu não rezava mais eu não rezava mais. Quem vai me ajudar se foi ele não colocou essa dor?

E: E você ganhou alguma coisa com a partida da sua filha?

B: Ahh! Não é que a gente ganha, a gente aprende a ver a vida de outra forma, você vem com aquela vontade que... Poxa eu tenho que viver de momentos se é pra fazer aquilo, vamos fazer que a vida é um sopro. Ela se ela acabou pra minha filha do nada. Imagina para mim, pra Enzo, imagina pra outras pessoas?

Então o que a gente aprende é isso, com a perda de um ente, que a vida aqui é passageira, você não tem tempo determinado, idade nem nada, a hora que acabou você tem...

E: E você está vivendo a sua vida, igual você está falando pra mim que é de momento?

B: Às vezes eu consigo, igual eu falo: hoje eu vou me dar o prazer de sair por mais que eu tenho a minha dor. Porque também as pessoas cobram, minha família fala: ah minha filha você tem que sair, você gostava de sair. Às vezes eu consigo, mas às vezes não. Às vezes eu consigo pegar Enzo, ir pra Porto no cinema, passear, mas isso é bem difícil, a vontade maior é ficar em casa. Mal, mal vir com ele aqui na rua tomar um sorvete e voltar.

Mas a gente aprende, por causa do momento, não dá para falar o quê, mas você se tornar mãe de anjo, você consegue ver que você não é tão fraca, igual eu sempre me achava, então se eu estou conseguindo sobreviver já vai fazer 3 anos eu posso falar que eu sou até uma pouco forte.

E: Bianca, a sua experiência é muito sensível.

Porque você fala parece uma flecha aqui dentro

Ouvir seu relato para minha pesquisa vai contribuir imensamente.